

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

VANIA MARIA FERREIRA SILVA

**MORTE: CREPÚSCULO OU AMANHECER?
A CRISE ANTE A MORTE E A RECONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE
RELIGIOSA DO ADULTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**RECIFE
2008**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**MORTE: CREPÚSCULO OU AMANHECER?
A CRISE ANTE A MORTE E A RECONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE
RELIGIOSA DO ADULTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**Dissertação de mestrado apresentada
à Universidade Católica de
Pernambuco como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Mestre em
Ciências da Religião.**

**Linha de pesquisa: Campo Religioso
Brasileiro Cultura e Sociedade.**

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Alencar
Libório.**

**RECIFE
2008**

S586m

Silva, Vania Maria Ferreira

Morte : crepúsculo ou amanhecer ? : a crise ante a morte e a reconfiguração da identidade religiosa do adulto na sociedade contemporânea / Vania Maria Ferreira Silva ; orientador Luiz Alencar Libório, 2008.

228 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2008.

1. Psicologia e religião. 2. Morte. 3. Luto. 4. Perda (Psicologia). 5. Identidade - Aspectos religiosos. Título.

CDU 2:159.9

VANIA MARIA FERREIRA SILVA

**MORTE: CREPÚSCULO OU AMANHECER?
A CRISE ANTE A MORTE E A RECONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE
RELIGIOSA DO ADULTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Católica de Pernambuco
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em
Ciências da Religião.

Linha de pesquisa: Campo Religioso
Brasileiro Cultura e Sociedade.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Alencar
Libório.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório (Orientador)

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão (UNICAP)

Prof. Dra. Giselda Brito Silva (UFRPE)

**RECIFE
2008**

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Glauber e Amanda, verdadeiros cirineus nesta minha caminhada.

Queridos, tenho consciência de que se não fosse a contribuição de vocês, na forma como puderam se doar, eu não teria conseguido concluir esta tarefa, que me pareceu tão rica, mas também tão árdua.

Creio que este trabalho representa uma semente que poderá germinar no íntimo de vocês, ajudando-os nas suas existências rumo à evolução.

AGRADECIMENTO

Ao professor Libório, meu orientador: sou profundamente grata por sua atitude de confiança e respeito ao meu ritmo e estilo de caminhar, aspectos fundamentais na realização deste trabalho. Que Deus o abençoe, sempre!

A todos que estiveram comigo nesta jornada, minha sincera gratidão.

Neste momento, visualizo as bênçãos divinas envolvendo a todos vocês, de modo geral e, a cada um em particular. É o que posso lhes ofertar de mais precioso, nesta ocasião.

A você, Lucy, um agradecimento todo especial! Você, inúmeras vezes, funcionou como um verdadeiro anjo, iluminando meus caminhos, às vezes tão tortuosos.

Agradeço a Deus por ter podido contar com o apoio de cada um de vocês!

UM PEDIDO DE PERDÃO

À você, Ana Flávia, minha afilhada querida, por ter me mantido tão distante por tantos anos... Quando você ler a introdução deste trabalho, compreenderá o quanto a sua história reverberou em mim. Talvez a sua dor e de toda a sua família, tenha sido o estímulo maior para a minha caminhada psico espiritual.

Que Ceomar e Zeca, sejam abençoados, onde estiverem, neste momento.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo geral identificar pensamentos e sentimentos das pessoas ante a morte, buscando compreender como esta crise interfere na identidade religiosa do adulto. O trabalho visa identificar como a crise ante a morte interfere na reconfiguração da identidade religiosa dos adultos pesquisados bem como averiguar se dentre os sentimentos elencados surgem medos relacionados à morte e a situação pós-morte. Esta pesquisa usa a abordagem qualitativa dos dados, sobretudo por não se pretender generalizar resultados. A partir desta perspectiva, utiliza-se o método fenomenológico, com o propósito de identificar os significados dos sentimentos vividos pelos adultos, diante da crise ante a morte. Para alcançar os objetivos propostos, o instrumento da coleta de dados é a entrevista semi-estruturada, baseando-se em duas perguntas norteadoras. A amostra consta de doze sujeitos com idade entre cinquenta e quatro e noventa anos que se declaram pertencendo à religião católica, espírita, evangélica, sem religião definida e alguns que se auto-atribuíram denominações religiosas novas, criadas no momento da própria entrevista. Com os dados em mãos, faz-se a análise qualitativa das vivências e representações, buscando delimitar e descrever fenomenologicamente o conteúdo das entrevistas em unidades de significados, confrontando-as com as teorias embasadoras. Os resultados das análises demonstram que os adultos que vivenciam uma situação de crise ante a morte, tendem a questionar os seus valores religiosos, desenvolvendo algumas atitudes que se refletem em um movimento de reconfiguração de suas identidades religiosas: uns retraindo-se, distanciando-se ou rompendo completamente com os laços afetivos que os ligam as instituições religiosas de origem, outros, de modo contrário, aproximam-se e intensificam as suas relações com suas instituições ou grupos religiosos. E ainda outros, afastando-se fazem do seu lar, um lugar sagrado e passam de um tipo de fé herdada, para um tipo de fé pessoal, íntima, que se reflete no seu cotidiano, donde se pode concluir que o confronto com a morte, ocasiona uma crise de natureza psicoespiritual.

Palavras-chave: morte, crise, identidade, identidade religiosa, envelhecimento, visão psicoespiritual

ABSTRACT

The present report has the objective to identify thoughts and feelings of people toward death, searching to understand how this crisis interferes in the adult religious identity. The essay aims to identify how crisis facing death interferes in the religious identity reconfiguration of researched adults, as well as, to find out if among those feelings there is a fear related to death and the after death situation. This research uses a qualitative approach of data, once, one does not intend to generalize results. It is used the phenomenological method from this perspective, to identify the meaning of feelings undergone by adults due to death crisis. We collect data from semi-structured interviews with two main questions for the proposed objectives. The sample is of twelve persons from 54 to 90 years old, that say to be Catholic Spirit, Evangelic, no defined Religion and some self-defined with new religious denominations, created at the moment of the interview. The qualitative analysis of experiences and representations is carried out with the data seeking to delimitate the interview content phenomenological description in meaning units, to confront them with based upon theories. The results of the analysis show that adults go through crisis situation when facing death, they tend to question their religious values, developing attitudes that are reflected in their religious identity reconfiguration: some of them withdrawing themselves or completely breaking the affective ties that link them to their religious institutions, others, differently, get closer and intensify ones relations with those institutions or religious groups. And others at home have a holy place, going from the inherited faith to an inner faith, that it is reflected in daily life, so, one can conclude that, an existential crisis happens, when facing death.

Key Words: Death, Crisis, Identity, Religious Identity, Psycho-Spiritual View, Existential Crisis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 OBJETIVOS E METODOLOGIA	18
2 VISÃO PSICOSSOCIAL DA MORTE	24
3 O ENVELHECIMENTO: Oportunidade de Amadurecimento Integral	31
4 DIMENSÃO PSICOESPIRITUAL DA MORTE	41
4.1 A MORTE À LUZ DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL.....	41
4.2 A MORTE NA PERSPECTIVA DE ELIZABETH KÜBLER-ROSS.....	62
5 RELAÇÃO ENTRE O MEDO DA MORTE E A ESCATOLOGIA	76
5.1 O MEDO DA MORTE NA PERSPECTIVA DE RENOLD BLANK.....	76
5.2 MEDO E CULPA: pilares a serem desconstruídos?.....	92
5.3 UM NOVO OLHAR SOBRE A ESCATOLOGIA.....	96
5.4 A PERDA DO MEDO DA MORTE E SUA RELAÇÃO COM A EQM....	102
6 REVISITANDO AS ENTREVISTAS - UM OLHAR METODOLÓGICO	112
6.1 CASO LISETE.....	112
6.2 CASO ALCIDES.....	123
6.3 CASO DOLORES.....	130
6.4 CASO LUZIA.....	136
6.5 CASO EDITE.....	144
6.6 CASO REBECA.....	159
6.7 CASO AMON.....	168
6.8 CASO LEÔNIA.....	177
6.9 CASO BELITA.....	186
6.10 CASO ANA.....	194
6.11 CASO PAULO.....	202
6.12 CASO RUTH.....	202
7 ACERCA DA IDENTIDADE RELIGIOSA DOS ENTREVISTADOS	207
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	216

REFERÊNCIAS.....	220
APÊNDICE: QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA.....	228

INTRODUÇÃO

Exatamente nesse momento, em que nos dispomos a introduzir e justificar o tema deste trabalho, chega-nos à mente lembranças muito antigas. Como parecem se adequarem bem, vamos deixá-las emergir e torná-las parte deste texto. Aos dezessete anos, já nos identificávamos como sendo capazes de escutar, de modo empático, as pessoas que tinham perdido seus entes queridos. Tanto é que desistimos de ir a um passeio à Bahia, com nossa turma de colégio, um sonho dourado de toda jovem adolescente em conclusão de curso, optando por ficar ao lado de uma colega da turma, que havia perdido, há apenas dois dias, num trágico acidente, seu namorado que, justamente, antecipara sua vinda para poder despedir-se dela, num gesto visível de carinho. Esta atitude surpreendeu a todos, pois não éramos nem muito amigas, ela era apenas uma colega querida. Porém, no íntimo, estávamos apreensivas imaginando a dor e solidão daquela colega, se ficasse, naquele momento tão crítico, apenas com a sua mãe, (era filha única, de pai falecido), já que suas duas melhores amigas de turma estavam realmente decididas a ir ao passeio.

O tempo passou e um outro acontecimento também nos marcou fortemente: o falecimento de uma amiga, no momento em que trazia à luz seu bebê. O mais trágico, porém, ainda estava por vir: alguns dias depois, o recém-nascido e seus dois irmãos, ficaram órfãos, também do pai, que veio a falecer, em consequência do impacto da perda.

As crianças foram acolhidas amorosamente por uma tia recém-casada, que veio também a falecer algum tempo depois, vítima de um choque elétrico, quando fazia limpeza em sua geladeira. Essas crianças, que foram morar com os avós, já bem idosos, alguns anos depois vieram também a perdê-los, felizmente, não os dois de uma só vez, mas com intervalo mínimo suficiente para possibilitar uma razoável elaboração do luto.

A história dessa família, apesar de um tanto incomum, fala das dores, da angústia e do desespero que podem ser geradas num contexto de perdas, principalmente se forem sucessivas. O que nos faz lembrar, por associação de

alguns trechos de um livro do rabino Harold Kushner (1988), que também, quase em desespero por conta da morte de um filho, de apenas catorze anos, encontrou em Deus forças suficientes para fazer do seu sofrimento lancinante, algo que pudesse servir de incentivo para todas as pessoas que passaram ou que venham a passar por situações extremamente dolorosas: escreveu o livro “Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas”.

Na sua referida obra, há perguntas dilacerantes, que ele nos diz terem emergido dos corações e mentes daqueles que sofreram um tipo de crise dessa natureza. “Por que eu?” “Por que Deus foi deixar que isso acontecesse logo comigo?” “Por que acontecem coisas ruins a pessoas boas?”

Enquanto as religiões buscam respostas e tentam apresentar explicações cabíveis a partir dos princípios doutrinários que as norteiam, a nós, psicólogos, cabe-nos o papel de acompanhar e dar suporte tanto àqueles que ficaram quase sem energia, alienados do seu próprio potencial, quanto aos que emergiram da situação de perda, desejosos de prosseguir em sua caminhada, mas carentes e em busca de forças, incentivo e orientação para a jornada existencial que precisarão dar continuidade. Provavelmente, indagações acerca do sentido da vida estarão presentes no coração daqueles que percebem a morte como situações trágicas.

O morrer, como qualquer outro aspecto da vida, acontece num contexto social e, portanto, está intimamente relacionado à dinâmica político-econômico-social de um povo. No Brasil, por exemplo, até meados do século passado, a morte, mesmo acontecendo a pessoas jovens, era, de modo geral, percebida com uma certa reverência pela grande maioria das pessoas, como se estivesse ali implícita a vontade do Pai, do Ser Criador e mantenedor do universo. Porém, com o processo de dessacralização, nossa sociedade passou a ver, sentir e agir de modo bastante diferente em relação a muitos aspectos, inclusive a morte. Esta perspectiva psicossocial será abordada no segundo capítulo.

Nos tempos atuais, em que a desconstrução parece ser a característica predominante da nossa cultura, o ser humano tem se mostrado mais sensível e mais frágil, vivendo, talvez, o momento mais agudo do seu desamparo. Os valores éticos em questionamento, os religiosos em franca “desconstrução” parecem marcar o fim

das certezas e a identidade, neste contexto, deixa de representar estabilidade e passa a ser encarada por muitos, como metamorfose. O *sétimo capítulo* delineará, mesmo que timidamente, essa nova tendência no sentido de apontar alguns aspectos em comum entre os entrevistados, numa tentativa, inclusive, de identificar algumas atitudes que nos sinalizam a presença de um movimento transformador em suas identidades religiosas, a partir de suas vivências ante a morte. Estivemos atentas para perceber como os sentimentos vividos por nossos entrevistados, ante a morte, repercutiram em suas identidades religiosas, ou seja, uma reconfiguração no modo de viverem a sua religiosidade.

Se “ficamos de olho” nesse aspecto, é porque já supúnhamos que a morte, apesar de um fenômeno natural, inevitável e inerente à condição humana, representa um fator gerador de crise e, conseqüentemente, de desorganização na vida das pessoas envolvidas, logo esperávamos que algumas transformações significativas tivessem ocorrido também no sistema de crenças e religiosidade dos nossos entrevistados, provocando reconfigurações em suas identidades.

Na verdade, todo aquele que está sensível para escutar em profundidade a dor humana, pelo menos em nossa cultura, sabe o quanto parece tênue a linha de demarcação entre a fé e a descrença em Deus, entre o amor e a revolta que geralmente se mesclam e alternam num jogo ambivalente e perigoso que caracteriza uma crise para a maioria daqueles que se confrontam com a situação de morte, porém, para os mais preparados, um jogo em que, ao final, saem ganhando em termos de experiência e amadurecimento. O terceiro capítulo desta dissertação, tratará do tema morte relacionando-o às pessoas que já se encontram no “entardecer” de suas existências, no sentido de que a crise do envelhecimento pode ser representada também como uma oportunidade de amadurecimento psíquicoespiritual.

Todavia, não podemos esquecer que o processo de amadurecimento requer tempo, e enquanto as feridas saram, é comum - em nossa cultura - que o homem tome uma atitude de distanciamento ou de revolta, remoendo no seu íntimo mágoas e ressentimentos. O que dizer, por exemplo, a uma criança prestes a morrer, ou aos pais de uma outra que já nasceu trazendo ao mundo uma bagagem genética repleta de dificuldades, cujo prognóstico é o pior?

Certas questões são difíceis demais de serem enfrentadas e, por isso, geralmente são reprimidas, a partir de um sistema de defesa do nosso próprio psiquismo; pois, normalmente, perdas inesperadas, em nosso contexto cultural, por serem sentidas como profundamente dolorosas, tendem a desorganizar o sistema de crenças das pessoas envolvidas e, quase sempre, geram crises de proporções inimagináveis. No sexto capítulo apresentaremos as reações das pessoas às suas perdas, através da análise das entrevistas, que foram sistematizadas em categorias, a partir dos significados pessoais expressos e captados por nós. Tivemos o intuito de tornar evidente a magnitude e a peculiaridade dos sentimentos vivenciados pelas pessoas envolvidas com situações relacionadas a perda por morte.

O método usado nesta pesquisa foi o fenomenológico, que buscou captar o significado ou o sentido da experiência vivida pelos doze sujeitos entrevistados, que nesta pesquisa estão na faixa etária entre cinquenta e quatro (54) e noventa (90) anos, sendo dez do sexo feminino e apenas dois do sexo masculino, que se declaram pertencendo à religião católica, espírita, evangélica e sem religião definida, cuja denominações foram construídas no momento da entrevista. Por exemplo, uma delas se denominou como católica-espiritualista, outra cristã espiritualista e ainda outra se assumiu como não pertencendo a nenhuma religião institucionalizada. Com relação ao nível socioeconômico da amostra, seis pertencem a um patamar mais elevado, cinco a um nível médio e apenas um está em um nível inferior aos demais. Os níveis de instrução dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, se apresentaram diretamente relacionados ao nível socioeconômico destes.

Nesta pesquisa não lidamos apenas com pessoas que se confrontaram com a morte no plano real, tanto é que algumas delas afirmaram ter passado por uma situação de morte, e dela retornaram, justificando que, clinicamente, foram consideradas mortas pelos profissionais que as socorreram. Embora saibamos que este tipo de experiência (hoje chamada de Experiência Quase Morte – EQM) não é ainda considerada cientificamente como uma experiência real, para efeito desta pesquisa isso não teve relevância, pois se nosso objetivo geral foi identificar a partir das vivências das pessoas, seus pensamentos e sentimentos ante a realidade da morte, buscando compreender como este tipo de crise interfere na identidade religiosa do adulto, no nosso entender, não há diferença significativa se alguém

entrou em crise por conta de uma situação de morte real ou imaginária, o essencial é que a pessoa identifique o que se passou com ela, em nível subjetivo, quando se percebeu diante da morte. Supomos que, aquele que ler o primeiro capítulo deste trabalho dissertativo, terá mais clareza acerca do que acabamos de expor, inclusive dos critérios e princípios norteadores desta pesquisa (metodologia).

Mas voltemos a falar da nossa condição de humanos, da nossa finitude e da nossa capacidade empática que não nos permite ficar incólumes ao drama que se passa com aqueles que estão a nossa frente, desnudando suas almas, mostrando-nos suas feridas abertas e tateando em busca de apoio e de sentido para sua tragédia particular. Somos afetados sim, pela dor do outro. Como não lembrar do desespero de uma mãe que, ao perder seu filho de dois anos de idade, depois de uma luta desesperadora na UTI, questionava-se ardentemente sobre o sentido da vida, da morte e do sofrimento?

Como esquecer a dor de uma outra que, tendo perdido um filho, já adulto, assassinado, dizia abertamente que não queria de forma alguma esquecer seu filho, muito pelo contrário, fazia questão de guardar as lembranças dele, muito vivas dentro de si mesma, como se fosse a única forma de mantê-lo presente?

Lembramos ainda, bem vivamente, das expressões de angústia e da absoluta impotência que sentia uma mãe desesperada, tentando, a todo custo, encontrar explicações para a perda trágica do seu filho, numa noite de *revéillon*. O seu desespero parecia mesclar-se com decepção em relação a Deus, quando ela repetia muitas e muitas vezes, um detalhe que para ela se tornou muito significativo: foi exatamente naquela noite de *revéillon*, enquanto a maioria participava dos festejos profanos, que ela ajoelhada, clamava aos céus proteção para o seu filho. Era visível o seu olhar de tristeza e desencanto ao comentar: “como é difícil de entender que justamente naquela noite, que eu implorava proteção, algumas horas depois, o meu filho estaria assassinado.” A dor desta mãe e a decepção visível que se manifestava é compreensível, se olharmos o seu contexto religioso: esta senhora pertence a um segmento das igrejas evangélicas, cuja ideologia repassa a imagem de um Deus que detém o poder, que é fiel e que livra os seus seguidores de todo o mal.

Creemos que estas e outras situações foram reverberando em nós, dando-nos a nítida impressão de que quanto maior era a dor e o desespero, mais estavam subjacentes questionamentos íntimos acerca da proteção divina. Todas essas situações somadas às muitas que aqui não foram relatadas, iam como que tecendo, naturalmente, o pano de fundo onde mais adiante se delinearía o tema desta pesquisa.

Dentro desse contexto, houve uma outra situação em nossa caminhada profissional que consideramos mais determinante na configuração dos temas morte e religiosidade: no ano de 2000, fomos trabalhar com um grupo de idosos em uma comunidade carente, e o que nos chamou a atenção foi o quanto aquelas pessoas traziam com freqüência, ora de forma velada e ora claramente, os seus receios em relação à morte.

Também o falecimento de um dos participantes mais queridos, teve a sua quota de influência, quando mobilizando muito aquele grupo, levou-nos a redirecionar nossas atividades, no sentido de incentivá-los a expressar mais claramente seus sentimentos relacionados às perdas já vividas ao longo de suas vidas. Nesses encontros, muitas vezes, vinham à tona questões em relação ao sentido da vida e ao destino inevitável de todos nós, a morte. Esta fase do grupo representou um período de aprendizagem profunda para todos, inclusive para nós, enquanto profissionais. Alguns estudiosos, entre eles, particularmente Carl Gustav Jung, contribuíram com algumas reflexões acerca da crise da meia idade e da velhice enfatizando a importância de acolher e refletir sobre as questões em torno do sentido da existência, aspecto esse que procuramos contemplar no terceiro capítulo.

Com relação ainda ao grupo de idosos, a partir das atividades planejadas e das que emergiram naturalmente, fomos identificando que, para eles, o medo da morte tinha, entre outras causas, as crenças ou dúvidas relacionadas ao que imaginavam encontrar após a morte. Esses medos de natureza escatológica pareciam os mais instigantes e eram os que mais surgiam nas conversas que aconteciam naturalmente entre eles, em meio às atividades que eram desenvolvidas.

Percebemos, também, que pessoas com idade mais avançada, numa faixa etária em torno dos oitenta anos, viviam seus medos em relação à morte

(provavelmente iminente) de um modo disfarçado, brincando sempre uns com os outros de um jogo criado por eles mesmos, onde o tema principal era o “julgamento” e a “punição” e onde as palavras “condenado” e “salvo” emergiam freqüentemente naquele contexto, cujo conteúdo manifesto era de natureza lúdica, porém apontando para sentimentos fortes e enraizados de medo e culpa, tão antigos quanto as suas próprias idades, já que não é mais estranho para nós, o quanto a socialização se fez - desde a mais tenra idade - a partir de valores sociais tecidos em uma cultura repressora e dominadora.

As coisas se passavam de tal modo que, quem estivesse de fora, possivelmente não perceberia o sentido mais profundo de tudo que, naquele grupo, estava sendo falado de forma velada, disfarçada em “brincadeiras”. O que nos permitiu supor que o medo da morte, entre as pessoas mais idosas estivesse mais relacionado com o medo das situações de “julgamento” e “punição”, tão propaladas pelos ministros das mais diversas religiões, ao incutirem o medo do pós-morte, tentando enfatizar a necessidade de salvação. Este tema será abordado no quinto capítulo, onde serão expressas as idéias do doutor em teologia e filosofia, Renold Blank, que faz uma análise da pesquisa realizada na cidade de São Paulo, no ano de 1995, sobre o medo religioso dos cristãos, identificando sua relação com a escatologia e sugerindo um novo olhar que possibilite a troca de uma pedagogia baseada no medo, por uma perspectiva de esperança.

Toda essa situação acentuou o desejo de compreendermos mais sobre o processo de morte e sobre as questões relacionadas ao medo e à culpa em pessoas já mais amadurecidas em idade.

Também serviu de incentivo para a concretização desta pesquisa, o fato de termos confirmado algumas das nossas suposições, ao depararmos com relatos de médicos e tanatólogos, os quais expressaram o quanto é comum que pessoas idosas e, principalmente, pacientes terminais, em nossa cultura ocidental e aqui no Brasil especificamente, sofram tremendamente pelo medo causado por suas fantasias e expectativas sobre a situação pós-morte. Tais temas serão aprofundados no quarto capítulo, onde psicólogos transpessoais refletem, entre outros aspectos, sobre a necessidade de que as pessoas, especialmente as bem idosas, possam ter a

sua disposição profissionais devidamente treinados para identificarem os seus medos e os trabalharem numa perspectiva psicoespiritual.

Esperamos, a partir desta pesquisa, contribuir para que as pessoas - sejam elas profissionais da área de saúde, ministros religiosos ou “cuidadores” - sensibilizem-se no sentido de tomarem consciência de que aqueles que estão próximos à morte necessitam ser escutados e compreendidos em profundidade, em relação as suas ansiedades e medos acerca de suas expectativas sobre o momento da morte e do pós-morte.

Que este trabalho também estimule os “cuidadores” psicoespirituais a buscarem outras fontes de conhecimento e treinamento, que os preparem mais profunda e efetivamente para suas funções.

Desejamos que a leitura desta pesquisa gere novas reflexões acerca do tema escatologia, enfatizando a influência cultural na construção do medo. A escatologia cristã, a partir da perspectiva que enfocamos, precisa ser revisitada e seus princípios básicos analisados à luz das novas perspectivas científicas. Esperamos que os dados aqui apresentados e analisados sirvam de estímulo para que outros trabalhos de pesquisa venham contribuir de um modo mais abrangente e profundo para a compreensão deste tema.

1 OBJETIVOS E METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar pensamentos e sentimentos (representações) das pessoas ante a morte, buscando compreender como essa crise interferiu na identidade religiosa do adulto. Baseamo-nos no paradigma de pesquisa qualitativa onde o objetivo é considerado como produto da subjetividade humana e, portanto, permeado de valores e emoções.

Nesta pesquisa adotou-se o método fenomenológico por considerá-lo mais apropriado para a investigação dos fenômenos ligados ao humano, visto que este método tem como propósito apreender os significados das experiências humanas.

De acordo com as idéias de AmatuZZi, os estudos que se interessam pela compreensão do “vivido” e de seus significados correspondem à pesquisa fenomenológica. Para ele, este tipo de pesquisa designa “o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever (ou explicitar) seu significado; ou qualquer outro estudo que tome o vivido como pista ou método” (AMATUZZI, 1996, p. 05)

Para Forghieri, as pesquisas fenomenológicas que se utilizam de dados empíricos e que buscam captar o significado ou o sentido da experiência da pessoa, se constituem a partir de dois momentos interrelacionados: o envolvimento existencial, no qual o pesquisador procura sair de uma posição intelectualizada a respeito dos dados e deixa fluir espontânea e intuitivamente sua própria vivência acerca destes, no sentido de compreendê-los de uma maneira global, pré-reflexiva; e o distanciamento reflexivo, no qual o pesquisador, após desenvolver uma compreensão pré-reflexiva, reflete sobre esta compreensão e descreve o sentido produzido por ela em sua vivência. Porém, diz Forghieri: “o distanciamento não chega a ser completo; ele deve sempre manter um elo de ligação com a vivência, a ela voltando a cada instante, para que a enunciação descritiva da mesma seja a mais próxima possível da própria vivência” (FORGHIERI, 1993, p. 60)

Atualmente, dentro do contexto histórico social em que vivemos, não se pode manter a ilusão de que é possível, ao investigar o humano, apreender a realidade como tal ou a verdade das situações. O ser humano possui uma série de

características, em um grau de complexidade que está muito além dos fenômenos naturais, o que dificulta uma compreensão mais global do homem a partir dos parâmetros das ciências naturais, principalmente se for levado em consideração a natureza do tema desta investigação.

Diante da necessidade urgente de mudanças no âmbito das ciências humanas, Martínez acredita que os termos “leis”, “medidas”, “variáveis”, deverão passar por redefinições; que as explicações causais, as análises deverão complementar-se com explicações motivacionais, funcionais e intencionais e, “com explicações que se relacionem com o ‘significado’ que têm as coisas e as ações para o ser humano” (MARTÍNEZ *apud* CHAVES, 1998, p.39)

Considerando as dificuldades no emprego dos parâmetros da ciência clássica para a investigação do humano, Martínez (*apud* CHAVES, 1998, p.37) propõe um resgate da filosofia humanista como base para construção de uma metodologia científica adequada aos interesses daqueles preocupados com o estudo dos aspectos que são próprios do humano: sentimentos, desejos, aspirações, subjetividade etc.

De acordo com acima exposto, nesta pesquisa que empreendemos para efeito da coleta dos dados desta dissertação de mestrado, o referencial metodológico foi o fenomenológico, pois o consideramos mais apropriado para investigação do estudo sobre o fenômeno morte, relacionando-o à questão da configuração e reconfiguração da identidade religiosa das pessoas cronologicamente maduras, ou seja aquelas que já ultrapassaram os 45 anos.

a) Amostra

A amostra constou de doze (12) sujeitos com idade entre cinquenta e quatro (54) e noventa anos (90), que se declararam pertencendo a religião católica, espírita, evangélica e sem religião definida, sendo dez do sexo feminino e dois do sexo masculino. Nesta pesquisa, os sujeitos da amostra, não foram selecionados considerando as variáveis: sexo, nível de instrução, nível sócioeconômico ou religião, pois já no projeto foi considerado como fundamental apenas que as pessoas a serem

entrevistadas estivessem motivadas, ou seja, dispostas para falar de modo pessoal e subjetivo sobre o tema morte e religiosidade.

b) Instrumento de Pesquisa

Entrevista semi-estruturada de natureza fenomenológica.

c) Material utilizado

Gravador e fita K7.

d) Procedimento

1) Acerca dos sujeitos

Foram entrevistados doze (12) sujeitos, em horário e ambiente escolhidos por eles próprios, que apresentaram as condições mínimas necessárias para que a entrevista acontecesse de um modo adequado e que na medida do possível não houvesse interrupções ou presença de terceiros, objetivando facilitar o processo de rapport e um estabelecimento de um certo nível de confiança. Houve apenas um caso em que a entrevista surgiu naturalmente a partir de uma situação inesperada (ver caso Paulo e Ruth), onde fugindo ao previsto, o primeiro momento da entrevista, aconteceu com um casal e o segundo momento, apenas com a esposa.

Na ocasião foi solicitado que os sujeitos lessem e assinassem o termo de consentimento, bem como, se pediu permissão para que as entrevistas fossem gravadas, com a garantia previa do nosso sigilo profissional.

2) Acerca da coleta dos dados

A coleta dos dados foi feita através de entrevistas, com tempo livre, mas que geralmente se previa de antemão, aconteceria em torno dos 60 minutos. A entrevista foi gravada num ambiente de privacidade, depois transcrita, digitada e, posteriormente, lida várias vezes, antes do início da análise dos dados. Visando alcançar os objetivos propostos, utilizou-se, como já dissemos, uma entrevista do tipo semi-estruturada, iniciando-se com a primeira das duas perguntas disparadoras: “*Como você percebe a morte?*”. Num momento, quando se fez necessário, foi introduzida a segunda questão, que supomos estar intimamente ligada a primeira: *Como a sua vivência relacionada a morte interferiu ou vem interferindo na sua identidade religiosa?*

Ao opção de usar a entrevista do tipo semi-estruturada, não foi escolhida por mero acaso. Ela, no nosso entendimento, adequou-se muito bem a natureza do objeto pesquisado e, segundo Haguette, nos possibilitou o uso de outras “fontes e vieses, tanto por parte do entrevistador e do entrevistado, como da própria situação interativa entre os dois” (HAGUETTE, 1999, p. 89). Foi escolhida também porque, segundo ele, poderia possibilitar a nós, como entrevistadores, estar atentos, tanto às opiniões, como as atitudes e valores pessoais dos entrevistados, do mesmo modo que, ao seu estado emocional e as suas expressões não-verbais. Esse tipo de pesquisa nos favoreceu bastante no sentido de que possibilitou uma ampla liberdade tanto para os entrevistados, como para nós, como entrevistadora. Liberdade esta que gerou uma atmosfera de espontaneidade, confiança e profundidade. Aqueles que se interessarem em ler as entrevistas na íntegra (ver apêndice), provavelmente poderão constatar como as perguntas desencadearam reflexões, discussões sobre vários aspectos e temas que nem supúnhamos viriam à tona, gerando uma conversação rica e fecunda, que afetou e mobilizou não apenas o entrevistado, mas também a mim como pesquisadora.

Com relação às contradições se surgiram nos depoimentos, só veio a confirmar os posicionamentos de Haguette (1999), quando afirma que as contradições não invalidariam os depoimentos, muito pelo contrário, poderiam ser consideradas como importantes pontos ou “pistas” a serem pontuadas pelo entrevistador, no sentido de possibilitar a obtenção de material mais profundo ou significativo.

Consideramos, também, muito interessante constatar o quanto as orientações e experiências de Haguette, foram confirmadas à medida que íamos realizando as entrevistas. As contradições, realmente, ajudaram a pontuar a refletir junto com os entrevistados, levando-os, muitas vezes, a identificarem aspectos não reconhecidos, até aquele momento, como fazendo parte de sua própria subjetividade.

Certo tempo depois, encontros ocorreram, de modo informal, com alguns dos entrevistados ou parentes, os quais nos sinalizaram o quanto as entrevistas os tinham mobilizado e os transformado em alguns aspectos. Realmente as omissões, os lapsos de memória e as contradições, funcionaram quase sempre, no momento das entrevistas, como verdadeiros catalizadores de emoções, possibilitando “insights”, descobertas preciosas tanto para o entrevistado, quanto para o entrevistador, o que supomos representar algo construtivo como objeto de estudo e intervenção psicossocial.

3) *Revisitando e analisando os dados*

Foi realizada a transcrição integral das entrevistas, tentando-se delimitar e descrever *fenomenologicamente* o conteúdo das entrevistas em *unidades de significados* e foi produzida uma *síntese final* do sentido de cada entrevista, como um todo.

Os dados da entrevista foram submetidos a uma sistematização de análise dentro da perspectiva fenomenológica de depoimentos de acordo com a proposta de Mauro AmatuZZi (1996), pesquisador do Departamento de Psicologia da UNICAMP, que segue os seguintes passos:

- a) **Sentido do todo**, que consiste em uma compreensão global, por parte do pesquisador, do conjunto do depoimento. Fizemos uma primeira apreensão do sentido mais global dos significados pessoais, íntimos vividos e demonstrados na entrevista, referentes ao tema central da pesquisa.

- b) **Divisão da entrevista em Unidades de Significado**, ou seja, consideramos separadamente trechos das entrevistas que revelaram cada um dos diferentes momentos ou temas da experiência em questão.
- c) **Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado**, onde procuramos apreender aspectos da experiência vivida, no momento da entrevista pelos participantes (sujeitos): seus sentimentos, atitudes e expectativas, presentes em cada unidade de significado. (Para facilitar a apresentação da análise dos dados, estes dois pontos – b) e c) – foram descritos conjuntamente, de tal modo que cada unidade de significado, devidamente ilustrada com a fala do participante, encontra-se acompanhada de sua respectiva descrição fenomenológica).
- d) **Síntese Específica de Cada Entrevista** – sintetizando os significados apreendidos através da referida experiência de entrevista, para cada participante entrevistado, procurando responder as questões norteadoras desta pesquisa: *Qual é a percepção, ou significado da morte para você? E, de que modo, a crise ante a morte interferiu ou vem interferindo na reconfiguração da sua identidade religiosa?*

2 VISÃO PSICOSSOCIAL DA MORTE

Conta-nos o historiador João José Reis (1998) que aqui no Brasil, a imperatriz Leopoldina, esposa de D. Pedro I, morreu cercada de gente. A “agonizante” reuniu todos os seus criados e numa cena comovente, como era de costume, segundo o relato, indagava “a cada um deles se os havia ofendido, ao que eles respondiam negativamente derramando lágrimas sinceras” (p.92).

Era bastante comum, entre os que estavam preparando sua alma para a “última viagem” reconhecerem publicamente, através dos testamentos, os seus pecados e tentarem por meio de “bens materiais” atenuarem suas culpas. Muitos foram os senhores, donos de fazendas ou de engenho do interior do Nordeste brasileiro, que nos últimos dias de suas vidas, reconheceram filhos ilegítimos que tinham gerado com suas escravas. Conta-se que um poderoso e temido coronel, Garcia d’Ávila Pereira do Aragão, conhecido como um dos mais temíveis torturadores de escravos que apesar de casado não teve filhos legítimos, e cinco meses antes de sua morte, ao elaborar seu testamento, reconheceu sete filhos, naquela época considerados “bastardos” (ilegítimos), tido com duas de suas escravas.

Uma outra situação de pecado bastante comum e para a qual se buscava estar “limpo” na hora da morte era o “amancebamento” como era chamado naquela época, no interior também do Nordeste brasileiro e para o qual sempre se tentava dar um jeito para legitimar. Por exemplo: consta em documentos da época (1812), que Francisco de Meira casou-se com Cecília Maria do Sacramento, sua ex-escrava, depois de terem vividos juntos por dezesseis anos. Tão forte era o preconceito da época, que este cidadão sentiu necessidade de deixar explícito em seu testamento, que se assumia aquela escrava, como esposa legítima, era por desengargo de consciência.

Como se vê, é possível se constatar, a partir desses dados históricos, que no contexto social daquela época, era o próprio indivíduo que administrava o seu fim, ou seja, tudo que se relacionava às questões que giravam em torno da sua morte iminente. A tradição popular considerava esse tipo de morte, quando o indivíduo era

senhor de seus últimos desejos, como uma “morte bonita”. Mas, diz-nos João José Reis (1998), que morrer desse modo implicava um esforço de toda comunidade; a morte não podia ser vivida na solidão. A solidariedade era considerada um dever cristão, naquela época, tanto em algumas regiões brasileiras quanto também européias, como em Portugal, por exemplo, de onde recebíamos influência cultural direta.

Em muitas regiões do Brasil, até as primeiras décadas do século passado, era importante, mais que isso, fundamental se morrer acompanhado. Sempre se podia contar com pessoas dispostas a cuidar do moribundo enquanto que outros, às pressas, iam em busca do pároco (sacerdote católico) para receber a “extrema unção”. Sempre havia aqueles que cuidavam de, às pressas, elaborar um testamento onde o moribundo, entre um suspiro e outro, ditava seus últimos desejos. Isso era o mínimo esperado que acontecesse para que a morte fosse considerada “digna”. Porém, o comum e o ideal era o moribundo morrer em meio a um verdadeiro “cortejo” de pessoas ansiosas e solidárias.

O historiador Hildegardes Viana (*apud* REIS, 1998, p.101), nos diz, por exemplo, que ao primeiro sinal de que alguém estava “se ultimando”, os vizinhos vinham reunir-se ao agonizante e sua família. As mulheres se lançavam a muitas tarefas, cozinhando, lavando, fervendo e passando roupa para o doente, costurando sua mortalha. Ajudavam também no tradicional banho de água misturada à cachaça e álcool, também ajudavam no abanar (não havia ventiladores nem muito menos luz elétrica) e a mover o enfermo na cama. Em meio à fumaça de incenso, os homens se reuniam na sala e a conversação, geralmente, girava em torno dos assuntos relacionados à doença e morte.

Outro aspecto relevante do qual nos fala Viana (*apud* REIS, 1998, p.101) é que havia um tipo de “reza” (oração) chamada “ofício da agonia” que era uma forma clara e direta de “encomendar” aquela alma hesitante e temerosa, ajudando-a no seu desligamento com as coisas deste mundo. Testemunhamos certas práticas do cotidiano em torno da morte, bem semelhantes às descritas pelos historiadores acima citados. Lembramos que, nos anos sessenta do século passado, ao contrário de hoje, não se tentava ocultar do doente que o seu fim estava próximo, pelo contrário, a cada sinal que o enfermo emitia, quando interpretado pelos que

cuidavam dele, como sinal do seu momento final, chamava-se imediatamente o pároco para a extrema-unção. Conta-se até histórias engraçadas em torno de sacerdotes, que por já terem ido algumas outras vezes atender moribundos “resistentes”, já iam pela estrada cheios de má vontade para com os agonizantes que resistiam ferrenhamente a se entregar “aos braços da morte”, e então os parentes, sem combinação prévia consciente, se reuniam e passavam a orar, em um tom mais elevado, as preces destinadas exclusivamente para o momento da morte. Talvez funcionasse como aquele “empurrãozinho” necessário que a mãe imprime ao filho, no primeiro dia de aula de sua vida, quando a criança hesita em separar-se dela.

A extrema-unção era um sacramento da Igreja Católica destinado aos enfermos para ser aplicado no momento de sua morte. A igreja assim explicava a sua função: “auxílio na hora da morte, em que as tentações do inimigo costumam ser mais fortes e perigosos, sabendo que tem pouco tempo para nos tentar”. (REIS, 1998, p. 103). O sacramento perdoava os pecados pendentes, culpas esquecidas durante a confissão. Mas não eram todos os padres que estavam autorizados a administrá-lo, só o pároco e alguns ajudantes devidamente treinados poderiam deixar a igreja e sair rumo à casa do enfermo. Assim preparado, num estilo de procissão o grupo religioso levava a comunhão eucarística “como previsão espiritual e mística da viagem para eternidade”. (REIS, 1998, p. 104)

Nos anos sessenta do século passado, tempo em que era costume que o pároco, acompanhado de dois coroinhas (garotos que ajudavam, devidamente paramentados, os padres) e mais um cortejo de pessoas pertencentes àquelas irmandades da Igreja, passassem pelas ruas da cidade, a pé, no estilo de procissão, cantando hinos e se dirigindo à casa dos doentes, levando até eles a Comunhão e dando a Extrema-Unção àqueles já agonizantes. Nos anos setenta, apesar de estarmos na mesma cidade, já não percebíamos mais a mesma cena. Havia mudado a igreja? Ou estavam mudados os enfermos? Certamente o contexto sócio-cultural era outro. Hoje, passamos a refletir o quanto as crenças de um povo estão perpassadas de valores socioeconômico-culturais, e como a forma de se perceber a morte e o morrer refletem também o sentimento religioso de um povo que, por sua vez, espelha o seu momento histórico-político-social prenhe de valores culturais.

De acordo com os textos de Reis (1998), aconteceram no período de 1836 drásticas mudanças na legislação que ditava as regras que norteavam o estilo de cultuar os mortos, tanto na França, como na Inglaterra e em outras regiões da Europa. As mudanças nas leis acabaram por influenciar também o nosso estilo aqui no Brasil.

É Phillipe Ariès (1982), quem mostra com minúcias, em sua obra o Homem Diante da Morte, inúmeros dados acerca do tema morte, dados estes estudados e comentados por outros historiadores, inclusive por Reis (1998). Tais dados nos interessam diretamente por se tratarem de aspectos relacionados à cultura da Bahia, estado com costumes muitos semelhantes aos de Pernambuco.

Diz-nos Reis (1998, p.106) que os padres baianos, ao assistirem os seus moribundos, se orientavam por manuais vendidos pelos livreiros da Bahia. Tais manuais provinham da Europa, principalmente de Portugal. Há um deles, em particular, o de autoria do Pe. Bernardo José Pinto Queiroz, publicado em Lisboa (1805), em que a hora da morte é explicada, ora com a imagem da Guerra, ora com a imagem de um tribunal; e os padres são vistos como militares com o papel de instruir e treinar a alma do moribundo para enfrentar um “combate” contra as forças malignas. Ao bom combatente caberia estar munido das armas, que seriam os “sacramentos”. Receber a “extrema-unção”, como já dissemos, era de fundamental importância, tratava-se de um ritual absolutamente necessário para se ter garantida a possibilidade de se chegar até Deus. Morrer sem a extrema-unção era arriscar ser condenado, mesmo sem ser julgado. Estes aspectos deixam evidentes o quanto os nossos medos são construídos a partir de orientações e práticas reproduzidas pelo sistema social, através das instituições, principalmente a família, igreja e escola.

Segundo Ariès (1982), houve uma época em que uma verdadeira “manifestação social” acontecia já no quarto daquele que agonizava. Foi assim durante séculos. Uma atitude familiar e íntima com a morte por isso denominada de “morte domada”, pois a morte era esperada no leito, numa espécie de “cerimônia pública”, em que se reuniam parentes, amigos, vizinhos e até “curiosos”, pois a todos era dado o direito de entrar no quarto. Lembramos, inclusive, de algumas cenas do tempo da nossa infância: enquanto os adultos oravam, as crianças passavam correndo em suas brincadeiras de esconde-esconde, evidenciando que os rituais de

morte aconteciam em meio a manifestações de tristeza e dor, mas sobretudo, num clima de naturalidade. Era o destino que se cumpria, a morte era a única coisa de certo que se tinha na vida.

O local da sepultura, na época Medieval, era nas igrejas, perto dos santos, o que possivelmente alimentava no íntimo, tanto daqueles que partiam, como dos que ficavam, sentimentos de calma e proteção. Supomos que isso não acontecia por acaso, a igreja, através dos seus representantes, possivelmente desejava perpetuar essa idéia de proteção, pois disso resultava muito lucro material. Era também costume que os fiéis doassem, através dos testamentos, seus bens para sua paróquia. E a igreja se comprometia a usá-los em benefício da alma do seu próprio doador, celebrando missas para sua alma e fazendo doações em forma de caridade. Estes aspectos descritos por Ariès, aconteciam aqui, no Brasil, até nos anos sessenta do século passado, pelo menos nas cidades interioranas. Porém, segundo ele, assim aconteceu por muitos séculos até aproximadamente meados do século XVIII, em todo o ocidente católico. Era “uma sociedade em que coabitavam os vivos e os mortos, em que o cemitério se confunde com a igreja no coração da cidade” (VOVELLE *apud* ARIÈS, 1977).

Foi na França do século XVIII, justamente no “rastros do Iluminismo”, com o avanço da idealização do racional, da laicização das relações sociais e da secularização da vida cotidiana que uma nova atitude diante da morte e dos mortos começou a se delinear. Ainda segundo Vovelle (*apud* ARIÈS, 1976), a partir do século dezoito, teve início o processo de dessacralização, visivelmente perceptível por conta da diminuição evidente do número de solicitações de missas, invocações de santos, instruções para pompa funerária, etc. Afirma ele que o ritmo das mudanças variou de região para região. Provavelmente ocorreu primeiro na França (em Paris), espalhando-se por outras partes da Europa, chegando ao Brasil.

Segundo Reis (1998), foi na Inglaterra que a Reforma protestante interferiu decisivamente no declínio da pomposidade dos funerais, do cuidado ritualístico com os cadáveres, das preces que encomendavam as almas; enfim, foi por conta do movimento protestante que os rituais fúnebres - herdados da tradição católica - tenderam a declinar a partir do século XVI. Para tanto, foi de fundamental importância a doutrina reformista da predestinação que percebe Deus como Aquele

que decide sozinho quem são os seus eleitos. A partir desta nova visão, foi abolida a idéia do Purgatório como estágio temporário da alma e, conseqüentemente, houve um declínio considerável das solicitações de missas, bem como, da procura pelos santos como intercessores. De fato a reforma protestante foi um movimento altamente revolucionário, que provocou mudanças drásticas nos costumes religiosos da época. Calvino criticava duramente a doutrina do purgatório, porque segundo ele, só servia para enriquecer os padres e a igreja e orientava os seus seguidores a lidar com a morte e o morrer de um modo completamente diferente da igreja católica. Nada de pompas, nada de orações desnecessárias e nada de extrema-unção. Todos esses aspectos, até então considerados sagrados, passaram a ser vistos como meras superstições. (p. 79)

A leitura e as reflexões acerca dos temas acima expostos, fez-nos perceber o quanto as idéias reformistas parecem ter tido uma enorme influência também no mundo católico, inclusive, influenciando a mentalidade popular.

O tempo foi passando, novos ventos, novos conflitos, novas idéias, dúvidas, incertezas, resistências. Diferente dos tempos medievais e dos costumes típicos predominantes até meados do século XX, a morte foi se tornando um assunto tabu, algo vergonhoso, algo que precisa ser, a todo custo, evitado ou escondido. Diz Júlia Kovács, em seus escritos sobre a morte e o morrer, que em nossa cultura a sociedade atual tem banido a morte com a intenção de proteger a vida:

o grande valor do século XX é o dar a impressão de que “nada mudou”, a morte não deve ser percebida [...] A morte não é mais considerada um fenômeno natural, e sim fracasso, impotência ou imperícia por isso deve ser ocultada. O triunfo da medicalização está, justamente, em manter a doença e a morte na ignorância e no silêncio. (KOVÁCS, 1992, p. 38)

O desenvolvimento técnico-científico se impôs na vida moderna e a morte passou a ser menos considerada. Possivelmente, isso não ocorra longe das grandes cidades, onde se tem pouco acesso à cultura científica. Mas é fato que, cada vez mais estamos nos distanciando dos rituais que, perdendo a sua força, apontam para uma banalização da morte. Já não se morre mais como antigamente; já não temos

tempo para a morte ou para morrer. Hoje em dia, por exemplo, existem *sites* de morte *online*, onde se pode preparar todas as questões referentes ao próprio funeral. Nesses *sites* pode-se deixar fotos, músicas de fundo, mensagens de despedida e, inclusive, pagando-se uma taxa, ter o seu funeral exibido *online*. Quem acompanhar o enterro poderá mandar suas condolências e receber imediatamente um sinal do(a) finado(a), agradecendo o tempo despendido para o último adeus.

A desvalorização do mito da morte, fruto de uma cultura voltada muito mais para a exterioridade e, sobretudo, baseada na razão e na tecnologia, deixa o homem atual distanciado do que provavelmente Carl Jung chamaria de “movimentos arquetípicos” da transformação. Se bem que a liberdade de costumes tenha nos livrado, em grande medida, do peso opressivo das tradições, ao menos há o consenso de que nada tem sentido para que se repita, apenas porque assim era feito no passado. Mas não vamos entrar no âmbito de dogmas e crenças religiosas, no entanto, admitiremos que a ciência esclareceu-nos a respeito de diversos aspectos antes à margem da realidade. Há algo que para muitos filósofos e psicólogos contemporâneos parece grave: a ausência de questionamentos acerca do sentido da existência humana e do nosso destino.

Se para muitos de nós, o homem não passa de uma criatura à imagem de Deus e radicalmente diversa dos demais seres vivos, para outros, porém, no ser humano há uma dimensão espiritual a ser considerada. Ao longo deste trabalho, abordaremos, predominantemente a morte dentro da perspectiva psicoespiritual, por estar dentro do âmbito do Mestrado em Ciências da Religião.

3 O ENVELHECIMENTO: oportunidade de amadurecimento integral

Muitos estudos e pesquisas levam a crer que a maioria dos ocidentais prefere pensar que o aparente caos que, geralmente, advém a partir da meia-idade, como algo que só acontece com as outras pessoas ou apenas com personagens de filmes, nunca conosco. Porém, é na meia-idade e durante o processo de envelhecimento que os problemas psicológicos subjacentes - muitas vezes inconscientes - “a busca da inteireza” e a constatação da própria finitude são fatores muito fortes que, neste momento de vida, quando também já se tornam visíveis em nossos corpos, os primeiros ou muitos sinais do nosso próprio envelhecimento, tendem a nos inquietar e nos levar a fazer indagações existenciais muito difíceis de serem respondidas. Por isso, em nossa cultura ocidental, a transição da meia-idade e o início da velhice são, geralmente, experiências humanas profundamente delicadas e inquietantes.

Com relação à meia-idade, Brehony nos diz que:

A maioria das pessoas sente alguma mudança física, de relacionamento, ou profissional, durante os anos da meia-idade, muitas das vezes sob a forma de um casamento infeliz, de casos amorosos ou de divórcio; ansiedade que pode não ter uma fonte nítida; depressão; insatisfação na carreira ou no trabalho; desilusão; ou desespero. Há quem sinta esses sintomas em um nível muito intenso, como uma verdadeira crise da meia-idade; outros evitam uma crise plenamente desenvolvida, mas ainda assim notarão uma diferença sutil de atitudes, sentimento e comportamentos. E ainda há outros que simplesmente se referem a um vazio que é ao mesmo tempo profundo e inexplicável. (BREHONY *apud* JUNG, 1981, p.81)

A partir das entrevistas aqui analisadas, da nossa experiência profissional, bem como dos nossos relacionamentos de amizade e parentesco, evidenciamos que questões de identidade pessoal são comuns surgirem, desde os primeiros sinais do envelhecimento, entre homens e mulheres. Valores e metas que nunca foram questionados tornam-se assunto de debate interior e, às vezes, em conversas informais. É nessa fase que questões existenciais e, muitas vezes de natureza psicoespiritual, que foram deixadas de lado por muito tempo, despontam na consciência, gerando ansiedade e dor.

É, de modo geral, no início do processo de envelhecimento que o ser humano começa a refletir mais profundamente sobre o sentido do viver e do morrer. Como consequência, para muitos, este período parece estar sempre perpassado por medos, dúvidas e inquietação de natureza existencial.

O que nos importa destacar nesse período inicial de envelhecimento, é que os primeiros sinais de uma crise tendem a surgir como fruto do que denominamos de processo de amadurecimento psicoespiritual. Tal processo, supomos acontecer em outras fases do desenvolvimento do ser humano, alguns podem sentir essas mudanças na adolescência ou aos vinte e poucos anos, outros podem não passar por elas antes dos 60, 70, ou até mais. Mas, comumente acontece a partir da meia idade, por uma série de fatores que tendem, nessa fase, a gerar reflexões acerca do sentido da existência como um todo.

Lisete, por exemplo, confirmando nossas expectativas, aos setenta e cinco anos, passa a viver de forma acentuada, uma crise existencial relacionada ao tema morte. Foi por este motivo que nos foi trazida por uma de suas filhas que se encontrava muito preocupada por ela não estar conseguindo conciliar o sono e apresentar outros sinais de extrema sensibilidade, como por exemplo, chorando com muita facilidade. Entre os seus sintomas, havia um outro que nos chamou mais atenção, ela imaginava que não chegaria aos setenta e cinco anos, e quando isso não aconteceu, ao invés de sentir alegre, passou a dizer que não chegaria aos setenta e seis, sinalizando que possivelmente estaria vivendo uma crise relacionada ao medo da morte. Na maioria de suas falas, ela demonstra um apego excessivo aos filhos e netos, tanto é que, para ela, talvez o purgatório represente justamente a possibilidade de ser impedida por Deus, por conta de seus pecados, de ter direito de ir ao encontro dos seus entes queridos:

[...] Estou tremendo de tanto chorar porque tenho receio de ser, por conta das minhas faltas, impedida de me encontrar com os meus pais ou de nunca poder ver os meus filhos e netos aqui na terra. Isso me causa tanto sofrimento que eu nem sei como vou suportar... Só Deus mesmo, com sua graça... pode tornar isso suportável... (e o choro aumentou). (Entrevista Lisete)

Do mesmo modo que Lisete, Alcides, aposentado, aos seus oitenta e oito anos, sentindo-se fraco, inclusive fisicamente, relata: “Dra., tô com minhas pernas se ‘fracando’. Qualquer dia desses acho que vou morrer é de uma queda”, também resiste ferrenhamente à idéia de morrer e sofre profunda e antecipadamente por conta da possibilidade de se defrontar na situação pós-morte, com uma tremenda solidão:

“Lá” (no além) ninguém se encontra com ninguém... ninguém se encontra com pai, mãe, com filho, não há essas amizade os filhos não abraçam os pais não... Eles dizem que não se encontram não ... (Entrevista 2, F. 22) Não vou encontrar com meus filhos nem com minha mãe... porque hoje sou homem mas com a reencarnação posso nascer feminino... pode ser tudo trocado, ai no mundo espiritual tudo é diferente a gente já renasce diferente... e por isso não dá para se encontrar... é tudo bem diferente... nem vai se reconhecer... (Entrevista Alcides)

Lisete e Alcides pertencem à mesma religião, sendo ela católica praticante e ele “católico-espírita” (não assume o seu lado espírita, mas o é de fato). Os dois sofrem do mesmo medo (sofrem tremendamente por medo de não se reencontrarem com seus entes queridos). Sentimentos de culpa e medo da solidão aparecem nas falas de Lisete e de Alcides.

Como já dissemos, crises existenciais podem ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento humano, porém, segundo o psicólogo Carl Gustav Jung, a grande maioria das pessoas tende a experimentar essas mudanças e sintomas no período da meia-idade, porque é neste período que o ser humano parece ir despertando, pelo menos em nossa cultura ocidental, para a realidade de que talvez tenha ultrapassado a metade da sua existência. Parece também ser a época em que as circunstâncias do nosso viver nos pressionam mais fortemente, direcionando-nos a um inevitável confronto com as múltiplas, conflituosas e cada vez mais complexas exigências da vida, despertando e gerando, dessa forma, forças internas, tensões psicológicas que nos impulsionam para amadurecermos e nos transformarmos.

É ainda Jung, que em um de seus artigos nos diz que o fato de sabermos que um dia, com certeza morreremos, pode ser, e geralmente o é, entre nós ocidentais,

uma das descobertas mais desagradáveis e já pode acontecer na infância, através das perdas inevitáveis que qualquer criança tende a passar. Jung lembra-nos que é nesta fase que:

[...] temos à nossa disposição inúmeros mecanismos de defesa do ego para tirar a ardência da assustadora verdade... e durante aproximadamente os primeiros 40 anos vivemos reconfortados pelo pensamento de que a velhice está longe e a morte está distante demais para merecer que nos preocupemos com ela. E então, de repente, surge a percepção de que, afinal, não está tão longe assim – na verdade, está correndo na nossa direção. Esta tomada de consciência da morte na meia-idade inclui a nossa própria morte inevitável, ou a morte de alguém querido, mas não se restringe a ela. Às vezes, a tomada de consciência da morte ou da perda é um aspecto importante do Si-mesmo: a perda da juventude, a perda das capacidades físicas, a perda de sonhos e ideais. No centro da crise, a perda de quem pensávamos que fôssemos. (JUNG, 1981, p. 85)

Na perspectiva de Jung, há momentos em que todos nós, seres em desenvolvimento, sentimos a necessidade interior de “inteireza”. Como ao longo do processo de socialização, com o intuito de nos tornarmos membros aceitáveis da nossa cultura, bem depressa fomos desconsiderando partes do nosso eu, reprimindo aspectos da nossa humanidade, que eram considerados inaceitáveis, lançando-os para o nosso inconsciente pessoal, um lugar que Jung denominou de “*sombra*”, será justamente na fase da meia-idade denominada por Jung de “jornada rumo à inteireza”, que somos convidados a abraçar aquelas partes de nós mesmos, há muito tempo esquecidas. É, segundo ele, na meia-idade, por conta do nosso maior nível de consciência em relação aos limites da vida, que somos a cada momento existencial, de certo modo, pressionados a nos questionar sobre *quem somos e para onde vamos*.

Indagações acerca do sentido da vida, da dor e do sofrimento são bastante comuns nesta fase da existência; questões estas que tendem a se avolumar e se aprofundar à medida que avançamos em idade. Belita, professora universitária aposentada, aos seus setenta e cinco anos, exemplifica bem quando diz:

De início eu me censurei um pouco por ter sido radical, porém logo percebi que só com o passar da idade é que começamos a questionar com mais profundidade o sentido da vida, do sofrimento e da morte. Antes, a gente só se rebela. A razão nos mostra que a maioria dos ensinamentos religiosos são formas de manipulação, porém com a consciência maior da nossa finitude, de quanto aqui é transitório, a gente tende a se questionar sobre o sentido mais profundo de se viver num mundo aparentemente tão caótico e felizmente, como adoro ler, participar de debates etc., não fiquei no lamento apenas e nem na antiga e legítima revolta, do meu tempo de jovem. Hoje, felizmente, estou alcançando um nível maior de sabedoria, e isso como é bom! Como me faz bem! (Entrevista Belita)

Leônia, psicóloga, cristã-espiritualista, cinqüenta e sete anos, assim como Belita, acrescenta a esta pesquisa quando diz:

Lembro que estava próxima a fazer quarenta anos, quando passei a questionar o sentido do sofrimento, o sentido de se morrer e o sentido de se viver, e a partir destes questionamentos e das pesquisas que fiz para compreender os próprios fenômenos especiais que estavam acontecendo comigo, eu passei a ser uma pessoa de profunda religiosidade aplicada ao meu cotidiano. (Entrevista Leônia)

Se na meia-idade, ainda repletos de forças e esperança em relação a alguns sonhos ainda não realizados, alguns insistem em retardar o seu processo de amadurecimento pessoal, permanecendo na superfície dos acontecimentos da sua vida, será no período atualmente denominado, em nossa cultura, de “terceira idade”, que estes forçosamente terão que se defrontar com a possibilidade da morte como destino inevitável.

De acordo com a filosofia básica que permeia o pensamento de alguns psicanalistas Junguianos, é a partir da meia-idade que as pessoas vão percebendo a importância de ir promovendo mudanças no seu modo de viver que, certamente, as tornarão, aos poucos, mais próximas daquilo que realmente desejam, no mais profundo do seu ser. Leônia e Belita, por exemplo, estão em pleno processo de transformação provocadas por suas próprias reflexões acerca da vida, da espiritualidade e da morte. Leônia, em sua entrevista, nos diz que experiências marcantes a mobilizaram antes dos trinta anos, mas que só quase dez anos depois é que ela teve consciência de que “teria que ir além dos preconceitos e precisava

desvendar os mistérios que a vida [...] aponta”, como um convite a desvendar os véus. (Entrevista Leônia) Do mesmo modo, Belita, que era evangélica e na juventude tornou-se completamente descrente em relação ao divino; na maturidade, beirando os cinquenta anos, repassa a sua vida, ressignificando seus valores e se religando ao divino, através de uma atitude profunda de confiança. Hoje, ela sente que é parte integrante de uma rede invisível de natureza divina. Percebe-se como uma pessoa profundamente religiosa, mesmo sem pertencer a nenhuma religião institucionalizada.

Então, hoje eu ainda vivo entrando em contato com tudo o que me chega, através de leituras, palestras, conversações, etc. Tentando “depurar” e tirar dali o que eu, através das minhas reflexões e intuições, percebo como mais importantes... Eu me “abri” a outras realidades e, com isso, alarguei meus horizontes. (Entrevista Belita) Ampliando a consciência, mudei conseqüentemente, a minha forma de ver e sentir a vida e conseqüentemente a morte. (Entrevista Belita)

A tarefa de transformação não é algo linear e vai se processando, às vezes, de um modo tão sutil e gradual que o idoso se surpreende ao perceber o quanto sua vida tomou um rumo tão diferente do que havia imaginado. Outras vezes, porém, as mudanças se impõem, exigindo uma reorganização interna e externa bem acima do habitual. É aí que a crise irrompe e se faz necessário um apoio, uma mediação para que, desse momento crítico, surja um ser mais amadurecido. Amadurecimento implica desapego de muitas coisas que acabarão por definir, superficialmente, quem somos. Tarefa árdua, essa do “desapego”, pois nosso ego tem grande dificuldade em se desapegar de qualquer coisa, por isso, muitas vezes nos defendemos de ter de perder esse senso de quem somos, com grande intensidade. Frequentemente nos recusamos a abrir mão da visão de que sempre tivemos de nós mesmos e do mundo, apesar do fato de que muitos dos valores, ideais e auto-definições que nos sustentaram, durante a primeira metade da vida, tornaram-se obsoletos e, muitas vezes, antagonistas das realidades do resto da nossa existência.

Por isso, os dolorosos e assustadores sintomas que tendem, em nosso contexto social, a ocorrer a partir da meia-idade são necessários ao crescimento do indivíduo: pertencem ao desenvolvimento, estão latentes e são elementos

constituintes da personalidade e do Si-mesmo. As lutas internas mais profundas da alma (do nosso Ser) pedem expressão urgente, ainda que essa expressão ameace o nosso mundo e o nosso senso de identidade, geralmente bem estruturado. Daí que a fase da meia-idade - com a consciência gradual da velhice - é considerada pela psicologia junguiana, como a porta de entrada para as camadas mais profundas do nosso ser, ou do nosso eu mais profundo. Amon, uma das nossas entrevistadas, de nível socioeconômico elevado, com cinqüenta e cinco anos, professora e tradutora de inglês, de origem católica, hoje, apesar de não pertencer a nenhuma religião institucionalizada, se autodenominando católica-espiritualista, vem ilustrar estas considerações da psicologia junguiana, quando nos revela que, com o passar dos anos, tornou-se uma verdadeira “andarilha”, transitando em vários lugares e religiões, em busca de alargar seu horizontes e compreender as sua experiências “especiais”, bem como as múltiplas dimensões da existência. Diz-nos ela, textualmente:

Se fosse há 35 anos eu acho que teria tremido dos pés à cabeça de pavor!... ou talvez nem tivesse chegado a ver nada... mas, naquele dia, eu, mesmo sabendo que era algo da outra dimensão, voltei com toda naturalidade para o computador... fico sorrindo com estas situações inusitadas. O tempo é o melhor dos mestres. Antes eu vivia as experiências, mas não as processava... Hoje, amadurecida pelo tempo e pela vida, assimilo tudo e vou, aos poucos, bebendo da água da sabedoria. (Entrevista Amon)

Em nossa cultura ocidental, a grande maioria de nós tende a não reservar um tempo livre para exercitar a introspecção ou algum outro tipo de vivência que nos leve a algum modo de reflexão acerca do significado ou da falta de significado das nossas vidas. Pouco ou quase nada sabemos sobre quem realmente somos, estamos apegados demais aos papéis que desempenhamos na vida. Os sintomas da meia-idade quase sempre representam um alerta, mas, no ritmo e movimento frenético atual de nossa sociedade, com as constantes mudanças e descobertas fantásticas da medicina, cada vez mais as pessoas de meia-idade tendem a não perceber o alerta existencial que os seus sintomas representam e passam a buscar avidamente os mais recentes produtos e recursos de rejuvenescimento, o que pode ser bastante válido, esquecidos porém, de que tais recursos apenas efetivarão

mudanças em níveis mais superficiais, menos profundos de si mesmo, ficando portanto aspectos muito mais essenciais do Ser a serem percebidos e trabalhados de modo mais profundo. Tal tarefa parece ser algo mais desafiador e, por isso mesmo, assustador. É preciso ter a coragem de ser, como nos dizia Paul Tillich (1976), pois o processo de viver supõe dificuldades de nível cada vez mais elevado, exigindo de nós coragem para nos abrimos sem reservas ao fluxo da vida.

Carl Gustav Jung pode ser considerado um ser humano notável, por sua invejável coragem e disponibilidade em sintonizar-se com os aspectos novos e difíceis da vida. Foi na fase de meia-idade, que vivenciou uma profunda crise existencial. Esta repercutiu profundamente em suas crenças e, sobretudo, na sua produção literária, de natureza científica. As suas inúmeras obras representam mais que um nível surpreendente de conhecimento, refletem também uma profunda sabedoria, típica daquelas pessoas que tiveram a ousadia de mergulhar nas profundezas de sua interioridade e fazer a si mesmas as indagações mais dolorosas e difíceis a serem feitas em suas existências.

Foi em torno dos 40 anos de idade, que Jung passou por um período de grande turbulência, denominado por ele de “uma experiência com o inconsciente”. Na época, ele era muito bem-sucedido profissionalmente. O interessante é que, aquilo que parecia “caótico”, ou até “psicótico”, depois representou um verdadeiro ganho, uma autentica preciosidade na dimensão pessoal e profissional. A crise da meia-idade de Jung afetou todos os setores da sua vida

Estava vivendo num constante estado de tensão. Muitas vezes me sentia como se gigantescos blocos estivessem desmoronando sobre mim. Um temporal seguia o outro. (JUNG, 1978, p. 38)

O que já era previsto por Jung e faz parte dos seus escritos é a idéia de que quase sempre nos encontramos inteiramente despreparados, quando “embarcamos na segunda metade da vida”. Geralmente damos este passo com a falsa suposição de que nossas verdades e ideais continuarão a representar “referências”, modelos norteadores em nossas vidas. Mero engano, quase sempre ilusão! “Não podemos viver ‘a tarde da vida’ de acordo com o mesmo programa da sua ‘manhã’, pois o que

foi grandioso pela manhã, será pouco à tarde, e aquilo que pela manhã era verdade, à tarde se tornará mentira”. (JUNG, 1978, p. 42)

Pesquisadores junguianos vêem a fase da meia-idade como contendo um potencial em ebulição, quase pronto para explodir. Mesmo que o controle da situação crítica esteja sendo mantido, alguns sinais surgem e geram, pelo menos na maioria das pessoas, em nossa cultura, ansiedades e medos, tanto na pessoa que vivencia a crise, quanto naqueles que fazem parte do seu mundo pessoal. Felizmente, porém, na atualidade, os profissionais de saúde já esclarecem que na crise reside o potencial do crescimento. “Crise” é palavra derivada do grego *krinein*, que significa “discernimento”, “decisão”, ou “momento decisivo”, portanto, a vida nos ensina que uma situação de crise plenamente vivida pode nos trazer elementos preciosos que fomentarão uma possível e significativa mudança. Diz-nos também a cultura chinesa que crise representa, em uma linguagem simbólica, as palavras “perigo” e “oportunidade”; felizmente estes símbolos significam a verdadeira natureza da transformação psicológica e, para muitos, também espiritual.

Na visão de Jung, bem como numa perspectiva antropológica e social, a crise de meia-idade é uma espécie de “iniciação”, inevitável e fundamental no processo de desenvolvimento, uma parte necessária da jornada rumo ao crescimento e ao auto conhecimento do ser humano. Quando o nível de compreensão evolui e a tomada de consciência se amplia naqueles que se encontram na fase de meia-idade e velhice, podemos estar seguros de que neles, um ser humano emergirá realmente transformado. Esta passagem pode levar a uma apreciação e expressão muito maiores da nossa individualidade, a um enriquecimento do nosso eu psíquico e espiritual e a um maior nível do sentimento de compaixão que gera, necessariamente, uma maior conexão com a vida como um todo.

A maneira como cada pessoa emerge individual e coletivamente da crise da meia-idade e da velhice, poderá produzir conseqüências a curto e longo alcance sobre o futuro de cada um, no aspecto individual e social. Leônia, Amon, Belita, Luzia, Ana, Edite, por exemplo, apesar de todo o sofrimento que tiveram que enfrentar em suas vidas, estão hoje mais serenas, elas crêem que há um sentido construtivo subjacente à crise que viveram, e se sentem mais confortáveis com o

jeito mais pessoal de se posicionarem na vida, principalmente no que se refere à dimensão religiosa.

4 DIMENSÃO PSICOESPIRITUAL DA MORTE

Este capítulo se divide em dois itens. No primeiro, poderão ser encontradas as idéias essenciais de alguns psicólogos e tanatólogos em relação a questões ligadas ao Sagrado, ao processo de morrer e a representações acerca da “jornada da alma”, após o seu desenlace final. O segundo item relaciona-se à perspectiva da médica psiquiatra, Elizabeth K-Ross, em relação à morte e ao morrer.

4.1 A MORTE À LUZ DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

Desde a década de 60 do século XX, que a Psicologia vem recebendo uma forte influência das disciplinas e práticas orientais; sabe-se que, desde esse tempo a cultura oriental foi, não por acaso, contagiada pelas filosofias asiáticas. Coincide com a época em que as técnicas corporais começaram a ser largamente utilizadas em psicoterapia, na busca do relaxamento e, sobretudo, na liberação do prazer sensorial. Esse passo foi de fundamental importância para que o ser humano fosse valorizado, também no contexto de psicologia, em uma dimensão física; até então havia uma supervalorização dos processos mentais (estudos, experiências, conferências, sempre e apenas versavam sobre a psique, como dimensão essencialmente mental).

Porém, nesse período dominava ainda a visão dicotômica, em que a perspectiva cartesiana separava os processos mentais dos processos corporais. E, assim, continuamos, por longo tempo, fazendo uma psicologia dualista, pouco integradora. Era a época em que a maioria dos profissionais apenas trabalhava com a psiquê no nível consciente e inconsciente, a partir do modelo psicanalítico clássico e só alguns poucos - enfrentando as maiores dificuldades para serem valorizados em seus posicionamentos e práticas profissionais, lidavam predominantemente com o corpo numa tentativa corajosa de integração.

A psicóloga Eliana Bertolucci, PhD, que desenvolve atividades acadêmicas na PUC-SP (1991), nos diz que uma grande parte das pesquisas sobre o humano refletem uma perspectiva por demais “estrita”, no sentido reducionista, pois nelas o homem é reduzido a condicionamentos, sua psique reduzida apenas a conteúdos reprimidos, as relações interpessoais reduzidas à luta e conflitos e suas experiências de transcendência são distorcidas, ou seja, são freqüentemente interpretadas como produtos de níveis inferiores de consciência. Segundo ela, a *racionalidade científica* tem empobrecido muito a “*árvore da sabedoria*”, à medida que “*desenraiza*” o homem de características que ela considera essenciais.

Bertolucci nos convoca a “*ressuscitar*” e validar as formas de conhecimento *reprimidos* pela ciência atual, marcadamente materialistas. Apesar dos avanços, apesar das transformações, o paradigma da racionalidade mecanicista domina principalmente a nossa cultura ocidental. Esta visão de homem e de mundo mecanicista perpassa, sem sombra de dúvida, todos os aspectos da nossa cultura, inclusive a nossa forma de fazer ciência: tendemos a dar valor excessivo a atividades classificatórias, racionalistas em excesso, rotulando abusivamente os fatos, numa ânsia desenfreada de apontar causas e apresentar razões plausíveis. E nessa supervalorização do “racional” terminamos por desprezar os aspectos *não racionais* das nossas experiências de vida, e assim não conseguimos mais distinguir emoções de sentimentos e deixamos de enxergar o crescimento e expansão da *intuição* como algo de fundamental importância para o profundo desenvolvimento do ser humano. Dentro deste clima de descaso pelos aspectos *intuitivos* do homem, acabamos por nos embrutecer e nos “*entrincheirar*” num estilo de vida em que tendemos a julgar e criticar tudo o que contrarie os nossos próprios pontos de vista, bem como nossas arraigadas convicções filosóficas ou acadêmicas. No plano intelectual, tais princípios de vida só nos levam a um apego excessivo aos *modelos explicativos* dos fenômenos, como se o *modelo* fosse o fenômeno em si.

Concordamos com o posicionamento de Bertolucci, visto que a consciência é o princípio fundamental, capaz de produzir o significado do mundo, pois ela se apresenta de várias formas e aponta para a existência de um eu que transcende a noção de eu estudado e aceito pela psicologia tradicional.

Há muitas formas de perceber, pensar, sentir. E a diversidade dessas formas manifestam os diferentes níveis de consciência que podem ser reconhecidos, estudados, ordenados e hierarquizados, para que não fiquem apenas no estágio de “*vivência subjetiva*”. “Se ficarmos apenas ‘no interior’ da vivência, cairemos em um excesso de relativismo e na ausência de um ponto de vista crítico que permita uma correta avaliação das diversas formas de consciência...” (BERTOLUCCI, 1991, p. 20).

Ainda segundo o pensamento bertoluciano, existe uma hierarquização de níveis de consciência. Os níveis superiores de consciência suplantariam os inferiores, no sentido de incluí-los e transformá-los. Os níveis superiores de consciência certamente teriam a ver com a idéia de sistemas mais abertos, mais complexos e com uma perspectiva de completude. “Não há dúvidas de que *todas as vivências e todos os atos da consciência são ‘verdadeiros’* e correspondem a diversas realidades nos planos espiritual, mental e material. [...] *A humanidade tem um caminho de aperfeiçoamento a percorrer.*” (BERTOLUCCI, 1991, p. 21) E a cada grau que galgamos no desenvolvimento da consciência, mais amplo é o território dentro do qual o sujeito poderá ir escolhendo sua forma de estar no mundo. A autora também enfatiza a existência de uma *consciência transcendental* que enquanto

[...] experiência, é inalterável, ‘*está sempre ali*’, no eterno, agora com dimensões infinitas... Ocupa uma *posição superior entre as outras modalidades da consciência, pois trata-se da experiência dentro de si mesmo (Self)*, ao mesmo tempo que *centro e fonte de toda a vida*. Nessa dimensão, todas as divisões são abolidas, não há mais separação entre sujeito e objeto, eu e o outro, tudo se apresenta unido e a ausência de conflito e divisão aumenta muito a força potencial do indivíduo. *A vivência desse nível superior de consciência, mesmo por breves momentos, pode ser altamente curativa, ampliando a capacidade de realização do sujeito em todos os sentidos.* (BERTOLUCCI, 1991, p.22)

Bertolucci nos chama a atenção para o fato de que estamos quase sempre nos movimentando dentro dos limites estreitos dos automatismo. Mas, nós poderemos, muito pelo contrário, expandir nossa *criatividade* a ponto de nos

tornarmos *capazes de transcender as nossas limitações através de vivências profundas*, de vivências que se caracterizem por uma consciência mais expandida.

Segundo Bertolucci, somos seres carentes, angustiados pelo vazio de nossa experiência, buscando alívio para a dor. Projetamos essa carência existencial, essa falta ontológica, nas pessoas com quem nos relacionamos, bem como no trabalho. E em relação aos nossos ideais, quase sempre sentimo-nos fragmentados e vazios. E estamos buscando sempre a completude.

Na realidade o que estamos buscando é a profundidade de nós mesmos. [...] *Só é possível realmente a diminuição das carências humanas se o homem elevar seu nível de consciência e complementar-se com sua própria natureza divina.* Do contrário será eternamente perseguido pelo medo da perda, mesmo que tenha sido bem sucedido em obter posições e objetos do mundo material e esteja cercado de relacionamentos afetuosos. (BERTOLUCCI, 1991p. 37)

Bertolucci reconhece que a psicologia ocidental trabalha predominantemente com o nível do ego, pois é algo extremamente necessário,

já que se investiga e ajuda o outro a identificar a raiz e o funcionamento dos seus sofrimentos e dos seus apegos. Não é possível transcender determinado estado de consciência se esse estado está, em parte, inconsciente para a pessoa que o vive [...] Por outro lado, há uma outra dimensão a ser considerada, trata-se da perspectiva transpessoal que [...] vai além dos condicionamentos sociais e da história pessoal de cada um. (BERTOLUCCI, 1991, p.37)

Assim, a dimensão espiritual precisa ser buscada à maneira de cada um e, nesta perspectiva, o conceito de Deus não poderá ser impingido. Cada ser poderá ver, sentir e vivenciar a divindade de uma forma muito particular, pois cada pessoa é única e o divino está em todo o cosmo.

Esta é a perspectiva da psicologia transpessoal, que respeita e acolhe em profundidade todas as formas de vivência do Sagrado, convidando a todos, principalmente os profissionais da área de saúde, a inteirar-se das outras posturas

que configuram a dimensão espiritual da vida, acreditando que essa procura possa abrir-lhes novos horizontes e, conseqüentemente, expandirem seus níveis de consciência, considerando que a vida é um grande mistério e que sabemos muito pouco a respeito, apesar do esforço e dos avanços que são marcas visíveis do nosso tempo.

Carl Gustav Jung e Abraham Maslow já comungavam dessas idéias no início do século passado, e, por isso, são considerados personalidades que lançaram as primeiras sementes de uma nova forma de fazer psicologia. Hoje, a psicologia transpessoal já é, felizmente, respeitada nos meios acadêmicos, apesar do desconhecimento dos seus princípios, pela maioria.

Jung (1991) apesar de considerar a teologia uma tentativa de descrever uma realidade transcendente, que também poderia estar aberta à discussão científica, alertava-nos que devíamos estar atentos para o materialismo da ciência e o dogmatismo religioso, como duas formas perigosas de limitar o homem na busca necessária e profunda de compreender os fenômenos relacionados a sua existência, como um ser de múltiplas dimensões.

Frankl (1989), assim como Jung (1991) e como Assagioli (1982), ao afirmarem que o inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, culturais, mas também espirituais, lançaram as bases de uma psicologia que enfatizava o humano em toda sua complexidade.

Atualmente, com os estudos mais aprofundados, outros nomes surgem nesse novo cenário, Pierre Weil (1989), D'Assumpção (1987), Tabone (1988), Capra (1988), Stanislav Grof (1990), Wilber (1999), Wolger (1987), entre outros, que vêm contribuindo de forma efetiva, através de estudos, pesquisas, palestras e obras para que esse novo enfoque de abordagem da consciência contribua de modo mais consistente para responder às indagações mais antigas e fundamentais do ser humano, que giram em torno do sentido da vida e da morte.

Para Assagioli (1982), uma forma de entrarmos em contato com nossa essência maior é nos indagarmos sobre *quem somos nós*. Pois, em sua opinião, foi justamente por conta do desconhecimento de saber *quem somos* e qual nossa verdadeira natureza, que se gerou esse medo da morte que faz parte estruturante da

nossa vida, pelo menos na nossa cultura ocidental.

Segundo D'Assumpção (1987), o lidar consciente com a morte conduz a um questionamento a respeito do sentido ou significado da própria vida, um sentido mais profundo relacionado à própria existência do homem. Mas a própria psicologia, enquanto ciência e produtora de conhecimentos, tem falhado neste sentido, quando tem considerada a dimensão espiritual apenas como uma mera sublimação da sexualidade ou como um reflexo do desamparo do próprio ser humano. É inegável que questões fundamentais venham sendo relegadas a um segundo plano e, conseqüentemente, estão sendo deixadas de ser consideradas e devidamente pesquisadas.

Maslow já afirmava, há mais de meio século, que a vida espiritual é parte da essência humana e Jung, seu contemporâneo, dizia que o papel da dimensão religiosa é dar significado à vida.

O fenômeno místico não tem pátria nem religião. É um fenômeno de todas as culturas que tem como mestres espirituais, aqueles que fizeram a grande viagem e tiveram experiências radicais, das quais nasceram expressões religiosas, vigorosas até hoje. (MASLOW *apud* JUNG, 1978, p.99)

Parece evidente que Jung não falava de religiões especificamente, mas de religiosidade. A palavra religião tem sua origem no latim e significa “religar”, isto é, indica-nos um movimento de ligação com o divino, do qual o ser humano se distanciou. De acordo com algumas tradições religiosas, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, o homem ao se separar de Deus, sua alma teria se desprendido da alma universal, mas, embora tenha se transformado num ser dependente das paixões e dos desejos, esquecido de sua origem, ele continua a trazer, em seu íntimo, o desejo de perfeição. O estado paradisíaco em que ele se encontrava não está irremediavelmente perdido; subsiste nele a intuição da unidade divina, que pode e deve ser recuperada. De acordo com a doutrina do sufismo, por exemplo, o ser humano teria que despertar sua verdadeira natureza, possibilitando a transcendência de um mundo finito para o infinito.

Porém, através dos tempos, as religiões vêm perdendo o sentido mais

profundo da verdadeira religiosidade ou espiritualidade, preocupando-se muito mais com os aspectos externos, não essenciais, e esquecendo-se de se ligar com a essência, com o sentido autêntico da verdadeira comunhão com a divindade. Possivelmente, a nossa tarefa hoje seja tentar discernir os princípios norteadores cristãos.

Tais distorções geraram superficialidades, sectarismos e animosidades tais que, possivelmente, representem a causa da atitude de descrença que tomou conta de muitos e que culminou na visão de mundo que caracteriza a ciência ocidental, na qual a noção de espiritualidade é percebida como totalmente incompatível com os princípios básicos da ciência, em que só o palpável e o mensurável são reais e todas as formas de fenômenos místicos e religiosos parecem produtos de superstição, irracionalidade e tendência ao pensamento mágico primitivo e onde as percepções, vivências e experiências de contatos com a realidade espiritual são interpretadas como manifestação de doenças mentais - pela psiquiatria e psicologia tradicionais - por não saberem distinguir o verdadeiro misticismo da psicopatologia.

Felizmente, na atualidade, um número significativo de profissionais da saúde e de outras áreas, através da visão transdisciplinar, vêm se esmerando no estudo e na pesquisa, buscando justamente diminuir esse hiato e essas distorções que se tornaram tão comuns e aceitas em nossa sociedade. Reconhecidamente, o físico Fritjof Capra é um deles, pois vem contribuindo, surpreendentemente, para a emergência de um novo paradigma em relação ao tema espiritualidade e religião, o mesmo acontecendo com Stanislav Grof, o psiquiatra e pesquisador da consciência humana. Ele oferece, através de suas pesquisas acerca dos diversos níveis da consciência, uma nova cartografia da consciência, contribuindo para uma maior consistência desse corpo sistemático de conhecimentos que hoje denominamos de psicologia transpessoal.

Para Capra (1982), religiosidade é o encontro com o mistério da vida em um contexto de ligação profunda com o universo, no sentido de pertencer, de estar intimamente envolvido com uma realidade maior. Para Stanislav Grof (1990), a religião é uma atividade grupal organizada que, necessariamente, não necessita buscar a verdade sobre a espiritualidade, dependendo do grau em que ela proporciona um contexto para descoberta interior da dimensão espiritual da

realidade. Nesta circunstância, a espiritualidade pode ser definida como a atuação dessa religião na vida diária, como um modo de ser que flui a partir da experiência religiosa. Nessa perspectiva, a espiritualidade não requer necessariamente uma estrutura formal, um ritual coletivo ou a mediação de um ministro.

Atualmente, como já dissemos, contamos com outros cientistas, em sua maioria estudiosos da física, que, tratando de assuntos tão complexos quanto “consciência”, “vida” e “morte” vêm realmente, ampliando nossos horizontes, mudando concepções entender, parecia viver um quase completo e absurdo caos. arraigadas e reacendendo uma centelha de esperança para um mundo que, no nosso

Amit Goswami é um deles, e ao surgir como físico, emergiu também como um ser realmente espiritualizado, renovando as esperanças e possibilitando a expansão das consciências. Autor das obras: *A Janela Visionária: um guia de iluminação por um físico quântico* (2003), *Universo Autoconsciente* (1997) e *A Física da Alma* (2005), Goswami apresenta aspectos tão revolucionários que podem estremecer alguns dos pilares das religiões tradicionais do ocidente, quando traz conceitos e hipóteses pertinentes, a partir das pesquisas e premissas da física quântica.

Na obra *A Física da Alma* (2005), Goswami analisa o modelo de consciência que inclui o que ele chama de “mônada quântica” e que pode agir como mediador da “reencarnação”. Também responde afirmativamente à questão: é possível desenvolver uma física da imortalidade? Além de responder a outras indagações bem mais comuns, como: a morte representa o fim da vida? O que sobrevive? O que acontecerá comigo, quando me for? Tentando responder a questões desta ordem, com base na física quântica, Goswami nos envolve com um nível de conhecimentos absolutamente novos e desafiadores que exigem estudo, reflexão e partilha de natureza inter e transdisciplinar, porém um mínimo dos conhecimentos nesta obra contida, já nos revela que a “posição quântica” deste pesquisador nos abre para um mundo de múltiplas possibilidades, algumas delas, até então inimagináveis, pela maioria de nós, ocidentais. Reconhecemos que não temos condições de expressar de forma “fisicamente” adequada as hipóteses e as afirmações desse eminente físico, porém, o que percebemos como bastante significativo, é que ele faz referências a muitos posicionamentos de vários yogues e filósofos orientais,

parecendo concordar com a maioria de seus posicionamentos em relação à morte e ao pós-morte, inclusive nos alertando para a importância de começarmos, o quanto mais cedo melhor, a prática da “yoga da morte”, pois “é preciso tomar cuidado ao morrer. As possibilidades que irão aflorar em seus corpos sutis, quando você estiver morto e inconsciente, vão depender do estado de sua consciência agonizante” (GOSWAMI, 2005, p.233).

As idéias de Goswami reforçam a concepção de que precisamos revisitar e refletir sobre as idealizações e expectativas em relação à morte e ao pós-morte e, mais que isso, a dimensão espiritual do ser humano.

A dimensão espiritual, ainda tão pouco compreendida em nossa cultura ocidental, precisa ser levada em consideração não só pelas instituições religiosas, mas sobretudo pelas instituições educativas e político-sociais. Para Leloup, o ser humano na perspectiva transpessoal é bem mais que um corpo. O ser humano

não é somente uma matéria ou uma mecânica, mas é também uma alma e, cuidar dele, não é apenas cuidar do seu corpo, é também respeitar sua alma. Nesta antropologia o homem é também um espírito, existe nele uma dimensão que escapa ao espaço e ao tempo. Apenas o que morre está no espaço e no tempo (LELOUP, 2001, p. 15)

Partindo da perspectiva transpessoal, mais uma vez referendada por Leloup (2001), o trabalho do psicoterapeuta transpessoal não é apenas o de curar a enfermidade, mas também e, essencialmente, o de capacitar o paciente a descobrir e utilizar seus próprios recursos interiores, visando a um processo de cura ou de amadurecimento espiritual. Dentro desta perspectiva, a morte já não é encarada como uma inimiga a ser vencida, pois durante o processo de cura do medo da morte, o indivíduo é capaz de reconhecer a sua verdadeira natureza espiritual e, com isso, vivenciar a morte como um processo “curativo”, ou seja, de profundo sentido. Assim, diz-nos Leloup, é possível encontrar vida na morte, como um autêntico parto de luz, um retorno do filho pródigo que, amadurecendo com a crise, transformou-se e aprendeu a amar a si mesmo, à vida e ao outro.

Leloup (2001) nos diz que, na Europa, quando uma pessoa já se encontra em fase terminal, a tendência é acolher e satisfazer o desejo do paciente, que geralmente dispensa os medicamentos fortes que teriam apenas o objetivo de curá-los, passando-se a utilizar remédios simplesmente para aliviar as dores, sem comprometer demasiadamente o nível de consciência. Portanto, já existe uma cultura que se preocupa em preservar os últimos instantes da pessoa, no sentido de cuidar para mantê-la viva, com o máximo de lucidez possível.

A partir da perspectiva antropológica cristã, trazida por Leloup, é possível identificar essencialmente uma preocupação, um cuidado em se possibilitar “o despertar da pessoa para a vida eterna”, e com tal atitude, ajuda-se o paciente a encontrar o que para ele é “o objeto de sua esperança, a luz que o guiou durante toda sua vida”. Daí a importância fundamental do acompanhante, que na perspectiva de Leloup, deve lembrar-lhe a presença dessa *luz*.

A partir do que já se sabe a respeito do Bardo, o papel do acompanhante ou cuidador é o de ajudar a pessoa a se desapegar, a caminhar em direção à verdadeira natureza de seu espírito, que se chama Clara Luz. Neste contexto, então, o momento da morte parece ser semelhante ao momento do nascimento, quando o ser humano sente a necessidade de um pai e de uma mãe, de uma presença masculina e de uma presença feminina; a feminina trazendo a dimensão do toque, na maneira de envolver a pessoa com sua presença, afeição e delicadeza. Só aqueles que já viveram a experiência de serem realmente cuidados, e só aqueles que desempenham a função de autênticos cuidadores, sabem perceber a sutileza da diferença entre os cuidados quando partem de um acompanhante que percebe e respeita a dignidade do ser humano, por isso Leloup considera essencial que a pessoa seja percebida

não como um quase-cadáver, mas como um corpo habitado por uma alma, um corpo habitado por um espírito. Considerar o doente como seu próprio filho e ajudá-lo a viver esta passagem. A presença masculina, paterna, também é necessária, trazendo a palavra, uma palavra profética que oriente sua consciência. Isto porque o momento da morte é de muita confusão, há uma subida do inconsciente pessoal, familiar, coletivo e, às vezes, mesmo do inconsciente cósmico. (LELOUP, 2001, p.20)

O momento da morte, portanto, pode ser para Leloup um momento de profunda crise e amadurecimento psicoespiritual. Do mesmo modo pensam os terapeutas transpessoais, que vêem este momento final como uma situação em que o agonizante além de entrar na profundidade e complexidade do seu psiquismo, viajando nas camadas do seu inconsciente pessoal e coletivo, poderá penetrar “no segredo de sua matéria, de suas células e átomos” (LELOUP, 2001, p. 22).

Ainda dentro da perspectiva da luz, que de formas diferentes tem surgido tanto nas obras escritas pelos ocidentais, como também nos textos advindos da tradição mística oriental, fica claro que se torna necessário, mais que isso, fundamental, que ao lado daquele que agoniza, possamos contar com a presença de um cuidador sensível e treinado para ajudar ao Ser na sua passagem, possibilitando o máximo possível o processo de “desapego” e, conseqüentemente, estimulando a “entrega”. Leloup, filósofo e teólogo francês, demonstra isso enfaticamente, reforçando as idéias e recomendações dos mais antigos religiosos do mundo oriental.

Aconselha-nos Leloup: há uma palavra fundamental a ser dita pelo cuidador àquele que está vivendo o seu momento de passagem: “*vá, vá para a luz; você tem o direito de morrer, você tem o direito de partir*” (LELOUP, 2001, p.21).

Do mesmo modo que Leloup, Gimenez (2001), tanatóloga e PhD em psicologia, vem se dedicando incansavelmente aos pacientes terminais, dentro da perspectiva transpessoal.

Segundo o pensamento de Gimenez, o conforto nos momentos finais do paciente agonizante vem do auxílio espiritual prestado por seres de luz disponíveis, representantes do Criador.

A Providência tudo prevê e crê na potencialidade infinita do ser passante de se abrir a Sua Luz, ao seu Amor, mesmo quando em agonia física. Somente a agonia emocional é que poderá dificultar a viabilidade da entrada da Luz e conforto espiritual, o que por sua vez maximizará o desenrolar da exacerbação do desconforto espiritual, fruto da descrença e do desespero. (GIMENEZ, 2001, p. 42-43)

Enquanto que à medicina, com seu desenvolvimento farmacológico, cabe aliviar o desconforto físico do “ser em passagem”, ou agonizante; a psicologia, em suas diversas abordagens, busca aliviar a dor emocional do seu cliente terminal, fechando laços ou contextos malresolvidos, trabalhando situações inacabadas que causam muita inquietação e culpa, em relação a parentes amigos e até inimigos. “Afetos e desafetos precisam ser, competentemente, trabalhados e carinhosamente abordados pelos psicoterapeutas ou qualquer pessoa que esteja auxiliando o ser passante” (GIMENEZ, 2001, p. 43).

Para a referida autora, a competência requerida do cuidador do ser agonizante é fruto não apenas do conhecimento teórico e técnico, mas também advém de uma sensibilidade e amadurecimento interior, resultantes do desenvolvimento psíquico espiritual:

a civilização antiga abrigava o ser enfermo, acolhendo tanto suas enfermidades físicas quanto suas necessidades emocionais e espirituais, tratando-o como um ser uno, que era visto por um sacerdote, médico, psicólogo, no qual deveríamos lhe fortalecer mediante condutas que facilitassem sua integração psico-espiritual. (GIMENEZ, 2001, p.47)

Muitas pessoas que passaram a vida crendo apenas no próprio controle e poder sobre as contingências de seu dia-a-dia, ao se depararem com a sua própria impotência frente à deterioração física, e conseqüente iminência da morte, tornam-se enfurecidos, sentindo-se completamente inseguros e desamparados. Nesse momento, o ego, antes onipotente, passa a se perceber como insignificante frente ao mistério da vida e da morte. Por isso, o momento de passagem pode ser considerado, seguramente,

uma etapa bastante significativa quando a força do espírito ou da alma, como queiram denominar, está mais livre das rédeas da existência. Trata-se, portanto, da fase em que o ser passante descrente pode ser convidado a ousar experimentar a presença do divino. Ao auxiliar de passagem, cabe não se intimidar [...] cabe, portanto, de forma delicada, habilidosa e gentil, usar de estratégias terapêuticas que ajudem o ser em passagem a lembrar-se de quem

ele é, para tomar contato com sua essência, [...] é preciso respeitar a essência e não confundi-la com as máscaras sociais ou emocionais que falsamente parecem proteger o ser de sua dor frente a sua fragilidade e impotência [...] contribuir para integração desse ser, significa restaurar sua identidade consagrando com a luz, ou seja, com sua essência. (GIMENEZ, 2001, p.125)

Refletindo sobre a obra de Gimenez, bem como a dos autores transpessoais - aqui já citados - no nosso entender, há um ponto em comum, que trata da percepção do quanto é importante e fundamental o cuidado em se possibilitar consciência ao ser agonizante, ou ser “passante”, no sentido de facilitar a sua jornada, após a morte, rumo aos planos superiores da existência.

Não seria justamente por conta do desconhecimento de saber quem somos, qual nossa verdadeira natureza, qual o sentido de nossa existência, que se gerou esse medo extremo em relação à morte? A ansiedade e o medo sentidos ante a morte parecem fazer parte estruturante de nossa cultura que, por sua vez, reproduz e reforça a visão reducionista do ser humano.

Por isso se faz fundamental que “cuidemos” do ser que agoniza. A partir da consciência que temos desse preparo nos momentos que antecedem a partida do ser, é que decidimos dedicar um lugar de destaque para as idéias de Earlyne Chaney, neste capítulo, pois de todas as obras que lemos sobre este tema, foi a de Chaney que nos pareceu mais esclarecedora.

Percebemos, na obra de Earlyne Chaney (1988), muita relação com o pensamento dos que integram a psicologia transpessoal. Sua obra descreve com detalhes - numa linguagem que nos pareceu compreensível para nós, ocidentais - as situações em que o ser “passante” vive, desde os momentos que antecedem a sua “passagem”, até as etapas últimas de sua peregrinação na situação pós-morte.

Decidimos, também, trazer à luz, alguns aspectos que consideramos relevantes do pensamento religioso oriental, acerca da morte e do processo de morrer, porque nos chamou atenção o fato de que 25% das pessoas da nossa amostra, quando indagadas acerca de sua religião, denominaram-se “espiritualistas”, esclarecendo nas entrevistas que, apesar de acreditarem na reencarnação, não se percebem como espíritas por discordarem de alguns aspectos fundamentais da

referida doutrina, e também por se considerarem ecumênicas, no sentido de valorizarem os princípios espirituais dos orientais, bem como por reconhecerem o Cristo como modelo maior de amor.

Como já foi dito, Chaney acolhe as idéias dos orientais, no sentido de que também percebe a morte como um momento de “iniciação espiritual”, portanto, parte inerente da própria existência. Porém, mesmo sendo algo natural, como qualquer “iniciação”, requer preparo e consciência para que as pessoas envolvidas vivam o que precisa ser vivido, numa atmosfera de harmonia e sintonia com o divino.

Dentro dos princípios espirituais dos místicos orientais, a morte como fim não existe, podendo apenas ser encarada como um momento necessário e sagrado – um momento de iniciação – e que toda pessoa, preparada ou não, terá que enfrentar. Tal momento é visto apenas como uma “situação de transição”.

Do mesmo modo que no imaginário oriental, a “Clara Luz” representa, para os orientais, a abertura para a salvação, a iniciação e a libertação, a oportunidade para a salvação nos últimos momentos de vida. A partir dos estudos realizados por Chaney (1988), o surgimento da Clara Luz é percebido como um “momento glorioso”, um momento de “decisiva oportunidade”. (CHANNEY, 1988, p. 55)

Segundo Chaney, “pouco antes do momento da morte, os ‘iniciados’^{*} verão diante de si a maravilhosa e ofuscante Clara Luz do Vazio”. Se a luz interior do iniciado estiver harmonizada com a alta voltagem da Clara Luz, “estas almas acabarão por fundir-se a ela. Serão salvas, serão libertadas [...] e nunca mais precisarão reencarnar de novo uma forma física mortal. Tornar-se-ão imortais ou deixarão de estar sujeitas à mortalidade [...]” (CHANNEY, 1988, p. 77 e 79).

O fracasso em reconhecer a Clara Luz, por causa dos condicionamentos religiosos ou por conta de um medo inerente, significaria, para muitas das almas dos que faleceram, uma oportunidade perdida de conseguir elevar-se espiritualmente.

Ainda na perspectiva oriental, o desprendimento da forma física, é tão natural quanto é para nós, a imagem de um pintinho rompendo a casca de ovo. Lembra-nos Chaney (1988), em um trecho bíblico que diz: “Aquilo que um homem pensa em seu

* Para os ocidentais: “recém-falecidos”, “agonizantes” ou “moribundos”

coração, assim ele é.” (Pr 23,7) E ela associa tal referência à imagem do pinto que, rompendo a casca do ovo, se abre para a vida, como acontece com o átomo primordial do coração, que contendo marcos importantes de toda a encarnação, solta, na “hora marcada”, partículas atômicas ou imagens mentais da chegada da morte na corrente sanguínea. Essas imagens mentais penetram nas glândulas, que recebendo a mensagem de morte, começam a fabricar uma misteriosa substância, conhecida com *hormônio letal*... sinalizando, assim, o início do processo do desenlace do espírito do corpo físico. “Quando a ampulheta espiritual estiver concluído seu processo”, é sinal que chegou o momento da alma partir, “voltar para as feras de onde veio”. (CHANNEY, 1988, p. 61)

É nesse momento, segundo Chaney (1988), que se faz necessário que o ser em “passagem” seja envolvido numa atmosfera previamente preparada para a ocasião do desenlace. A música e/ou palavras cuidadosamente escolhidas para *afastar o medo* são pronunciadas com objetivo de conduzir a consciência do moribundo à plena percepção da Clara Luz que se aproxima, ajudando assim, a alcançar a *libertação*. Não são recomendáveis lamentações em alta voz, para evitar qualquer tipo de perturbação ao “peregrino”, no seu momento supremo, ou seja, no momento do seu “*transitório nascimento espiritual*”.

É exatamente nesse contexto, delicado e profundo de “nascimento”, que “o ‘peregrino’ estará entrando num estado ampliado de consciência e poderá ouvir as palavras do ritual de morte”. Ele estaria no primeiro estágio do “Bardo”, que corresponde à caminhada da alma de volta ao lar nas esferas superiores, após a morte e antes do ser despertar realmente no além. (CHANNEY, 1988, p. 64)

Para os ocidentais, o Bardo corresponde a situação processual de “juízo”, onde será definida a situação da alma. “Ela encontrará resistência no plano superior ou inferior, dependendo de como reagirá aos testes de iniciação na jornada de juízo do Bardo”. (CHANNEY, 1988, p. 77)

Como dissemos, nesse momento, a “força vital” do ser “passante”, também chamado de ser “peregrino” estaria movimentando-se de forma ascendente e ao invés de perder a memória, nos primeiros momentos em que é considerado morto clinicamente, ele tende a se tornar cada vez mais perceptivo, tomando consciência

de que não mais está morrendo, pelo contrário, sente-se mais vivo, sentindo também sua percepção se expandindo. É precisamente neste momento que se configura a primeira fase do Bardo que corresponde ao momento, pouco antes da verdadeira morte, e é exatamente neste instante “supremo” que surge a “Clara Luz do Vazio”, e a partir daí, poderá ocorrer uma ou todas as seguintes experiências:

- O moribundo ou peregrino poderá sair do estado aparente de inconsciência para despedir-se das pessoas queridas que o circundam;
- Poderá ver os espíritos das pessoas queridas, já falecidas, que estão a seu lado para lhe dar as boas vindas;
- Poderá ver passagens magníficas, tão maravilhosas quanto indescritíveis e ouvir uma música também tão especialmente bela e deslumbrante;
- Poderá se sentir inundado por emoções tão sublimes que só podem ser expressadas pela palavra êxtase.

A partir daí, o ser que já está dando os últimos passos na atmosfera terrestre, poderá vivenciar um estado de consciência especial, recebendo tudo de modo muito mais nítido e mais belo.

Nessa fase, numa situação hipotética, se um médico procurar identificar se o indivíduo já está realmente morto, sendo incapaz de ouvir as batidas do seu coração, não sentindo a sua pulsação, dirá que o paciente está morto. Isto é o que ocorre comumente aqui no ocidente. Todavia, para os orientais, o átomo primordial do coração ainda não se libertou, e portanto ele ainda não pode ser considerado morto; ele poderá persistir por um breve período de tempo, algumas horas, até que aconteça o desprendimento dos átomos primordiais mentais e emocionais.

De acordo com essa forma de pensar, o processo de desprendimento continuaria, e os conteúdos mentais e emocionais do ser iriam influenciar o plasmar do novo corpo, o “corpo astral”, que é o invólucro do espírito.

Só depois da nova forma espiritual - recém-nascida - ficar totalmente plasmada, é que o átomo primordial do coração escapará. Assim como os átomos do bebê, ou seja, do ser físico que se desenvolve no interior do útero da mãe, leva nove meses

para serem concluídos, esta nova forma espiritual, também chamada de “corpo astral” leva de uma a quinze horas para ser totalmente construída, e assim como nas dores do parto, “o nascimento espiritual” acontecerá. O átomo primordial do coração é, portanto, o último a partir levando consigo o registro, o “filme” de toda a vida do ser. (CHANEY, 1988, p.73)

Em geral, porém, considerando a falta de preparo espiritual para a situação de desenlace, o nascimento espiritual requer, em média, três dias durante os quais o corpo deverá permanecer numa atmosfera de profunda tranquilidade para que a alma, ao iniciar sua jornada no “Bardo”, possa aproveitar toda oportunidade de se confrontar “com os ocupantes do umbral, reconhecê-los como formas mentais e prosseguir viagem para alcançar o mais elevado plano de luz possível nas esferas celestiais”. (CHANEY, 1988, p. 75)

Esses últimos posicionamentos de Chaney (1988) nos fazem lembrar algumas falas de Leônia, uma das entrevistadas. Ela nos assegura ter vivido experiências do tipo CAM*, ou seja, recebe espontaneamente comunicações de pessoas já falecidas, apesar de não se considerar pertencendo à religião espírita. Ela nos diz que viver tal experiência a mobilizou muito, e “mesmo já sendo passados vários anos, ainda me emociona, como se fosse ainda uma novidade” (Entrevista Leônia). De início pensou que se tratasse de projeções suas ou “projeções de outras mentes do umbral”² (Entrevista Leônia), mas hoje, a partir dos estudos que vem fazendo, da teoria kardecista, da parapsicologia, da física quântica e das EQM's, ela não tem dúvida de que as experiências que viveu e que ainda vivencia até o momento da entrevista conosco, essas comunicações são, realmente, de natureza espiritual e têm a ver com realidades de outras dimensões.

Um outro aspecto significativo para Chaney (1988) e que encontramos ressonância na entrevista de Leônia, é com relação ao momento em que surge a Clara Luz. Para Chaney, é no momento do desprendimento da alma, que surge a “indescritível luminosidade”, como assim é chamada pelos ocidentais. Na perspectiva oriental, segundo Chaney, a Clara Luz “vem para todos sem exceção, pouco antes

* Comunicação Após a Morte

² Local fora da Terra, onde as almas dos falecidos que ainda não ascenderam, tendem a permanecer, na visão espírita kardecista e espiritualista em geral.

do momento da morte — não como um perdão “através da Igreja” nessa hora extrema — conforme nos quer fazer crer os sacerdotes ou ministros religiosos ocidentais —, mas como uma oportunidade decisiva de salvação para *todos* os filhos de Deus, independentemente de sua religião. (CHANEY, 1988, p. 88)

Consideramos interessante perceber o quanto há de semelhante entre a perspectiva oriental trazida por Chaney (1988) e os posicionamentos de Leônia, entrevistada a que já nos referimos. Leônia crê que todos os humanos, independente de suas falhas, “terão a oportunidade de salvação, ou seja, de serem envolvidos pelo amor e proteção de um Deus misericordioso” (Entrevista Leônia), possivelmente por ter entrado em contato, através de leituras, com os relatos acerca da Experiência Quase Morte, supõe que, justamente, é no momento do encontro com o “ser luminoso” que o espírito daquele que está no ponto limite - entre a vida e a morte - terá a “divina oportunidade” de rever a sua vida, envolvido pela atmosfera amorosa do Cristo e assim se reposicionar em relação ao sagrado.

Dentro da perspectiva oriental descrita por Chaney, tanto os budistas, muçulmanos, hindus, cristãos, judeus, santos e pecadores, quanto pobres e ricos, bons e maus, terão a dádiva de receber a graça divina através da Clara Luz, na hora da morte, e é esse Deus uno que se oferece a todos sob a forma de Luz Branca.

A partir das reflexões da obra de Chaney, identificamos como sendo o perdão a parte mais importante de toda a jornada do Bardo. Na perspectiva oriental, à medida em que o ser tiver perdoado àqueles que o prejudicaram, na mesma medida ele verá brilhar então, dentro de si mesmo, uma luz interior. E a intensidade dessa luz interior determinará se sua alma poderá ou não fundir-se permanentemente na pura e deslumbrante Clara Luz, e assim, salvar-se de imediato. Essa salvação supõe que o ser não precisará migrar temporariamente para nenhum plano inferior, significa também que foi rompido em definitivo o esquema mental do karma que o mantinha preso à roda de nascimentos e mortes no campo da matéria. O Ser se tornou imortal, graças à vivência do perdão.

A segunda fase caracteriza-se pela presença da Luz Secundária, que surge para todos aqueles que não conseguiram, na primeira fase, fundir-se na Clara Luz. É a segunda chance que é dada, pela “graça divina”, para que o ser peregrino consiga a

sua iluminação.

Os peregrinos, no estágio da Luz Secundária, já têm consciência de que não atingiram ainda a libertação total e acreditam que, na viagem pelo Bardo, irão experimentar sensações estranhas no corpo astral. Segundo os escritos de Chaney (1988), aquele que está nesta fase, “vai perceber [...] o poder eletromagnético dos chakras que reagem à recém-liberada força psíquica”. Nesta fase, é comum que

Sons e visões insólitos começam também a surgir. É possível que se ouça uma música incrivelmente bela ou que se comece a presenciar visões de figuras cheias de esplendor, de rostos e cenas bruxuleantes... (CHANEY, 1988, p. 92)

Por isso, os mestres ou os “cuidadores” orientais tendem a aconselhar àqueles que estão vivendo seus últimos momentos na Terra, para não caírem na cilada de pensarem que todas as cenas e figuras que lhe surgirem são reais: “não são mais reais do que as figuras que vê numa tela de televisão. Lembre-se de que elas vieram de dentro de você e refletem seus próprios processos mentais”. (CHANEY, 1988, p.93)

Os mestres têm todo o cuidado em lembrar que essas visões são criadas pelos reflexos kármicos de boas ou más ações praticadas por nós mesmos, quando estávamos no corpo físico. Para eles, durante a segunda fase do Bardo, todo pensamento bom, todo ato generoso, toda prece se transforma numa espécie de grandiosa forma mental que flui e se incorpora a nós... E os mestres nos dão um exemplo,

se você meditou constantemente sobre um determinado mantra, será agora envolvido pela vibração do som repetido. A forma mental que visualizou constantemente durante a meditação e a prece terá criado raízes, chegando à plena floração. É indescritível o poder desses cânticos e orações místicos, e esse grande poder o fará subir cada vez mais alto. As formas do cântico surgirão à sua frente — até mesmo as palavras do cântico ou das orações continuarão reaparecendo. Poderão assumir contornos e dimensões variadas, mas transcorrerão numa perspectiva agradável e contínua. (CHANEY, 1988, p. 93 e 95)

Tais visões, inclusive, poderão surgir sob formas de divindades supremas, mestres ou anjos, e, ao aceitar “uma delas como o seu Salvador”, o ser - em sua jornada espiritual - estará passando da segunda fase do Bardo para dimensões mais elevadas, livrando-se de ter que entrar e vivenciar a terceira fase. Chaney (1988), tentando esclarecer melhor esta situação para nós ocidentais um tanto estranha - nos traz uma situação hipotética, pois nos manda imaginar que, um cristão que meditou freqüentemente sobre Jesus Cristo, verá uma imagem d’Ele surgir constantemente à sua frente, uma imagem mental que lhe oferece a salvação. Se tentar fundir-se com essa forma, ou tocar na mão que ela lhe estende, a luz da própria forma o levará do estágio hipnótico do Bardo para esferas superiores, ou até para a mais elevada, o paraíso. O importante para Chaney, é que o ser peregrino, ou o ser em trânsito pelo Bardo, tenha “aceito Jesus como seu Salvador num sentido cósmico, muito além da compreensão dos fundamentalistas, que tanto uso fazem do termo”. (CHANEY, 1988, p. 95) Do contrário, a alma tenderá a entrar na terceira fase do Bardo, que é a do “vale julgamento”, criado pela própria mente, enquanto uma revisão da vida acontecerá nos moldes de um “filme da memória” passando diante das nossas consciências. Nós não apenas estaremos vendo as cenas do passado, mas também participando dele.

Cada pessoa é o seu próprio juiz. É você quem conhece sua própria vida interior melhor do que ninguém e quem está melhor qualificado para julgar — não aquilo que faz, mas aquilo que é. Dentro de sua própria consciência pessoal o juiz instala seu tribunal. Foi-nos dada a condição de nos julgarmos e esse julgamento se expressa através da consciência. É este juiz íntimo, insistente e implacável, que o empurra para um período de busca e auto-realização. O julgamento, pois, é o estágio... final do Bardo, sendo experimentado apenas pela alma que não buscou a luz. Este Bardo, portanto, não é um lugar ou um período de punição arbitrado por algum juiz cósmico; é tão somente a compreensão, imposta à força, do significado dos delitos praticados pela pessoa, e é a alma que há de carregar o fardo do remorso e da vergonha. (CHANEY, 1988, p. 99)

O grande perigo, na visão dos mestres orientais, é que o ser em passagem não esteja preparado para o confronto na fase do julgamento, pois se ele não tiver assimilado as orientações acerca do Bardo, quando as imagens refletidas do centro dele mesmo vierem à tona, por não compreender o sentido delas, tenderá a fugir

aterrorizado, procurando escapar dessas formas, por não saber que elas personificam apenas projeções mentais dele mesmo, ou de seres inimigos.

Refletindo sobre os aspectos escatológicos da obra de Earlyne Chaney (1988), percebemos que existem aspectos que se assemelham à escatologia na perspectiva católica, mas também diferem em muitos aspectos, na forma de perceber a morte nas religiões ocidentais, inclusive na Católica Romana.

Enquanto que para os religiosos ocidentais o purgatório e o inferno eram intencionalmente representados por figuras escabrosas e assustadoras, tidas como reais; na perspectiva oriental, as imagens surgidas durante a viagem que a alma percorre após a morte, no Bardo, não passam de meras construções mentais baseadas nos condicionamentos ou desejos daqueles que, ao falecerem, não morreram, apenas transpuseram os limites desta, para outra dimensão, permanecendo no umbral*. Essas imagens seriam reais apenas na medida em que lhes conferimos força e poder.

Esse assunto se configurou para nós, no momento da pesquisa, um ponto de relevância, estimulando-nos a posteriormente estudá-lo em profundidade, considerando que, no contexto de pós-modernidade, a escatologia tem sido um tema bastante controverso e polêmico para alguns segmentos da Igreja Católica, enquanto que, para outros, parece completamente “esquecido”. Mas, o consideramos sobretudo importante porque gerações e gerações vêm sofrendo a partir dessas projeções.

A visão oriental do pós-morte, no nosso entender, remete às figuras do imaginário medieval, ainda hoje presentes em nossa cultura ocidental, acerca do purgatório e do inferno, na perspectiva da religião Católica Romana, a hegemônica em nossa sociedade...

* Local fora da Terra, onde as almas dos falecidos que não ascenderam, tendem a permanecer até o momento de se decidirem ir ao além (visão espírita ou espiritualista)

4.2 A MORTE NA PERSPECTIVA DE ELIZABETH KÜBLER-ROSS

Em 1969, com o impacto de sua obra *Sobre a Morte e o Morrer*, a Dra. Elisabeth Kübler-Ross passou a ser reconhecida internacionalmente como a “Dra. da Morte”. Ela é, ainda hoje, uma das personalidades mais conhecidas e respeitadas do mundo, no campo da psicologia da morte e do morrer. Nascida na Suíça, aos dezoito anos participou, pessoalmente, do pesadelo da Segunda Guerra Mundial, contribuindo com seu trabalho na reconstrução das vidas humanas destruídas por esse episódio. Depois de se formar em medicina, foi aos Estados Unidos para se especializar em psiquiatria, e logo se sentiu atraída pelos problemas enfrentados por pacientes moribundos.

A Dra. Kübler-Ross nos lembra, em seus escritos e palestras, que a morte tem sido progressivamente esvaziada de sua essência espiritual pela mecanização consciente da sociedade e, hoje em dia, é raro um paciente voltar e morrer em sua própria casa. As pessoas, quase sempre, morrem no recinto do hospital, muitas vezes inconscientes e ligadas a vários sistemas de manutenção da vida. Entretanto, felizmente, ela se recusa a apoiar essa abordagem impessoal, considerando a maneira padrão de tratar com a morte, principalmente nas instituições, como uma total e absoluta falta de consideração pela pessoa que está vivendo o seu processo de morrer. Muito ao contrário da maioria dos seus colegas profissionais, ela aconselha àqueles que a procuram, quando se descobrem gravemente doentes, a permanecerem onde se sentem muito mais à vontade, incentivando-os a não se deixarem ser pressionados pela máquina institucional.

Ela expressa, claramente, que encontrou nos primeiros anos de sua atuação, muitas dificuldades e resistências por parte das instituições hospitalares e das equipes médicas e para-médicas em aceitarem o seu estilo peculiar de trabalhar e conviver com os pacientes. Porém, passados alguns anos, a referida médica terminou por ser reconhecida em seu meio, por sua competência e sensibilidade, conseguindo redescobrir, no mundo psíquico das crianças moribundas, bem como no dos adultos, aspectos ou dimensões nunca antes imaginadas e, muito menos, trabalhadas pela ciência.

Iniciou seu trabalho conversando com seus pacientes num nível de profundidade ímpar, enquanto lentamente mapeava os “estágios” do processo da morte — para exasperação da maioria dos seus colegas médicos, em Chicago, que se opuseram ao seu trabalho. Mas, o fato é que os pacientes gostavam de falar sobre a morte e sobre as respostas emocionais à sua condição terminal. Depois de trabalhar com cerca de duzentos pacientes, a Dra. Kübler-Ross decidiu publicar suas descobertas mais significativas. Hoje já existe uma série de livros traduzidos em vários idiomas, inclusive o nosso.

O seu livro “Sobre a morte o morrer” (1969) tornou-se um best seller em todos os quadrantes do mundo, na área da psicologia e da saúde mental. Sua primeira descoberta foi sistematizada e publicada e nos revela que as pessoas vivem quatro estágios de reações, ao enfrentarem a iminência de sua própria morte. Normalmente, elas primeiramente *negam* o fato; depois, num segundo momento, passam a expressar *raiva* pelo seu destino; na terceira fase, tentam *barganhar* com Deus para ganhar mais tempo, é a fase das orações; por fim, entram num profundo estado de *depressão*. Segundo ela, assim que ultrapassam essa fase, surge um período também chamado de “noite escura da alma”, onde essas pessoas, em sua maioria, tendem - após um longo e profundo sofrimento - emergir, preparadas para enfrentar a viagem final da vida, concretizando assim, a fase de *aceitação*. Conforme explica a Dra. Kübler-Ross, estas fases, necessariamente não seguiriam a ordem apresentada neste parágrafo; o ser humano é muito complexo e peculiar na forma de viver as suas dificuldades, portanto, essas fases podem se mesclar, inclusive os pacientes podem falecer antes mesmo de terem alcançado a fase de “aceitação”.

Ao trazer suas experiências, partilhá-las e debatê-las com alguns profissionais da área e o público em geral, a Dra. Kübler-Ross possibilitou à sociedade contemporânea uma nova visão acerca das complexidades da morte, trazendo à tona o tema morte e morrer sob uma ótica que não estávamos habituados.

A atuação dessa eminente psiquiatra, pioneira no trabalho com a morte numa perspectiva psico-espiritual, prosseguiu de um modo surpreendente através de algumas dezenas de anos, em que foram produzidos inúmeros livros e pesquisas, bem como um incomensurável número de palestras por todo o mundo. Em um primeiro momento, suas produções literárias giravam em torno da morte enquanto

processo psico-biológico e enfatizava a dimensão humana. O paciente teria que ser considerado como um ser humano em crise, carente de apoio e de intervenções que priorizassem a sua sensibilidade, os seus sentimentos e, sobretudo, a capacidade de decisão e livre expressão; mesmo nos últimos instantes de sua existência, seria imprescindível ser reconhecido o seu imenso potencial, capaz de ser acessado se lhe são dadas as condições necessárias. Seus últimos livros porém, refletem, no nosso entendimento, uma segunda fase em que a referida médica desponta mais amadurecida no sentido mais integral do ser, ou seja, disposta a ousar, arriscar-se, trazendo à luz, suas experiências mais íntimas, mesmo sabendo que poderia enfrentar duras críticas do mundo acadêmico-científico. Inegavelmente este foi um risco assumido por ela de um modo bem consciente, posto que já contava, como pesquisadora, com mais de vinte mil casos em seus arquivos. Todavia, por obra do destino, viu toda essa imensidão de material transformar-se, literalmente, em cinzas. Desnecessário, talvez, entrarmos em detalhes sobre essa situação extremamente dolorosa, apenas a registramos com intuito de ilustrar o que dissemos inicialmente a respeito do profundo amadurecimento que resultou desse imenso sofrimento vivenciado por ela.

Como acredita K-Ross (1998), “nada é por acaso, tudo acontece por uma razão positiva.” [...] “Experiências amargas podem resultar em um bem: os vendavais da vida são verdadeiras bênçãos para o nosso crescimento.” E todos nós estamos ganhando com isso, pois do “vendaval”, K-Ross saiu mais profunda, mais consciente e mais comprometida, tanto é que enfrentando todos os riscos, publicou suas três últimas obras trazendo à tona ainda o tema morte, mas sob uma perspectiva totalmente inovadora, pelo menos para nós, psicólogos ocidentais.

Foi através dos livros “O túnel e a luz” (2003) e “Roda da vida” (1998), este último sua autobiografia, que nos deparamos com inúmeros casos, relatados pela Dra. K-Ross, que representam, no nosso entender, um belo desafio a todos que fazem ciência dentro de um modelo paradigmático clássico. São destes livros que trataremos alguns casos, alguns comentários que servirão como “amostra” do muito que ainda temos a aprender com a experiência desta mulher, médica e profissional, que sempre esteve muito à frente do seu tempo.

Nas referidas obras, a sua contribuição é essencialmente de natureza psico-espiritual, um verdadeiro marco para os profissionais de saúde mental, de nossa época, pois certos fenômenos nos surpreendem por extrapolarem os conhecimentos que não nos são oferecidos ao longo dos nossos cursos de graduação e pós-graduação por, simplesmente, não poderem ser explicados racionalmente. Segundo os físicos quânticos e os estudiosos dos fenômenos da consciência, certos eventos, acontecimentos e percepções vão muito além do que pode ser percebido e explicado pelos modelos das ciências naturais e exatas, e são comumente denominadas de experiências “extra-sensoriais”, “paranormais” ou “supranormais”. Estes são temas que nos interessam, particularmente nesta pesquisa, pois cinco das doze entrevistas que realizamos, com a intenção de trabalhá-las nesta dissertação, em cinco surgiram fenômenos deste tipo que consideramos especiais ou extra-sensoriais, como por exemplo, a experiência de quase morte (EQM), a experiência fora do corpo (EFC), bem como certos tipos de “vidências” (que provavelmente não se trata de alucinações), premonições e CAM (comunicações após a morte) e outras.

No seu livro *Sobre as crianças e a morte*, a Dra. Kübler-Ross nos fala abertamente sobre o mundo interior, as vivências subjetivas dos seus pacientes, em toda sua complexidade e com muitas nuances ainda não percebidas pelos profissionais da saúde. Por exemplo, a partir de suas experiências ao lado das crianças, no leito de morte destas, ela afirma e reafirma, através de depoimentos escritos e em palestras para grande público, que as crianças parecem ter uma “consciência intuitiva” da morte e sentem sua “presença”, mesmo que esta morte venha através de uma doença ou de um acidente súbito.

Ela cita muitas situações em que as crianças começaram de repente a falar sobre morte, o pós-morte e outros assuntos espirituais, justamente antes de acidentes fatais. Esses casos, na opinião dela, não representariam apenas simples intuições acerca da morte, pois às vezes, segundo ela, as crianças, de fato, haviam recebido algum tipo de revelação espiritual referente ao seu futuro. O relato mais impressionante da Dra. Kübler Ross veio de uma mãe, e se encaixa exatamente nessa categoria.

A referida mãe relatou à Dra. K-Ross que sua filha acordara cedo, numa certa manhã, num estado de extrema euforia e excitação. Ela dormira na cama da mãe à

noite e a acordara sacudindo-a e a abraçando espontaneamente, dizendo: “Mãe, mãe!... Jesus me disse que estou indo para o céu! Gosto de ir para o céu (*sic*) mãe, lá é tudo lindo, dourado e prateado e brilhante, e Jesus e Deus estão lá.”

Segundo o relato da mãe da garota, ela falava tão depressa e com tanta excitação que a mãe nem conseguia lembrar tudo o que dissera. “Aquilo que ela dizia, estava tão afetado pela excitação”, referiu-se aquela mãe à Dra. Kübler-Ross, acrescentando que sua filha era de natureza calma,

bastante inteligente, não muito inclinada à agitação, à correria e aos saltos, como muitas crianças de 4 anos, e além disso era verbalmente desenvolvida e muito precisa naquilo que dizia. Era difícil encontrá-la excitada a ponto de gaguejar e tropeçar nas palavras. De fato, não me lembro de tê-la visto *nunca* nesse estado, nem no Natal, nem nos aniversários ou mesmo no circo. (KÜBLER-ROSS, 2003, p.38)

A mãe nos disse, relata-nos a Dra. Kübler-Ross, que tentou acalmar a criança, mas o entusiasmo da menina não diminuía. Ela continuava a falar dos anjos [...] e dos seres que encontraria lá. Por fim, e quase em desespero, a mãe da criança argumentou o melhor que pôde contra a conversa dela, dizendo: “Se você for para o céu, sentirei sua falta”[...] “Estou feliz pelo belo sonho, mas vá devagar e relaxe um pouco, ok?” A menina ignorou-a e continuou a falar sobre sua experiência. “*Não foi um sonho*”, insistiu ela, “*foi real*”, enfatizando a afirmação com aquele jeito desapontado que as crianças pequenas às vezes usam quando não estão sendo entendidas por seus pais. Segundo o relato da Dra. Kübler-Ross, a conversa continuou por vários minutos antes que a criança finalmente se acalmasse e fosse brincar. Algum tempo depois, à tarde, aquela criança foi encontrada assassinada. Sua vida chegara a esse trágico final, após sete horas depois de ter recebido a suposta revelação e depois de ter conversado com a sua mãe sobre o que a esperava “do outro lado da vida”.

Este e outros casos relatados pela Dra. Kübler-Ross parecem ser indícios que *algum poder, alguma força*, em um outro nível, prepara muitas de suas crianças para enfrentarem as suas próprias mortes e, talvez, seja interessante relermos este e outros relatos à nossa disposição nos inúmeros livros da referida médica e de outros

pesquisadores, para que percebamos o quanto as crianças acompanhadas pela Dra. Kübler-Ross e por sua equipe pareciam empenhadas em compartilhar suas informações com seus pais.

Segundo a Dra. Kübler-Ross e outros pesquisadores interessados no assunto, como o Dr. Melvin Morse, por exemplo, que trabalhou com dezenas de casos e também os relatou em seus livros, o processo psicológico do *morrer pode ser um momento espiritualmente edificante*, inclusive tanto a psiquiatra quanto os seus colegas da área afirmam que muito têm aprendido com seus pacientes, principalmente com as crianças, em fase terminal.

A Dra. Kübler-Ross (2003), a partir de sua experiência clínica, alerta-nos para o fato de que as crianças, muitas vezes, sabem intuitivamente quando estão morrendo, e não precisam ser protegidas contra esta realidade, cabendo aos pais ou aos cuidadores ficarem atentos para não aumentarem o sofrimento de suas crianças, enganando-as com falsas esperanças e, impossibilitando, com sua atitude de resistência e negação da realidade, permitir que estes seres, que já estão em algum nível, bem conscientes do que vai lhes acontecer, não aproveitem a oportunidade para expressar o que sentem, promovendo, como seria o ideal, uma situação bastante saudável, onde a dor seria amenizada pelo carinho, aconchego e esperança real que permearia toda a situação que antecede a partida.

A referida psiquiatra, que tem estado - em quase todos os seus momentos - junto ao leito desses jovens pacientes, diz que, no final de suas curtas vidas, “pouco antes do momento de sua morte, há quase sempre um momento de lucidez”. E que é justamente, nesse momento, que as crianças - mesmo aquelas que permaneceram em coma desde o acidente ou a cirurgia - abrem os olhos e dizem coisas bastante coerentes. Aqueles que passaram por muitas dores e desconforto tendem a ficar muito quietos e em paz, e é justamente nesse momento que a Dra. Kübler-Ross lhes pergunta se estão querendo partilhar com ela o que estão sentindo.

Refletir sobre o depoimento dessas crianças, faz-nos compreender o quanto o confronto com a situação de morte pode provocar mudanças radicais na percepção e, conseqüentemente, no comportamento das pessoas envolvidas. A própria médica K-Ross é um exemplo disso, pois de profissional cética, transformou-se em alguém

que acredita firmemente na continuidade da existência humana, a partir de uma perspectiva psíquicoespiritual. Ross entre muitos dos seus relatos, traz-nos o caso de uma garota que, no retorno de um passeio com sua família, no final de semana, sofreu um grave acidente. Nos seus momentos finais, a menina percebendo a aproximação da Dra. K-Ross, diz-lhe suavemente: “Tudo está bem agora... A mamãe e Peter já estão me esperando.” O que, no nosso entender, é interessante destacar, é o fato de que a Dra. K-Ross já sabia do falecimento da mãe da garota e supunha, que o seu irmão, Peter, passava relativamente bem, no setor de queimados, para onde fora levado após o acidente. Qual não foi sua surpresa, quando ao deixar a UTI, passando pelo posto de enfermagem, recebeu um telefonema do hospital onde Peter estava. A enfermeira do outro lado da linha disse: “Dra. Ross, nós só queríamos lhe avisar que Peter morreu dez minutos atrás”. (KÜBLER-ROSS, 2003, p.115) Confirmava-se assim, o que a psiquiatra já estava sabendo, através da comunicação da própria menina, quando ela lhe disse: “...Mamãe e Peter já estão me esperando”... Claro que a nossa pesquisadora, de início, ouvia atentamente o que os seus pacientes, à beira da morte diziam, mas não entendia, com muita clareza, o que lhe era dito... porém com o tempo, e a experiência concreta, ela foi podendo interpretar melhor os conteúdos trazidos pelos seus pacientes.

A segunda situação, dentre as inúmeras relatadas pela psiquiatra, trata de um homem que perdeu toda sua família dentro de um carro, onde todos morreram queimados. Devido a essa perda terrível, ele se transformou de marido e pai de classe média, bom provedor e decente, em um vagabundo completo, que ficava bêbado de manhã à noite, todos os dias, e usava todas as drogas imagináveis para cometer suicídio, mas nunca conseguia atingir seu objetivo.

Sua última lembrança era de estar deitado à beira de uma floresta, em uma estrada suja, bêbado e “petrificado”, como ele descreveu, querendo se reunir à família, sem vontade de viver e sem energia sequer para sair do lugar, quando viu um grande caminhão descendo a estrada e literalmente avançando em sua direção. De repente, ele percebeu que se encontrava a alguns metros de altura, observando, lá de cima, a cena do acidente, e, em meio dela, estava ele gravemente ferido. Naquele mesmo momento, viu surgir, junto ao seu próprio corpo, na cena do acidente, os seus familiares queridos (já mortos), sorrindo felizes e o envolvendo

com uma luz incrivelmente brilhante e amorosa. Eles não se comunicavam verbalmente, mas na forma de uma transmissão de pensamento, como que querendo compartilhar com ele, a alegria que experimentavam em sua nova existência.

Esse homem não conseguiu nos dizer quanto tempo durou o encontro, mas ficou tão admirado com a saúde deles, com a beleza e felicidade, com sua total aceitação da situação em que ele se encontrava atualmente, com o amor incondicional que eles demonstravam, que jurou não tocá-los, não se unir a eles, mas reentrar em seu corpo físico e prometer que compartilharia com o mundo o que havia experimentado – como uma redenção pelos dois anos que passara tentando jogar fora sua vida física. Foi depois desse juramento que ele observou como o motorista do caminhão carregou seu corpo ferido para dentro do veículo, como uma ambulância chegou voando ao local do acidente, como ele foi levado para o pronto-socorro do hospital e amarrado em uma maca. E foi lá que, finalmente, reencontrou seu corpo físico, livrou-se das correias que o amarravam e saiu do pronto-socorro sem nenhum *delirium tremens* ou qualquer seqüela do seu pesado abuso de drogas e álcool. Sentiu-se curado e firmou um compromisso de que não morreria até ter tido a oportunidade de relatar a experiência da existência da vida após a morte com o maior número de pessoas que estivessem dispostos a ouvi-lo. (KÜBLER-ROSS, 2003, p.119)

K-Ross, não conseguiu identificar o que veio a acontecer com este homem desde então, porém diz que jamais esquecerá “o brilho dos seus olhos, a alegria e a profunda gratidão que experimentou quando lhe foi permitido subir ao palco” em um dos seus *workshops*, quando pode compartilhar, com um grupo de centenas de funcionários de um abrigo de doentes terminais, “o total conhecimento e consciência de que o nosso corpo físico é apenas uma casca que envolve o nosso ser imortal.” (KÜBLER-ROSS, 2003, p.119)

A Dra. Kübler-Ross não hesita em recolher e publicar casos significativos de crianças que *retornavam* da morte para confortar seus pais inconsoláveis. No livro citado anteriormente, fala a respeito de uma mãe que voltou para casa um dia, num desespero total. Sua filha pequena fora estuprada e assassinada pouco antes, o que espalhou o medo na pequena comunidade em que vivia. Esta mãe estava deitada na cama quando, de repente, uma luz brilhante entrou pela janela de seu quarto, e no meio dessa luz a figura de sua filha de 6 anos de idade, sorrindo radiante. Em alguns

segundos a figura desapareceu, mas esse contato trouxe um conforto significativo à mãe. “A visão impregnou-a com tanta paz e tanto amor”, que “que ela ficou numa condição mental bem melhor que o resto da comunidade, ainda apavorada”, afirma a Dra. Kübler-Ross. Tanto é que se integrou à comunidade de um modo bastante construtivo, dedicando parte do seu tempo a ajudar crianças nos seus últimos momentos, com a supervisão da própria médica (K-Ross).

Refletir sobre esses casos representa uma oportunidade de ampliarmos nossa consciência para entender o fato de que, muito temos ainda a aprender com as pessoas com que lidamos na vida, no campo profissional, ou familiar. A consciência das nossas limitações deve nos estimular a um aperfeiçoamento cognitivo sempre crescente, sempre nos abrindo ao novo, ao inesperado. A Dra. K-Ross, por exemplo, nos surpreendeu quando declarou sobre si mesma:

Eu era uma daquelas médicas cientistas que nunca questionaram as questões relacionadas à morte, a não ser nos aspectos ligados a medicina [...] Mesmo sendo uma pessoa não muito crente e céptica, e não interessada nas questões da vida após a morte, não pude evitar de ficar impressionada com algumas observações que ocorriam freqüentemente ... Daí comecei a ponderar por que ninguém jamais havia estudado as *verdadeiras* questões acerca da morte e um dia me peguei dizendo a um ministro religioso que trabalhava comigo e fazia parte da equipe hospitalar (falei em tom de desafio): ‘Vou prometer a Deus viver o bastante para encontrar uma definição da morte [...] Vocês que estão sempre lá em cima do púlpito pregando peçam e receberão, ‘Vou lhe pedir agora: ajude-me a pesquisar sobre a morte’. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 43)

Em sua autobiografia (1998), Elisabeth Kübler-Ross nos presenteia com várias reflexões e comentários em torno do sentido da vida, do sentido da morte, do sentido do sofrimento e de outros aspectos essenciais da existência humana.

Surpreendeu-nos também, a sua coragem, a sua sagrada ousadia em desnudar-se perante os seus leitores, trazendo reflexões de natureza extremamente íntimas do seu ser, inclusive relatando uma “viagem” muito especial, tipo E.Q.M., que teve repercussões muito profundas. Consideramos significativo transcrevê-la literalmente:

Quando uma pessoa faz a transição, no momento da morte, ou tem uma experiência de quase-morte, ela viaja para o Outro Lado, passando através do que descrevem como um túnel ou um portão, uma ponte, uma campina, e o que elas contam parece ter ligação com a cultura em que vivem. Em minhas experiências de quase-morte, como sou uma montanhesa suíça, passei através do que parecia um lindo desfiladeiro ladeado por belas flores campestres. Feita a travessia, uma Luz, como uma estrela brilhante aparece na distância. A pessoa anda na direção dessa Luz. Para mim, esse foi um momento muito emocionante, um dos pontos mais altos de toda minha vida. Corri para a Luz e atirei-me no meio dela. Literalmente me fundi com ela, e foi como ser envolvida por uma onda de amor. De súbito, tomei consciência de que estava em Casa, que fazia parte da Luz, que aquela era minha origem. Meu único desejo era ficar no amor daquela Luz, mas não era minha hora de fazer a transição, então tive de voltar. Essa experiência me fez compreender que todas as coisas estão ligadas. Somos todos filhos de um Pai, nosso Criador. (KÜBLER-ROSS, 1998, p.29 e 30)

Esta vivência de “quase-morte” experienciada pela Dra. K-Ross (1999), se enquadra no modelo típico de “experiência quase morte” (E.Q.M), fenômeno que já vem sendo estudado por inúmeros pesquisadores norte-americanos e europeus.

Porém, a Dra. K-Ross declara que viveu algumas outras experiências “extra-sensoriais” do tipo, por exemplo, “experiência-fora-do-corpo” (E.F.C), esta inclusive, desejada e procurada por ela conscientemente. Ela foi monitorada experimentalmente por cientistas pesquisadores do Instituto Monroe. Conta-nos ela (1999), que ficou muito satisfeita com a estrutura física do Centro de Pesquisa Monroe, seu laboratório era ultramoderno, com equipamentos eletrônicos e monitores, “um tipo de coisa que me deu uma impressão de credibilidade” (KÜBLER-ROSS, 1998, p.241).

Foi muito interessante entrar em contato com os diversos relatos e experiências da Dra. K-Ross. Porém, o que consideramos mais importante, foram as experiências que constam na obra já citada. Conta-nos K-Ross que estava em sua cama, “quase completamente acordada”, quando percebeu que já era noite, respirou fundo, olhou o tempo, olhou mais uma vez “para a noite escura” e percebeu que seu abdome começava a “vibrar numa rapidez crescente”, pouco depois já se via “de fora”, a se observar, foi quando tomou consciência de que já havia, involuntariamente, “deixado” seu “corpo físico” e se “transformado em energia”.

E, diante de mim, vi muitas flores de lótus incrivelmente belas. Essas flores abriram-se bem devagar e tornaram-se mais luminosas, mais coloridas e perfeitas, transformando-se pouco a pouco em uma única, enorme e deslumbrante flor de lótus. Por trás da flor, vi uma luz - de um fulgor indizível e totalmente etérea, a mesma luz que todos os meus pacientes contavam ter visto. Sabia que teria de atravessar a flor gigantesca e integrar-me à luz. (KÜBLER-ROSS, 1998, p.242)

A Dra. K-Ross relata que não sentia nenhuma pressa, e graças a sua peculiar curiosidade em relação ao desconhecido, permitiu-se, sem resistência, entregar-se completamente àquela atmosfera de paz, beleza e serenidade indescritíveis que a envolvia. Ainda segundo seu relato, ela se percebia observando tudo que se passava “com uma grande admiração e respeito”, pois intuía que tudo ali “tinha uma vida própria e uma natureza divina”.

Durante todo o tempo, continuei a avançar lentamente através da flor de lótus em direção à luz. Por fim, fundi-me com a luz, fui uma com o amor, com o calor. Um milhão de orgasmos incessantes não podem reproduzir a sensação de amor, calor e boas-vindas que experimentei. Então, ouvi duas vozes. A primeira era a minha própria, dizendo: ‘sou aceita por Ele’. A segunda, que vinha de algum outro lugar e era um mistério para mim, dizia: ‘Shanti Nilaya’. (KÜBLER-ROSS, 1998, p.242)

No dia seguinte, segundo ela, as experiências “extra-sensoriais” continuaram. Ela nos diz que continuava com uma sensibilidade especial, vendo:

cada folha, cada borboleta e cada pedra vibrando em sua estrutura molecular. Foi a maior sensação de êxtase que uma pessoa poderia experimentar. Estava tão cheia de admiração reverente por tudo o que me cercava, tão cheia de amor por tudo o que havia na vida, que, como Jesus, que andou sobre as águas, senti como se passasse por cima das pedras e pedregulhos do caminho num intenso estado de beatitude [...] Gradualmente, ao longo de vários dias, esse estado de graça foi diminuindo. Foi muito difícil voltar às tarefas domésticas rotineiras e dirigir um carro, coisas que me pareceram então demasiado banais. (KÜBLER-ROSS, 1998,p.242)

Este depoimento da Dra. K-Ross remete-nos para várias leituras que fizemos sobre algumas pesquisas realizadas por médicos e psicólogos que estão trabalhando

um tipo de experiência que já vem sendo reconhecida pela comunidade científica, a EQM – Experiência de Quase Morte*. Assim como a Dra. K-Ross, os pesquisadores Raymond Moody, Kennet Ring, Margot Grey, Paul Perry e Melvin Morse, entre outros, identificaram nos casos analisados por eles, que as pessoas ao retornarem ao seu estado de consciência habitual, quase sempre sentiam-se desconfortáveis e inconformadas, a partir de um nítido sentimento de insatisfação, quase “choque”, em relação ao contraste percebido entre a magnitude de tudo o que vivenciaram na nova experiência e as limitações concretas da sua vida pessoal. É como se muitas delas precisassem de um tempo de adaptação para se reintegrarem a sua realidade familiar e social.

Entre os sujeitos pesquisados, supomos que Edite exemplifica muito bem alguns aspectos das situações relatadas pelos pesquisadores acima citados, e especificamente, dois aspectos da situação vivida pela Dra. K-Ross, quando nos revelou que “um milhão de orgasmos incessantes não podem reproduzir a sensação de amor, calor e boas vindas”, que experimentou. Bem como que “o estado de graça foi diminuindo... e foi muito difícil voltar às tarefas rotineiras”. Vejamos textualmente o que nos disse Edite, uma senhora de sessenta e sete anos, católica, viúva, de nível cultural e social elevado, poliglota e cuja formação acadêmica superior aconteceu nos EUA, há mais de quatro décadas, motivada pela qualidade que seus pais desejavam imprimir a sua educação:

eu sentia tudo com todo o meu ser e também visceralmente, era uma alegria tão imensa que se tornava quase insuportável, bem como, uma dor dilacerante, a maior que já senti em toda minha vida, quando percebi que como não havia morrido, teria que voltar e me separar daquela felicidade indescritível, incomensurável. Eu não queria de modo algum retornar à vida aqui na Terra. [...] o mundo parecia-me limitado demais, empobrecido... Lá tudo brilhava, tudo era luminoso! O amor e a beleza pareciam envolver todas as coisas... as plantas, as pedras, o ar... tudo era fantástico demais e incompreensível para quem não viveu. (Entrevista Edite)

* Mais sobre esse assunto no item 4.3

Nos depoimentos da Dra. K-Ross e de Edite, uma das nossas entrevistadas, nos chama a atenção, a qualidade de inefabilidade e sutileza das imagens descritas por ambas: seus relatos, dão-nos a impressão de que as experiências vividas por elas são de natureza extra-sensorial ou paranormal como costumamos classificar em nossa cultura.

Entrar em contato com os relatos das experiências dos psicólogos transpessoais, assim como as experiências da Dra. K-Ross, faz-nos supor que eles são reveladores de realidades alternativas, “estranhas” e excluídas do nosso contexto científico clássico, onde certos níveis de realidade, como estes, foram descartados sobre o pretexto de que não podiam ser apreendidos pela razão e pelos sentidos — “passaram a ser consideradas as únicas faculdades cognitivas capazes de permitir o acesso a um conhecimento verdadeiro, toda ou quase toda a atenção da pesquisa humana passou a ser dirigida para um único nível de realidade, o nível sensível, que, evidentemente, foi imensamente enriquecido”. (SOMMERMAN, 2006, p.19)

Porém, dentro da perspectiva trazida por Américo Sommerman quando o homem se utiliza apenas da sua faculdade discursiva analítica, termina por fragmentar “*cada vez mais esse nível do real, pensando com isso poder compreender o todo a partir da decomposição das partes...*” (SOMMERMAN, 2006, p. 20)

Nossa esperança é dentro em breve nos tornarmos competentes o suficiente para analisarmos os fenômenos mais complexos da nossa existência, a partir, possivelmente, de uma posição epistemológica pluralista, como é o caso da abordagem transdisciplinar, que nos parece uma visão profundamente inclusiva, por acolher e tentar encontrar sentidos nas contradições dos fenômenos complexos da existência. Trabalhar com fenômeno *morte* implica em disposição interna e coragem para nos defrontarmos com realidades complexas que exigem um múltiplo olhar e abertura a um contexto extremamente complexo de realidades múltiplas. Segundo Sommerman:

o pensamento transdisciplinar possibilita uma dança entre as diferentes posições epistemológicas. É uma dança que não se dar

sem atrito. Ao contrario, faz com que as contradições apareçam a todo momento, mas, em vez de descartá-las busca tratá-las com uma metodologia que se apóia em três pilares que respeitam os contraditórios e, ao mesmo tempo, permitem o surgimento de um novo olhar que integrem as contradições num nível superior... (SOMMERMAN , 2006,p. 21)

Optamos por colocar, nesta dissertação, esses relatos da Dra. K-Ross, por representarem uma oportunidade de, como psicóloga e pesquisadora, podermos compreender não só intuitivamente, mas também de modo cognitivo, as vivências consideradas “incomuns” relatadas pelos nossos entrevistados.

5 RELAÇÃO ENTRE O MEDO DA MORTE E A ESCATOLOGIA

Este capítulo se divide em quatro itens. No primeiro, apresentamos parte de uma pesquisa realizada pelo teólogo Renold Blank acerca do medo da morte; no segundo item, encontram-se essencialmente as idéias de Comblin analisando a repercussão de uma teologia baseada na culpa e no medo; no terceiro item, contamos com a contribuição de alguns teólogos cristãos apontam para a necessidade de um novo olhar sobre a teologia, principalmente no que concerne a sua dimensão escatológica; no quarto item, apresentamos alguns resultados de um médico pesquisador que em sua prática clínica, obteve dados que podem nos ajudar nessa quebra de paradigma, reforçando a imagem de um Deus misericordioso.

5.1 O MEDO DA MORTE NA PERSPECTIVA DE RENOLD BLANK

Muitas pesquisas vêm sendo realizadas nas últimas décadas, com o objetivo de estudar acerca da sobrevivência após a morte, bem como sobre a crença ou desinteresse do ser humano, da atualidade, sobre este tema. Pretendemos - ao longo deste trabalho - trazer à tona os resultados de algumas pesquisas relacionadas com a questão da morte e o pós-morte, realizadas por médicos, psicólogos e teólogos.

Renold Blank, como professor e doutor em teologia, tinha como uma de suas maiores preocupações o desejo de saber o nível de “aceitação ou de rejeição do homem contemporâneo em relação ao que se diz sobre o destino humano depois da vida” (BLANK, 1995, p.07).

Em sua obra já referida, ele deixa muito claro que deseja ardentemente transmitir aos homens, dessa época, uma mensagem de esperança sobre a morte. Surgiram, no entanto, na sua mente e talvez no seu coração de educador, indagações que consideramos bastante significativas:

Como transmitir a dinâmica de esperança do discurso escatológico cristão, se nem se conhece, com certeza, os verdadeiros anseios desses homens em face da questão? Como acentuar a dimensão libertadora dessa esperança se não se sabe sequer, o grau de medo, de rejeição ou de individualização que o discurso escatológico atingiu nas diversas camadas da população? (BLANK, 1995, p.08)

Ao longo de sua obra, ele se mostra preocupado com o homem atual, no sentido de que há um desconhecimento de como o homem religioso na atualidade “está reagindo a um discurso que muitas vezes — no passado e ainda no presente — dava e dá mais ênfase às ameaças pedagógicas de punição do que a uma mensagem de esperança”. (BLANK, 1995, p.08)

Belita, por exemplo, uma de nossas entrevistadas, com setenta e cinco anos, é a mostra da situação de repressão e dominação pelo medo vivida desde a década de quarenta, do século passado, quando, tanto na escola dominical de sua igreja evangélica tradicional, quanto nas instituições religiosas de ensino que freqüentou, recebeu maciçamente a influência de uma pedagogia baseada quase que completamente no medo. Como profissional aposentada, dedica seu tempo a ler e debater, entre amigos, os livros mais recentes que versam sobre a questão religiosa no mundo. Percebe-se como uma pessoa verdadeiramente ecumênica, por achar que toda e qualquer religião pode representar um caminho de religação do ser humano com Deus. Quando indagada a respeito de sua religião, insistiu em que colocássemos que ela não tinha religião definida, pelo simples fato de não desejar ficar limitada pelos dogmas ou expectativas de qualquer credo religioso. Ela afirma que, hoje, o que mais quer é poder exercer a:

liberdade de questionar, de alterar; hoje eu vivo e quero continuar vivendo dentro de uma atmosfera de *relativa certeza*... quero hoje pensar de um jeito e amanhã me dar o direito de questionar... de mudar aquela mesma certeza... por estar imbuída de que se trata de uma *certeza aparente* e provisória... [...] hoje, agora, nesse momento... pensando melhor neste passado fico admirada de como eu agüentei até uma idade bem amadurecida estar bitolada aos valores da minha religião, pois eram rígidos demais, muito semelhante às regras de um quartel, ou pior, de um campo de

concentração... [...] Olhe, lembrei de uma musiquinha que a gente na escola dominical cantava: “cuidado mãozinha no que pega... cuidado boquinha no que fala... cuidado olhinho no que vê... cuidado pezinho onde pisa... o Salvador do Céu esta olhando pra você...” Você imagina [...] o que é uma criança sensível, como eu era, ser criada num clima de repressão desse, onde eu sentia medo de tudo e de todos... ao invés de me passarem um Deus de amor, me passavam um Deus “terror”, que vigiava e estava pronto a punir mesmo pelas pequenas faltas... foi até bom eu lembrar dessas coisas agora, porque eu entendo melhor porque passei tantos anos afastada de Deus e da religião... (Entrevista Belita)

Diante desse depoimento, fica confirmado a importância da preocupação de Blank com as mensagens escatológicas que estão sendo repassadas, ainda hoje, pelas religiões. Segundo ele, faz-se necessário que tais mensagens sejam transmitidas numa linguagem

que possa ser compreendida pelo homem desta época pós-industrial [...] É preciso que nossa fé muitas vezes ingênua e ligada a símbolos passados e tradicionais, se atualize constantemente para poder sobreviver em um mundo altamente técnico [...] constata-se cada vez mais uma cisão acentuada entre o discurso dogmático da fé e a aceitação deste discurso por parte dos próprios fiéis. (BLANK, 1995, p.08 e 09)

Há pesquisas realizadas na Alemanha, através do Instituto de Demoscopia, e na Suíça, que revelam: parcelas significativas da população, 48% e 36%, respectivamente, acreditavam, na época da pesquisa, numa vida após a morte. No Brasil, este índice subiu consideravelmente para 74%. A partir deste contexto, Blank refletindo sobre esses resultados, decidiu desenvolver uma pesquisa de campo no período de 1989 a 1992, no decorrer do qual foram entrevistadas 823 pessoas de todos os estratos sociais, na cidade de São Paulo. Façamos algumas considerações a respeito de algumas constatações de Blank em sua pesquisa.

- Em comparação com as pessoas que não praticam a religião, os praticantes têm significativamente mais medo da morte.

- Existe uma correlação entre as ameaças religiosas da doutrina sobre a vida depois da morte e o medo desta.

Tais resultados causaram estranheza ao referido pesquisador, pois vão de encontro à “mensagem teológica de esperança” que, na opinião dele, deveria ser considerada a mensagem central das religiões. Blank também questiona se uma fé, baseada na confiança em um Deus que quer a salvação dos seres humanos, não deveria também diminuir aquele medo que todo homem sente diante da morte.

Os resultados também contrariam Kastenbaum e Aisenberg, tanatólogos e psicólogos, que afirmam “a crença em Deus e os rituais de suporte têm a função primária de reduzir a apreensão em face da morte”. (KASTENBAUM E AISENBERG, 1983, p.31)

Refletindo acerca desses comentários e resultados aqui descritos, vem à nossa mente, Lisete, a nossa entrevistada, católica fervorosa, de comunhão dominical e vida cotidiana perpassada completamente por atitudes religiosas, foi a que mais demonstrou medo em relação à morte, além de um profundo sentimento de culpa e pavor em relação à punição que certamente virá para ela, pois, além de não se achar “merecedora de ir, quando morrer, direto para junto de Deus”, também percebe Deus como um ser “misericordioso., mas [...] é muito exigente também [...], quer que a gente ponha Ele em primeiro lugar em tudo!” (Entrevista Lisete)

Voltando a refletir sobre a inquietação de Blank quando constatou que a grande maioria das pessoas religiosas “praticantes” não espelharam a “esperança vitoriosa” que supunha, ele volta a indagar se os motivos não estariam ligados às imagens apocalípticas repassadas pela doutrina cristã, citando, inclusive, o estudo clássico sobre a morte, de Herbert Vorgrimler, que afirma de maneira bem clara o seguinte:

As imagens espantosas da literatura apocalíptica do Juízo Final e da punição cruel dos pecadores [...] não alcançaram o objetivo pedagógico para o qual eram compostas [...] Elas eram, porém, o motivo principal que faz com que, sob o efeito do pensamento moderno emancipatório, a morte se torne tabu também para os cristãos. (HEBERT VORGRIMLER *apud* BLANK, 1995, p. 35)

Portanto, na perspectiva de Blank, a mensagem da esperança cristã de que a morte possibilita um encontro com Jesus e, posteriormente, sua permanência com Ele, nunca era percebida pela maioria dos cristãos, que apenas registravam as espantosas imagens apocalípticas.

O que nos faz deduzir que, quanto menos impregnada de medo for a representação dos conceitos escatológicos, mais eles serão capazes de agir como impulsos vitais de esperança, conclui Blank reafirmando sua posição ao trazer uma citação de Walbert Buehlmann : “Uma religião que abandona aquele que deve morrer e não o ajuda a vencer a morte em vez de deixar-se subjugar por ela, uma tal religião liquidou-se a si mesma”.(BUEHLMANN *apud* BLANK, 1995, p.50)

Em suas pesquisas, Blank foi além, pesquisando mais que o medo da morte, desbruçando-se também nos conceitos escatológicos de “céu”, “inferno” e “purgatório”. E constatou que a crença na continuidade da vida após a morte, ao invés de ser fator de libertação do medo, ou pelo menos trazer alívio diante dele, acrescentou-lhe novas dimensões, o que vem a ser indício de que o conteúdo das noções escatológicas são elementos que podem despertar antigos focos de medos latentes, recalçados no inconsciente, com suas raízes “numa história de séculos, na qual, de fato, (...) provocaram angústias profundas diante da questão do destino último do homem”. (BLANK, 1995, p.56)

Novamente, surge-nos a imagem de Lisete, envolvida em lágrimas nos dizendo com voz embargada que:

Estou tremendo de tanto chorar porque tenho receio de ser, por conta das minhas faltas, impedida de me encontrar com os meus pais ou de nunca poder ver os meus filhos e netos aqui na terra. Isso me causa tanto sofrimento que eu nem sei como vou suportar [...] eu não tenho pecados graves [...]mas a igreja ensina que se peca por pensamentos, palavras, atitudes e omissão... e é justamente a omissão que eu considero que talvez seja a minha maior falta para com Deus, e por isso serei castigada mas, acho que é para minha purificação. (Entrevista Lisete)

Leônia também nos fala dos seus medos:

Sofri intensamente por anos a fio, durante um bom período da minha infância, envolvida por mil sentimentos de culpa... Perdi muito tempo da minha infância vivendo sem alegria e com medo, pavor dos castigos do inferno... (Entrevista Leônia)

Encontramos, na obra de Blank, outra constatação que supomos ser importante para nossos estudos, no contexto desta pesquisa, é a de que:

- Ao comparar as atitudes do medo conscientemente declarado entre grupos de “católicos”, “protestantes” e adeptos de “religiões afro-brasileiras” ante as noções escatológicas pesquisadas, o pesquisador percebeu que, em face das noções escatológicas “céu”, “inferno”, “purgatório” e “juízo”, a porcentagem dos católicos que revelaram medo, foi bem maior do que a porcentagem dos protestantes e dos adeptos de cultos afro-brasileiros, o que levou Blank a supor que a explicação para tais resultados, estariam:

basicamente no enfoque diferente, a partir do qual se transmite ou, pelo menos, foi transmitida no passado a mensagem sobre o além-morte[...]Parece evidente que, para os católicos, o conteúdo das noções escatológicas torna-se muito mais carregado de um potencial de medo do que para os adeptos de outras religiões. Acrescenta-se ainda a este fato uma maior acentuação da noção de pecado, como ocorre principalmente com relação ao sacramento da penitência. (BLANK, 1995, p.58)

Esses resultados nos interessam sobretudo porque percebemos que há uma relação direta entre o nível elevado de medo diante das perspectivas escatológicas e a preocupação que sentimos como profissionais que acolhemos e cuidamos de pessoas na iminência da morte. Consideramos que os momentos que antecedem a “passagem” do ser humano para outra dimensão são extremamente delicados, requerendo do “cuidador” muita perspicácia, sensibilidade e capacidade profunda de escuta, pois na maioria das situações, aqueles que estão “partindo” podem estar sofrendo desesperadamente por conta do medo e do pavor que tendem a invadir o seu ser.

Walbert Buehlmann, professor de Ciências Missionárias e ex-Secretário Geral

da Ordem dos Capuchinhos para a animação missionária, faz um comentário que, no nosso entender, pode se relacionar as preocupações a que nos referimos acima. Diz ele:

Enquanto Lutero resolveu a enigmática situação do homem que está entregue ao pecado, pelo salto na misericórdia absoluta de um Deus clemente, a Igreja provocou nos seus fiéis um medo/pânico perante o morrer e o Inferno. E um fato demonstrado pela experiência freqüentemente feita nos hospitais é que são mais as pessoas ligadas à Igreja que morrem com maior inquietação, do que as pessoas sem ligação eclesial. (BUEHLMANN *apud* BLANK, 1995,p.36)

Ainda dentro dessa problemática específica, Blank nos traz comentários do livro *Estruturas do Mal* de Eugen Drewermann:

sob a pressão do superego, a religião [...] pode tornar-se para o indivíduo uma fonte especial de medo existencial, de sentimento de culpa [...] E deve-se admitir que a entrega do indivíduo ao superego, em muitas religiões não representa só um problema individual e neurótico. Toda instituição, também a religiosa, tem um interesse explícito de cimentar-se pelo medo de sanções, vindas de um superego draconiano e de fazer-se inatacável pelo fato de o 'eu' ficar dependente de tabus de pensamento fortemente fixados". (BLANK, 1995, p.361 a 362)

Um outro resultado da pesquisa de Blank, que nos interessa, é de que "a imagem de um Deus juiz e credor que, no momento da morte, cobra as contas", faz parte do imaginário das pessoas que se consideram "religiosas praticantes".

Supomos também interessante pontuar que a imagem de um Deus "tirânico e legalista" que pune em nome da justiça (Deus "justo"), surgiram na pesquisa de Blank, com mais frequência entre os mais "praticantes" da religião. É do próprio pesquisador o comentário que citaremos a seguir:

Chegou-se, a partir da análise dos dados respectivos, à conclusão de que, para uma faixa considerável de população de São Paulo, Deus é identificado mesmo, com aquela imagem que foi definida por Ronaldo Mufioz com as seguintes palavras: “Um Deus castigador... um Deus de ira, cruel”. A teodicéia deste Deus é “de tipo jurídico ou penal, de onde resulta a imagem de um Deus Juiz que ‘deve’ aplicar as penas conforme uma lei positiva, automaticamente, ou de um Deus Credor que quando morremos nos cobra as contas marcadas por seu computador infalível. (BLANK, 1995, p.365)

Lisete, uma de nossas entrevistadas, em suas falas, demonstra uma nítida contradição, ora imaginando que Deus poderá castigá-la severamente por sua falhas, mesmo que não sejam consideradas como “pecados mortais”, de acordo com o que aprendeu com ensinamentos da Igreja Católica. Em outros momentos, porém, supõe que talvez os castigos não sejam tão severos assim, “com fogo”... Talvez ela vá sofrer tremendamente “de solidão”, de ser impedida de se encontrar com as pessoas que ama e que já morreram, ou de nunca poder ver os seus filhos e netos, aqui na Terra. Mas o que nos chamou atenção, na situação de Lisete, foi que apesar dela considerar o suposto “castigo da solidão”, algo mais leve, mesmo assim, caiu em prantos, literalmente, e as lágrimas rolavam em cascata pelo seu rosto, de modo que ela usou a própria saia que usava para limpar-se. Este “castigo de solidão” seria mais leve em relação a que outro tipo de punição? Supomos que é a própria Lisete que nos dá a resposta, quando admite a possibilidade de “existir um inferno com fogo concretamente [...], inferno que dizem que é eterno. [...] Tenho a impressão que não vou sofrer as penas, o castigo do inferno... Mas não tenho certeza não...” (Entrevista Lisete)

Alcides, apesar de seus oitenta e oito anos, com a força corpórea comprometida, apresentava um desejo intenso de viver, que se refletia em muitas de suas atitudes no seu cotidiano. Era o primeiro que chegava ao “grupo de idosos” e que sozinho arrumava o salão onde eram realizados os encontros. Sentia um verdadeiro pavor em relação à morte: “Pelo meu gosto eu vivia 100, 200, 300, 600 anos. [...] Deus vem para levar a gente, aí eu tenho que ir mesmo, mas lhe digo, só vou a pulso, só vou se for amarrado, porque é o jeito mesmo.” (Entrevista Alcides)

Também ele, parecido com Lisete, sente muito medo da solidão, que presume

viverá no “além”, bem como do sofrimento que lhe será dado por Deus, por conta dos seus pecados e, por isso, repetiu freqüentemente: “a pior vida do mundo é melhor do que morrer”. Alcides, possivelmente por conta do contexto sócio-cultural-religioso em que foi socializado, desde a mais tenra infância, construiu uma imagem de Deus como um ser “tirânico” e “legalista” (BLANK, 1995), pois dedicava muito do seu tempo a pensar em suas falhas, nos erros que cometeu no tempo de juventude, alimentando culpas que geravam muito medo, em relação aos castigos que lhe seriam impingidos por Deus.

O que a gente vai encontrar do lado de lá, a gente não sabe [...], mas eu acho que inferno mesmo não tem não, nem um diabo que pessoalmente leva a gente para o inferno... Mas eu penso que vou sofrer um bocado, vou ter algum castigo, porque eu fui muito farrista, mulherengo [...], já fiz muita moça chorar, namorava e por qualquer coisa deixava para lá, eu não me apegava, só queria a liberdade... Hoje fico pensando muito naquelas moças que gostavam tanto de mim... Vai passando tudo na minha cabeça, como num filme. Lembro de todas... As bichinhas ficavam doidas por mim, eu era bonito sabia? Diziam que eu era muito bonito e tinha muita lábia e enrolava demais todas as meninas... (Entrevista Alcides)

Segundo Eugen Biser (*apud* BLANK, 1995), a raiz mais profunda de todas as angústias existenciais é o medo de Deus. Biser, identificou a presença deste medo entrando em contato com a história das religiões. Em sua obra, tece reflexões que muito se adequam aos resultados obtidos através da pesquisa realizada por Blank.

Os motivos pelos quais grande parcela dos cristãos sentem medo na sua forma de vivenciar a religiosidade, provavelmente têm sua raiz na permanência de uma teologia que continua inspirando medo. Ela não conseguiu substituir as antigas idéias ameaçadoras, por imagens de um Deus da esperança e misericórdia, como propõe a teologia da libertação. É uma teologia que, como diz Paul Ricoeur (*apud* BLANK, 1995), força nas coordenadas rígidas de uma teologia de punição, tudo aquilo que se chama graça, reconciliação e amor.

No nosso entender, todos os comentários e contribuições de Blank sugerem que o medo diante de Deus seria algo construído, “engendrado” entre nós mesmos, pois é o próprio homem que se deixa impregnar de medo quando assimila uma teologia

que se baseia no êxito, no erro e na punição. Blank (1995), comenta que um Deus de ternura e de amor já foi prenunciado nos textos do Antigo Testamento e confirmado por Jesus Cristo: “Tu, porém, és o Deus que perdoa, cheio de piedade e compaixão, lento para a ira e cheio de amor” (Ne 9,17).

Refletindo sobre esse último comentário de Blank, perguntamo-nos: haveria uma coerência a respeito do amor e da misericórdia divina, nos diversos textos religiosos, inclusive bíblicos? Seguramente a resposta seria negativa para todo aquele que se dispuser a pesquisar a própria Bíblia, quer seja ela católica ou protestante; pois nela, há textos que podem chocar muitos cristãos que se aventuram numa jornada de leitura.

É o próprio Blank quem compara alguns trechos bíblicos onde ora emerge o amor de Deus, ora surge de forma aguda a sua ira, o seu rigor e a sua vingança. Leiamos e pensemos neste texto trazido pelo próprio pesquisador, que fazia parte obrigatória da sequência oracional das missas dos defuntos.

“Dia de ira aquele dia
Que tudo em cinzas fará,
Diz Davi e a Sibila.
Que temor há de então ser
Quando o juiz vier
Julgar tudo com rigor!
O som forte da trombeta
Entre os jazigos dos mortos
Junto ao trono os levará.
Todo o mundo há de pasmar
Quando a criatura se erguer
Para responder ao Juiz.
Um livro será trazido
No qual tudo está contido
Por onde há de ser julgado o mundo.

Quando o Juiz se sentar
 Todo o oculto há de aparecer,
 Nada impune ficará.
 Que eu, pobre, então hei de dizer?
A quem hei de recorrer,
Se nem o justo está seguro?
 Juiz justo e de vingança,
 Dai-me o dom de vossa graça
 Antes que vá a juízo.
 Gemo, como réu;
Não me abandoneis ao fogo.”
 (Missal cotidiano e vespéral, Bruges, 1957 *apud* BLANK, 1995)

Ao ler esta oração, lembramo-nos de uma das falas da entrevistada Belita, que mesmo aos setenta e cinco anos, e com título de mestre, ainda sente indignação, quando lembra das orações contidas e que de certo modo eram-lhe impostas na igreja de sua pertença religiosa.

Pensando melhor neste passado, fico admirada como eu agüentei, até uma idade bem amadurecida, estar bitolada aos valores da minha religião, que eram rígidos demais [...] Lembro-me agora que na sala de jantar de minha casa tinha um quadro com estas palavras: ‘O cabeça desta casa é Cristo, nosso Senhor, Hóspede bem vindo de todas as refeições. Ouvinte silencioso de todas as nossas palavras, vigia constante ainda que invisível registrando as nossas ações.’ Veja que horror... Um Deus que vigia, que polícia, que pune... Um Deus que vê ainda que invisível... Não é de meter medo em qualquer criança? E você, como psicóloga, sabe o quanto isso a gente leva para a vida adulta, não é? (Entrevista Belita)

Como avaliar a repercussão de textos como estes, que representam um tipo de teologia que imprime medo, pavor e culpa no inconsciente das pessoas? Um tipo de teologia assim, gerou e ainda gera no inconsciente do ser humano a imagem de um Deus cruel e sedento de vingança. Blank traz um comentário bastante pertinente:

Contra este Deus, o único recurso é uma conduta de vida impecável, porque é conforme esta vida que Deus agirá com a justiça retributiva de um vingador. O medo assim provocado pode tornar-se um verdadeiro terror de Deus, um terror muitas vezes inconsciente, mas que por isso não deixa de mostrar todas aquelas características que Sergio Felici, resume nas seguintes características: 'O terror não liberta, mas oprime e inibe. Ele produz remorsos. E os remorsos impedem de crescer, seja como ser humano, seja como cristão'. (BLANK, 1995, p.105)

Analisemos algumas outras orações, pelo menos em voga até a época do Vaticano Segundo. Orações rezadas principalmente em missas de "corpo presente":

"Não julgues o teu servo, ó Deus,
porque nenhum ser humano pode ser justificado perante ti,
se não recebe de ti a remissão de todos os seus pecados.
Em razão disso pedimos que a tua sentença não o esmague,
mas que a tua graça lhe dê ajuda,
para que assim possa escapar de teu julgamento vingador..."

"Liberta-me, Deus, da morte eterna,
naquele dia terrível
em que o céu e a terra tremerão
em que tu vens para julgar o mundo pelo fogo.
Eu fico tremendo de medo,
quando se aproxima a apresentação
de tua ira ameaçadora.
Ai deste dia!
Dia da ira, dia da calamidade, dia da miséria.
Dia tão grande e tão amargo,
Em que tu vens para julgar o mundo pelo fogo"

O que pensar da repercussão de orações deste tipo, no imaginário e na subjetividades das pessoas? Supomos que tende a gerar sentimentos extremamente ambivalentes capazes de “neurotizar”, causando sentimentos de extremo sofrimento, possíveis de serem evitados... Vejamos, por exemplo, a confusão interior que pode causar imagens tão contraditórias em relação a um mesmo Deus: Foi-nos passado que Deus Pai é um ser que nos ama tanto, a ponto de enviar o seu único filho para sofrer e morrer pela humanidade. No entanto, somos estimulados a orar suplicando para que o juízo de Deus não esmague o ser humano, deixando assim, em aberto, a possibilidade de um Deus cruel, ansioso por se vingar, na hora do julgamento final.

Talvez muitos de nós pense que isso é coisa do passado. Em absoluto! Podemos afirmar que atualmente ainda são muitos os ministros religiosos que evangelizam baseando-se nos princípios neurotizantes do medo e da culpa. Afirmamos isto, a partir da experiência com esta própria pesquisa que resultou nesta dissertação.

Há algum tempo, fomos ao encontro de um sacerdote muito bem conceituado pelos cristãos de sua paróquia, por valorizar, segundo eles, a psicologia e pedagogia em seus sermões de evangelização. Ao chegar à igreja, sofremos um forte impacto quando nos deparamos com um curso que estava sendo ministrado por um médico cristão; o tema daquela palestra (a primeira de um curso) era “escatologia”, o que a princípio nos motivou. Para não interromper a atmosfera reinante naquele ambiente, decidimos aguardar pelo pároco que muito atentamente fazia parte da platéia de ouvintes. As idéias que eram repassadas pelo referido médico eram tão escabrosas quanto aquelas em que fui socializada no meu período de infância, ou seja, na década de 50 do século XX, numa cidade do interior de Pernambuco.

De início, tentamos amenizar o impacto sofrido, imaginando que aquelas imagens iriam posteriormente ser analisadas de forma crítica pelo palestrante. Para nossa surpresa, porém, as imagens foram reforçadas por trechos trazidos pelo referido médico e comentadas pelo pároco e por outras pessoas da platéia, dentro de um estilo “clássico”, para não dizer medieval. Trechos de livros do educador João Bosco e da “Doutora da Igreja” a Santa Tereza D’Ávila foram comentados com muitos detalhes “reforçadores” de uma ideologia que passava medo e terror, enfatizando a idéia de um “fogo que queimava”.

Terminada a aula, fomos carinhosamente apresentadas pelo pároco a um grupo de pessoas mais ligadas à diocese, inclusive ao médico palestrante. Um outro aspecto que nos chamou a atenção, é que duas psicólogas desse grupo faziam parte também de um grupo de orações permanente, que tinha como objetivo orar pelas sofridas almas do purgatório. Retornamos no outro dia, com o intuito de compreender algo que naquele momento apenas nos causava estranheza. No final da palestra, todos os participantes foram convidados a ir para o centro da nave (igreja) para rezarem o terço, aliás, mais que o terço, o rosário, na intenção das almas do purgatório. Confesso que ficamos perplexos em constatar que, na época atual, pessoas de nível cultural elevado estavam se comprometendo, com toda seriedade, a cuidarem das “sofridas” almas daqueles que já faleceram e que, de acordo com as crenças daquele grupo, estavam “penando” no purgatório. Lembramo-nos perfeitamente que entre um “mistério” e outro do rosário havia uma jaculatória que era repetida com fervor e compenetração, em voz alta, por todos os presentes: “Senhor Jesus, levai as almas todas para o céu, principalmente aquelas que mais precisarem!”

Saímos com um sentimento de “pesar” ou “tristeza”, nem conseguimos identificar ao certo, apenas lamentávamos intimamente por identificar que novamente era o velho medo e a velha culpa que estavam sendo reproduzidos naquele ambiente, influenciando fortemente a subjetividade daquelas pessoas.

No entanto, apesar da certeza íntima de que a imagem de um Deus que pune e se vinga não faz bem a nenhuma pessoa, quer seja criança, quer seja adulto. Uma dúvida surge em nossa mente, ao lembrar que Renold Blank (1995), em uma de suas obras, traz-nos também um trecho das profecias de Nossa Senhora De La Salette. Trecho que nos causou estranheza e talvez por isso mesmo nos estimule a posteriormente, refletir com profundidade acerca do seu significado. Vejamos um trecho citado por Blank:

Os justos sofrerão muito; as suas orações, as suas penitências, as suas lágrimas subirão ao céu. Todo o povo de Deus só implorará perdão e misericórdia e pedirá a minha ajuda e intercessão. Depois, por um ato de sua justiça e de sua misericórdia para com os justos, Cristo ordenará aos seus anjos para matar todos os seus inimigos.

Subitamente, os perseguidores de Cristo perecerão e a terra será como um deserto. Ai dos sacerdotes e das pessoas consagradas que, em razão de sua maldade, crucificaram de novo meu Filho! [...] a vingança já aguarda à sua porta. Deus está preparado para abater de uma maneira que não há igual [...] (BLANK, 1995, p. 57)

Presumimos que a leitura desses textos, considerados santos e sagrados, já são suficientes para representar o quanto a mensagem bíblica pode ser transformada numa mensagem de ameaça, inspirando - através de suas imagens dramáticas e terríficas - sentimentos de insegurança e angústias da morte e diante do misterioso “além”, o que nos leva a indagar: o que há por ser desvelado por trás de tantas imagens escabrosas, imagens estas que constituem os conteúdos da escatologia cristã?

Medarde Kehl (*apud* BLANK, 1995) nos diz que tais imagens possivelmente foram produzidas para inspirar medo em relação ao “juízo final” e às ameaças terríveis teriam a finalidade de “dissuadir os pecadores do pecado”, principalmente para afetar emocionalmente aqueles pecadores mais obstinados que resistem em se converter, em se deixarem ser movidos pela bondade. Assim, a igreja com suas imagens escabrosas, utilizava a pedagogia do medo, como meio eficaz para garantir a estabilização do sistema, da instituição e, com isso, garantir o poder e a dominação.

o fogo mais forte do mundo não pode ser comparado com o fogo do inferno. O que o coitado do condenado pode fazer, submerso neste mar, cujas ondas são de fogo? Para onde quer que fuja estará cercado de línguas de fogo como cobras; o fogo o envolve, o fogo o enche, o fogo o persegue como animais selvagens; o fogo o arde sem o queimar. As suas torturas são inexprimíveis... (sermão n°90, pasta c266, 4 *apud* BLANK, 1995, p. 59)

Este texto trazido por Blank, nos lembra um outro, que consta em uma das obras de Jacques Le Goff, *O Nascimento do Purgatório*, onde diz-nos, entre outros aspectos, que o nascimento do purgatório é um fenômeno da época da passagem do século XII para o século XIII, referindo-se, inclusive, ao reaparecimento da topografia

do purgatório, agora na versão irlandesa, contando com detalhes que nas descrições anteriores estavam ausentes. Conta-se no capítulo V da segunda parte da *Topographia Hibérnica*, que há um lago que divide uma ilha em duas partes. Numa delas, a paisagem é bela e agradável, tendo uma igreja oficial e contando com a presença freqüente de anjos e santos. A outra parte tem um caráter selvagem e horripilante; seria a parte abandonada aos demônios. Possui nove buracos no chão e ai daquele que se atreve a passar a noite num deles. Pois sofrerá a influência dos espíritos malignos e toda sorte de suplícios horríveis envolvidos por um fogo indescritível. Fala-se que as almas podem passar por lá apenas para sofrerem os suplícios e com isso cumprirem as suas penas, podendo algumas delas escapar das penas infernais. (GOFF, 1981, p. 235)

Esses relatos nos levam a reflexões e remetem novamente aos nossos entrevistados, dentre os quais, alguns nos disseram claramente que discordavam das idéias escatológicas de suas religiões. A partir de nossas reflexões e análise, constatamos que 50% da amostra sofreram a repercussão do contexto de medo e manipulação ideológica das religiões cristãs. Lisete e Alcides, internalizando o medo e alimentando a culpa; Edite, distanciando-se das cerimônias religiosas de sua igreja; Amon e Leônia, reconfigurando, em parte, as suas identidades religiosas; Belita, consciente da diferença, reconfigura completamente a sua identidade religiosa.

A psicologia enquanto ciência e enquanto método pedagógico afirma que, quando as pessoas são tomadas pelo medo, as conseqüências se manifestarão, provavelmente, na forma de agressão ou tendência de fuga. Qualquer pessoa sensível e com o conhecimento mínimo de psicologia sabe que a tendência mais natural do ser humano é fugir das situações e impulsos provocadores de medo. E os profissionais de psicologia sabem que o mecanismo de defesa de fuga ou “evasão” pode acontecer de modo inconsciente.

Partindo de alguns princípios psicológicos, levantados neste texto e de algumas reflexões que fizemos a partir da leitura de Bourdieu (2004), indagamo-nos se as pessoas não temeriam a morte, entre outros fatores, por medo do que vão encontrar na situação pós-morte – situação completamente tecida nas malhas da ideologia ainda dominante em nossa cultura - Segundo Bourdieu, a religião está predisposta a assumir:

uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma função lógica e gnosiológica consistente em reforçar a força material ou simbólica possível de ser realizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe. Em outros termos, a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela “naturalização” e pela eternização). (BOURDIEU, 2004, p. 46)

5.2 MEDO E CULPA: PILARES A SEREM DESCONSTRUÍDOS?

Comblin (1996), em sua obra, fala-nos que a partir das inúmeras crises pelas quais a humanidade vem passando, e do diante imenso vazio da liberdade, tão arduamente conquistada, ressurgiu, para surpresa de muitos, o interesse pelo sagrado. Estamos envolvidos num nova “onda espiritualizante”. A religião retorna com novo rosto, chegando multifacetada, multicolorida, como um caleidoscópio, permitindo múltiplas configurações que dançam e brilham pedindo passagem, acolhimento e reverência, ou no mínimo, respeito a sua existência.

Considerando que nossa prática profissional não é na área da ciência da religião, sentimos surpresa, quando percebemos o quanto as religiões de alguns entrevistados têm um caráter “multifacetado”, que reflete um certo movimento, uma certa flutuação de alguns deles entre uma religião e outra. Lembramo-nos agora de Amon, Leônia e Belita, que participaram dessa pesquisa como sujeitos. Elas sentiram dificuldade de se definir em relação a sua religião de pertença, haja vista que criaram, no momento da entrevista, uma nova denominação de religião, a partir de uma referência interna, subjetiva.

De acordo com os valores de Comblin, a atmosfera ideal para a convivência humana seria a de liberdade religiosa. Liberdade para buscar em todo o tempo que

se fizer necessário, aquela religião que responda melhor as indagações existenciais, ou aquela que tocar mais profundamente a alma. Não mais aquela que retrata Deus afirmando o seu poder, humilhando a criatura. Não mais uma religião que se baseia numa teologia criada apenas para “legitimar a vontade arbitrária de Deus e a pura afirmação de poder, como se esse poder fosse a garantia da ordem do mundo” (COMBLIN, 1996, p. 333 e 336).

Também comunga com esta opinião de Comblin, um dos nossos entrevistados, Belita, de origem religiosa evangélica tradicional, que viveu até uma fase madura de sua existência completamente dentro dos padrões de sua religião, e declarou, na entrevista, que um dia finalmente compreendeu a importância de romper com os padrões que a aprisionavam.

Era isso que eu não suportava na minha religião de origem, acho que não suportaria pertencer a nenhuma religião institucional, porque as religiões tendem a nos aprisionar numa visão limitada demais! [...] eu vivo e quero continuar vivendo dentro de uma atmosfera de relativa certeza[...] por estar imbuída de que se trata de uma certeza aparente e provisória[...]quero hoje pensar de um jeito e amanhã me dar o direito de questionar[...] (Entrevista Belita)

Na visão de Comblin (1996), estamos vivendo um momento crítico, o estilo de vida que levamos vem nos fragilizando, deixando-nos inseguros e angustiados. As pessoas vivem às pressas, cansam-se, esgotam-se, sem nem terem consciência clara do que *são, do sentido do que fazem e para que fazem*, o que vem gerando uma atmosfera de insatisfação crescente que nos leva a procurar resolvê-la através de inúmeros recursos de entretenimento que o mercado nos põe à disposição, como resultado do fantástico desenvolvimento tecnológico. Mergulhados num sistema de divertimento passivo e alienante, não nos sobra tempo para que indaguemos acerca do que estamos fazendo conosco mesmo, com aqueles com quem convivemos, e afinal, com a nossa própria vida.

Na perspectiva do autor, e na cultura em que vivemos, quase tudo se movimenta em busca do prazer imediato. Todos andam em busca de emoções, pouco importando se são efervescentes ou voláteis. Numa sociedade onde cada um anda em busca da “sua” felicidade, receitas mágicas não faltarão para todos os gostos, necessidades e tipos de personalidade! Não faltarão também explicações

teológicas, as mais variadas, com intuito de inculcar sentimentos de culpa pelos males e problemas que advêm sobre o próprio homem.

A situação pode se complicar mais, os problemas podem se tornar mais intrincados e difíceis de discernimento para as pessoas religiosas a partir da concepção de homem que lhes é reproduzida no seu contexto sócio religioso. Como nos diz Comblin, o pecado foi designado causador de toda infelicidade humana, quando foi inculcado no ser humano o sentimento de que eram pecadores, que havia uma dívida para ser paga em outra existência. E assim vem caminhando o homem, levando além da carga dos problemas concretos, gerados nas relações que mantêm com o outro, o fardo de um sentimento “confuso de ser devedor, de não ser o que deveria, de não ter cumprido o seu dever (...)” (COMBLIN, 1996, p.334).

Não há dúvida, continua Joseph Comblin, de que tanto a igreja, como os missionários e os pregadores utilizaram a noção de pecado abusivamente em suas pregações, pois “alimentar a consciência de pecado era um meio fácil para manter as pessoas submissas à igreja” que, por sua vez, tinha em suas mãos, também, o poder da cura do mal e somente dela vinham os remédios através da “confissão”, das “indulgências, das “obras meritórias”. (COMBLIN, 1996, p.336)

A igreja, portanto, usou e abusou do processo de “culpabilização” como um meio forte e eficaz de socialização, o que acarretou muito mal, produzindo inclusive seqüelas profundas de dimensão emocional. Seus frutos amargos ainda produzem desconforto e inúmeros problemas de consciência, absolutamente desnecessários nas pessoas.

Essas reflexões de Comblin (1996), trazem-nos à tona, trechos da entrevista de Lisete, que nos falam de um forte sentimento de culpa, que possivelmente, acarretou um nível de baixa auto-estima tão intenso que a faz se perceber como indigna, merecedora da punição por um Deus que a impediria de se encontrar com seus pais e outros parentes queridos que já estão, segundo ela, na dimensão celestial.

A igreja ensina que se peca por pensamentos, palavras, atitudes e omissão... e é justamente a omissão que talvez seja a minha maior falta para com Deus e por isso serei castigada [...] Serei castigada por não fazer caridade e também por outras coisas... coisas de menina... coisas de moça... (Entrevista Lisete)

Um outro trecho nos vem à mente, trata-se de partes do depoimento de Leônia, uma pessoa culta, que por conta de seus cinquenta e sete anos, presume que viveu seus anos mais críticos na década de sessenta, do século passado. O depoimento fala por si só; vejamos:

você nem imagina o que eu sofri, eu apenas não, quase todas as minhas colegas de colégio passavam por esse tipo de sofrimento, mas em mim este sofrimento foi bem mais intenso devido à rigidez moral e religiosa em que fui criada. Retomando o que lhe dizia, sofri intensamente por anos a fio, durante um bom período da infância, envolvida por mil sentimentos de culpa, por pequenos deslizes, ou simples pensamentos que, na época de hoje, não teria o menor valor. O essencial é que perdi muito tempo da minha infância vivendo sem alegria e medo, verdadeiro pavor dos castigos do inferno. Relembrando hoje, considero um absurdo, um verdadeiro crime de responsabilidade, justamente das autoridades eclesiais, que usavam do poder e da mentira, para fomentar o medo e a culpa na mente de crianças indefesas. (Entrevista Leônia)

Sofrimentos e conflitos dessa natureza surgem a partir de ensinamentos morais e religiosos carregados de medo e culpabilidade, que ao serem introduzidos na célula familiar tendem a gerar problemas de proporções preocupantes, mesmo na atualidade. Pesquisas que foram realizadas, recentemente, entre a juventude, revelam que ainda há um índice significativo de jovens, os quais não se permitem viver os seus afetos típicos da idade, de forma sadia, por conta da influência de ensinamentos religiosos que infundem predominantemente a culpa, e estes provêm de pessoas-modelo (geralmente pais e avós).

Se considerarmos que os jovens de ontem são os nossos adultos de meia idade e idosos de hoje, fica fácil compreender a gama de problemas que perpassa as pessoas da terceira idade, ainda tão relutantes, apesar das transformações sociais, em assumirem o tempo livre de que dispõem, para investir em atividades saudáveis que lhes dêem mais prazer, energia alegre para o seu viver. Entre os nossos doze entrevistados, quatro deles (Lisete, Alcides, Ruth e Paulo), apesar de não terem demonstrado verbalmente, parecem se enquadrar neste tipo de idosos acima referidos, em que os medos e as culpas de tão arraigados, parecem lhes tirar muito da energia vital. Isto que aqui nos referimos, muito provavelmente, não se pode

generalizar. Há muitos idosos, atualmente, vivendo de uma forma mais espontânea, criativa e prazerosa. Talvez, por fazerem parte de grupos onde existem “mediadores”, profissionais que investem justamente no sentido de desbloquear a alegria e o prazer instintivo reprimido socialmente.

Nos tempos atuais, continua Comblin, “as pessoas querem viver sem ameaças, sem castigos, sem dívidas para pagar”, no entanto, a igreja parece alienada desta realidade quando oferece “o sacramento da penitência, ao invés de auxiliar a caminhada de seus fiéis”, dentro de propostas mais abertas, criativas e integradoras.

O referido autor salienta que as novas gerações já não receberam a influência desse processo de inculcação da “culpabilização”, diz-nos, inclusive, que nos países considerados mais desenvolvidos, a luta contra o pecado já quase não existe, mas aqui na América Latina, pelo fato de que só a partir dos anos 50 do século XX, a psicologia ter entrado nos currículos das instituições educacionais, como disciplina, as mudanças na mentalidade das gerações ainda estão a se processar muito lentamente. Pelo que parece claro, são muitos ainda os católicos e cristãos em geral, que ainda vivem de forma pouco saudável, ancorando a maioria de suas atitudes no paradigma do pecado e da culpa. Isso nos pareceu evidente quando consideramos diversos trechos das entrevistas, que foram realizadas para esta pesquisa. Tais reflexões parecem-nos veem reforçar a idéia de que há necessidade de que um trabalho interventivo seja feito, principalmente com os idosos, no sentido de facilitar a emergência desses sentimentos de culpa, que nem sempre estão claros, mas nem por isso deixam de ser corrosivos.

5.3 UM NOVO OLHAR SOBRE A ESCATOLOGIA

A partir das contribuições de Walbert Buehlmann, Euben Biser, Paul Ricoeur e Jean Delumeau (*apud* BLANK, 1995), há fortes indícios de que as mensagens cristãs em relação à escatologia, estejam permeadas por uma ideologia de poder, que não tem escrúpulos em utilizar, de forma dramática, imagens que infundem medo e

terror. Segundo Blank, atualmente a teologia “se vê desafiada e chamada a repensar o discurso escatológico e sua transmissão na atuação pastoral”, a fim de responder às indagações e anseios de uma população angustiada e carente através de reflexões e intervenções, numa linguagem possível de ser compreendida e assimilada, que reflete “os anseios e as suas questões em face de um problema que já esta sendo reprimido na sociedade: a própria morte” [...] só assim, “será possível superar um discurso alienante e individualizante”, transformando, deste modo, as atitudes de “desinteresse e fuga” que vêm caracterizando o comportamento dos cristãos” (BLANK, 1995, p. 10)

Esses posicionamentos de Blank nos remetem a alguns dos nossos entrevistados: Edite, Leonia e Belita. Edite, por exemplo, mesmo se considerando católica, não frequenta muito a igreja, por não concordar com o discurso evangelizador dos sacerdotes. “Se os padres não dissessem tantas bobagens em seus sermões, eu acho que freqüentaria mais a Igreja”. Sua motivação primordial, quando vai, é por conta da “atmosfera religiosa” e para ouvir os cânticos e, muitas vezes, cantá-los junto com os presentes, pois sente “falta daquela atmosfera de comunhão, de estar junto com os outros. Parece que louvar a Deus em conjunto toca mais o nosso coração, apesar de também adorar, no meu próprio lar, entrar em contato com Jesus, num diálogo íntimo com Ele que foi sempre o meu melhor amigo” (Entrevista Edite)

As posições de Blank encontram também ressonância no documento da Conferência Episcopal de Puebla, que nos fala da necessidade de estar disponível e atento ao “movimento geral da cultura”; do mesmo modo pensam os teólogos Assmam Gutierrez e Galileo, que também acreditam ser fundamental que o discurso teológico deve, necessariamente manter-se integrado com o contexto sociológico. Eles enfatizam, também, principalmente entre os países latino-americanos, que a Igreja deve estar atenta para não se afastar das necessidades e cultura do povo e de seus problemas.

Para Blank, esses problemas fazem parte da questão da escatologia individual: não se pode ignorar a atitude desse povo em relação ao discurso a ele destinado [...] Conhecendo a atitude consciente das verdadeiras opiniões dos destinatários dessa mensagem, haverá condições de elaborar estratégias para

superar o divórcio entre a fé processada e a vida cotidiana, denunciado e deplorado pelo Concílio Vaticano II. (BLANK, 1995, p. 12)

A partir da análise conclusiva da pesquisa de Blank, “os cristãos de hoje não aceitam mais - sem restrições - a doutrina oficial sobre a vida depois da morte. Além do mais, “a mensagem sobre a vida após a morte inspira, em muitos cristãos, mais medo do que esperança e confiança”, existindo também, segundo ele, uma “correlação entre as ameaças religiosas da doutrina sobre a vida depois da morte e o medo da morte”. (BLANK, 1995, p.190)

Concordando com essas reflexões, vamos inserir trechos de algumas entrevistas realizadas para esta pesquisa, que confirmam a primeira das conclusões de Blank descritas acima: “Os cristãos de hoje não aceitam mais sem restrições, a doutrina oficial sobre a vida depois da morte”.

Edite, por exemplo, apesar de estar freqüentando bem menos a igreja, continua católica, mesmo discordando, muitas vezes, da pregação dos padres acerca de alguns pontos, principalmente quando se trata da visão acerca da morte e do “além”. Edite é uma pessoa de nível cultural elevado e, entre outros aspectos, declarou ter tido contato e sentir o respeito pelos princípios do exoterismo, rosa-cruz, filosofia oriental etc. Porém, como admite que todas as religiões são falhas, ela prefere continuar “sendo católica”, provavelmente, porque foi criada nessa religião, recebendo influência direta de freiras até a idade adulta, quando saiu do “internato” para casar. Uma das experiências mais marcantes na vida de Edite foi o que ela denomina de “experiência de morte”, hoje denominada oficialmente de EQM, ou “experiência de quase morte”. E justamente foi esta experiência que abalou os pilares da sua identidade religiosa. Ela sentia dificuldades de externar o que viveu, na dimensão que ela supõe “extraterrena”, por receio de não ser entendida e, principalmente, ter sido recriminada pelas pessoas de sua religião. Disse-nos ela textualmente, a respeito da sua “experiência quase morte”:

Quem não viveu a experiência que eu vivi não vai poder entender nunca... Se meu próprio esposo sorria de mim, desacreditando, imagine os outros que não me conhecem e podem até pensar que sou uma lunática! Tenho que ser tolerante com essas discordâncias da minha religião, não é? Como gosto dos cânticos e da comunhão!

Assim, vou levando e tirando por menos o “besteirol” dos sermões e a visão pequenina, elementar mesmo da grande maioria dos nossos sacerdotes... (Entrevista Edite)

Em relação as suas discordâncias sobre os ensinamentos religiosos de sua Igreja, ela nos disse ter vivido há muitos anos muita ansiedade, medo de ser mal interpretada e por isso vivia “escondendo” dos outros tudo que se passava interiormente acerca de suas “experiências” e indagações “espirituais”. Um dia porém, antes mesmo que o comércio abrisse, já estava diante das portas de uma livraria “cristã”, ansiosamente aguardando e, enquanto isso, orando para Jesus, pedindo iluminação para encontrar o livro “certo” para acalmar sua ansiedade e responder suas dúvidas. Segundo ela, ao entrar, “bateu o olho”, de imediato, nas obras do teólogo Leonardo Boff. Vejamos as suas próprias reflexões a respeito:

Foi tranquilizador perceber que Boff não aceita a idéia tradicional de “inferno” e “purgatório”, pelo menos do modo como foi ensinado a nós, católicos. Boff também faz críticas às muitas “baboseiras” que nos têm sido passadas pelas religiões... acho mesmo que as religiões, através seus representantes, fazem isso para nos “manter com a corda curta”... mas o importante é que as idéias daquela teólogo, o Leonardo Boff, me fizeram muito bem... Ele explica bem direitinho[...]esta história de ficar em “repouso” esperando o dia do juízo final, acho que não é verdade não! Eu mesma, Vânia, estava com meu corpo quando viajei para a dimensão celestial e vivi aspectos de eternidade! [...] porque a idéia generalizada é que a gente fica sem o nosso corpo e só ressuscitará no final do mundo, isso é um grande engodo pois eu, eu vivi tudo o que vivi, *com um corpo, vivo... vivíssimo!* Acredite! (Entrevista Edite)

Portanto, parece que realmente as considerações de Blank (1995) também encontram eco nas entrevistas por nós realizadas. Diz ele que vem percebendo que os teólogos cristãos estão diante de um *sério desafio em relação ao discurso escatológico, pois o homem atual não compreende e nem assimila mais uma linguagem simbólica transmitida pela tradição dos séculos passados...* o temor de ameaça, que marcou por tanto tempo o discurso pastoral sobre *as verdades escatológicas*, precisa ser urgentemente superado a partir de uma profunda reflexão dogmática a respeito destas verdades.

Citemos agora alguns trechos da entrevista com Rebeca, uma médica de nível de socioeconômico elevado, católica praticante e que tem vivido experiências que são chamadas, em nossa cultura, de “extra-sensoriais” ou “paranormais”, que representam um verdadeiro desafio para a ala conservadora da Igreja Católica, tão resistente a abrir-se ao novo, a aceitar os novos desafios da sociedade contemporânea. Essas experiências têm mobilizado e repercutido na identidade religiosa de Rebeca, que se percebe como católica fervorosa. Mas, no confronto com o diferente, Rebeca se inquieta, se retrai, não permitindo, ao nosso ver, abrir-se ao novo, ao desconhecido e, conseqüentemente, torna-se retraída e vivencia sentimentos de solidão. Seu receio de ser mal interpretada foi reforçado pela experiência concreta de não ter sido compreendida em profundidade pelo seu pároco e orientador espiritual de muitos anos, que não pode entender e, portanto validar as suas experiências incomuns ou “paranormais”. Apesar de se sentir só e com dificuldade para entender o que vivencia, Rebeca reafirma a sua identidade religiosa e, apesar de não ter mais procurado o seu orientador espiritual, continua freqüentando assiduamente a igreja, pois percebe que as cerimônias religiosas “fortalecem” a sua fé.

Vejamos textualmente alguns trechos da entrevista de Rebeca:

[...] eu gostava de relaxar... era um modo que eu encontrava de restaurar minhas energias e dar continuidade ao meu trabalho, geralmente tão estressante. Um dia, porém eu acho que entrei num nível mais profundo, aí eu percebi que eu mesma estava em pé, na minha sala, em frente a mim mesma, deitada no meu sofá. Eu quando me vi em pé, olhando o meu próprio corpo, me deu um pavor, eu entrei em pânico... foi uma coisa muito nítida... Foi real! Eu me vi saindo de mim ou o meu espírito saindo... me vi deitada com a mesma roupa que eu estava... Não há dúvida que era eu mesma, que estava vendo a mim mesma!... acordada e bem consciente... imagine o estado que eu fiquei! (disse sorrindo) [...] Eu sinto, claramente, que não é por mero acaso eu acordar, espontaneamente, e me dirigir exatamente ‘naquele momento’ para ‘aquele determinado leito’... Funciona como se eu fosse movida por um poder superior, compreende? Olhe, de vez em quando eu sentia como um ‘aviso’, tipo ‘intuição’ que me fazia antes de ir descansar, tarde da noite, dizer para a enfermeira da equipe de plantão: “o paciente do leito tal... não passará das três horas dessa madrugada... fique atenta”. A colega, que estava mais ou menos acostumada com as minhas “intuições”, sorria de uma forma especial, talvez com um ar de cumplicidade, pois, só eu e ela tínhamos consciência dessa percepção especial que eu vivia, mesmo

no meu momento de plantão. E acredite-me, nunca deixou de acontecer o óbito que eu havia previsto, mesmo quando nas circunstâncias do quadro clínico, o óbito parecia improvável. [...] Mas, sobre estas visões que eu tenho, eu não as comento com quase ninguém... só quando sei que alguém *mesmo católica, também vê*, como eu vejo... só falo para quem tem condição de me ouvir e não se escandalizar [...] eu não procuro mais entender não... também deixei de fazer comentários ao meu orientador espiritual, aliás parece até que, sem eu mesma ter decidido, *ele deixou de ser meu orientador espiritual porque não o procurei mais para conversar sobre os meus pensamentos e as minhas dúvidas...*só continuei indo à missa e troco com ele algumas breves palavras... (Entrevista Rebeca)

É de Edite que transcrevemos trechos da entrevista, que novamente contribuirão para ilustrar os posicionamentos de Blank, tão preocupado e tão desejoso que transformações efetivas aconteçam e repercutam nos discursos evangelizadores da Igreja Católica. Edite, por conta de sua história pessoal e do contexto socio-cultural-religioso em que foi socializada, desde a mais tenra infância, reafirma com amor a sua identidade religiosa de católica. Por outro lado, a mulher e a profissional culta que ela é, percebe o quanto uma ideologia dominadora envolve a estrutura e a dinâmica das religiões. Vejamos, com as próprias palavras, alguns dos seus posicionamentos:

[...] São várias aspectos em que brigo mentalmente com a minha religião. Mas a mais séria divergência é a que se relaciona a estas questões que já falei: céu, inferno e purgatório [...] É possível um ser perfeito de amor infinito condenar alguém? Não acho possível!. Isto são distorções por maldade ou por ignorância do próprio clero que cria estas situações para apavorar e com isso controlar a conduta das pessoas. (Entrevista Edite)

Do mesmo modo, em vez de continuar transmitindo a mensagem de um Deus ante o qual se deve ter medo, é essencial superar a imagem do Deus vingativo, cuja justiça se baseia num princípio de retribuição. Para Blank e outros teólogos que comungam com suas idéias, é essencial substituir essa imagem de Deus, que ainda está sendo veiculada por um Deus da vida, um Deus [...] defensor de todos os que não têm mais um defensor. Entretanto, para que essa imagem de Deus possa ser

realmente assumida, é preciso primeiro desmascarar as ameaças escatológicas, mostrando que nelas não se revelam imagens do Deus verdadeiro, senão projeções arcaicas de ameaças providas do próprio homem.

Segundo Bingemer e Libânio, Jesus não veio para pregar a condenação, “seu anúncio do Reino, é de salvação... não fornece base para um dualismo escatológico”... Por isso não se pode atribuir a Jesus a presença de “Juízo condenatório”, que levaria o homem à morte eterna, isso não proveria de Deus, mas “como autojuízo”. Não acolhendo a Salvação, “é o próprio homem que se condena, subtraindo-se, em sua liberdade, ao amor e à salvação que a *misericórdia* do Senhor não cessa de lhe oferecer”. (BINGEMER e LIBÂNIO, 1985, p. 207)

Portanto, ainda de acordo com Blank, para que essas mensagens de amor e esperança possam ser realmente assumidas, a fim de que seja possível se desenvolver o seu potencial transformador, é imprescindível, primeiramente, que com disponibilidade interior e consciência clara, as pessoas responsáveis possam desenvolver estratégias que possibilitem a superação “do medo religioso interiorizado pelos cristãos, em virtude de uma história secular de ameaças” e opressão. (BLANK, 1995, p. 208)

Os depoimentos acima citados, quer sejam dos nossos entrevistados ou dos teólogos que elegemos para nortear esta pesquisa, no nosso entender, refletem a necessidade de que, como diz Blank, uma nova linguagem pastoral se imponha, considerando o novo contexto social em que vivemos.

5.4 A PERDA DO MEDO DA MORTE E SUA RELAÇÃO COM A EQM

Primeiramente, pensando naqueles que ainda não têm clareza do que seja uma EQM, esclarecemos que popularmente são consideradas situações um tanto quanto extraordinárias, em que o indivíduo tem a sensação de ter saído do seu próprio corpo e vive uma viagem típica, já considerada padrão, a partir de algo que ele não

identifica mas que no geral, nem sempre necessariamente partiriam de uma situação crítica, que poderia levá-lo realmente à morte, como por exemplo, um acidente, uma cirurgia ou algo semelhante. Muitos se percebem saindo do seu próprio corpo e viajando por lugares desconhecidos aqui da Terra, mas existem também aqueles que se vêem ultrapassando a extratósfera terrestre, viajando pelo espaço e encontrando seres, parentes já falecidos, cujas comunicação essencialmente acontece mente a mente, ou seja, por telepatia. Quando retornam, mesmo os anteriormente céticos, tendem a mudar suas concepções em relação à vida, e em relação à morte. Passam, quase sempre, a acreditar e afirmar, com convicção, na continuidade da existência, conseqüentemente, percebem que perderam completamente o medo da morte ou, pelo menos, já conseguem confrontar-se com a realidade da sua finitude, com relativa tranqüilidade.

“Quando aqueles que passaram por uma EQM dizem que perderam o temor da morte, geralmente estão querendo dizer que não mais receiam a obliteração da consciência ou de si mesmos” (MOODY, 1989 p.38). Isto não significa que aqueles que passaram por uma EQM, desejam morrer cedo. O que dizem é que a experiência tornou as suas vidas muito mais ricas e mais plenas do que antes. Na verdade, muitos têm a sensação de que estão vivendo pela primeira vez. Para ilustrar a primeira mudança característica daqueles que passam pela EQM, citaremos um dos inúmeros depoimentos.

Durante cinqüenta e seis anos da minha vida, eu vivi em constante temor diante da idéia da morte. Minha perspectiva era a de evitá-la, a todo custo, pois me parecia uma coisa terrível. Depois da minha experiência (EQM), dei-me conta de que, ao viver temendo a morte, eu estava bloqueando a minha compreensão da vida. (MOODY, 1989 p. 39)

Algumas das pessoas que viveram uma EQM declaram que, antes da experiência, sentiam um terrível medo de morrer, por medo do “julgamento final”, mas que após a EQM, o temor da punição no inferno, pelos atos praticados em vida, não se constituía mais um problema em suas consciências, pois quando assistiram à recapitulação de suas vidas, elas perceberam muito fortemente que o “ser de luz” as amava e se importava profundamente com elas. Percebiam, sobretudo, que aquele

Ser não as estava julgando, mas, sim, querendo transformá-las em pessoas melhores, isto é, ajudando-as a eliminarem o medo de suas vidas e a se concentrarem no processo de auto-aperfeiçoamento.

Nas experiências realizadas pelo Dr. Moody, bem como na dos seus colegas pesquisadores, ficou claro - através do depoimento das pessoas - que não é o “ser de luz” que lhes diz que devem mudar. As mudanças ocorridas em todas as pessoas entrevistadas vieram naturalmente do seu íntimo,

modificam-se voluntariamente, porque, na presença de um modelo superior de bondade, sentiram-se envolvidas numa atmosfera tão profundamente amorosa, que passaram a desejar, também profundamente, realizar mudanças radicais nos seus comportamentos. (MOODY, 1997, p. 39)

Dr. Moody nos traz, ainda, a história de um ministro evangélico que costumava ameaçar o seu rebanho com imagens escatológicas terrificantes acerca das punições divinas na situação após a morte, ou seja, sempre descrevia com detalhes apavorantes imagens do inferno, onde o cheiro de enxofre e o fogo do inferno, impactavam os fieis que freqüentavam sua igreja, dizendo inclusive que, se eles não acreditassem e não seguissem os ensinamento da Bíblia, estariam condenados a queimar eternamente no inferno. Eis uma parte do seu depoimento:

Quando tive uma das minhas paradas cardíacas, eu estava subindo as escadas, na frente de minha casa. Enquanto caía, senti que procurava, desesperadamente, por alguma coisa em que pudesse me agarrar. E cheguei a pensar, então: Isto é estranho. ‘Você sabe para onde vai quando morrer... e como será maravilhoso’... mas, mesmo assim, eu podia sentir um profundo medo apertando a minha garganta... Seria o instinto de sobrevivência?... (MOODY, 1997, p.40)

Como vemos, os condicionamentos sociais e mentais são verdadeiras teias que parecem nos enovelar, limitando nossas atitudes. Este pastor, entrevistado pelo Dr. Moody, sofreu em si mesmo a repercussão de suas idéias preconcebidas a

respeito da escatologia cristã, ainda perpassada da atmosfera de medo típico da época medieval.

Mas, alguns outros pesquisadores como Melvin Morse e Paul Perry (1988) podem contribuir com alguns dos seus inúmeros relatos que reforçam a hipótese de que aqueles que passam por uma EQM, perdem o medo da morte:

Senti que deixava meu corpo. Não sei bem se o vi do alto ou não, mas estava fora de meu corpo. Fui aspirado como por um túnel, por onde entre a tida velocidade. No final do túnel havia algo ou alguém... esse alguém era o Amor, um amor sem fim. Essa expressão verbal que mais convém, mas que não basta para expressar o que eu compreendi. Quisera permanecer lá para sempre! Mas me fizeram compreender docemente, que eu deveria voltar. E encontrei-me novamente em meu corpo. Foi muito triste não ter podido ficar na luz. Lembro-me como se fosse ontem... e a partir daí não tive mais medo de morrer. Ah! Se isso for a morte... que venha a morte! (MOODY, 1989, p. 57)

Situação semelhante foi relatada pelos médicos e pesquisadores do tema, Dr. Melvin Morse e Dr. Paul Perry (1998), quando em uma de suas viagens à Florida na cidade de Tampa, encontrou-se com Brinkley, que em 1975 foi atingido por um raio que destruiu grande parte do seu coração, o que torna perigoso para ele, excesso de esforços.

Perry e Brinkley estavam andando depressa demais quando Brinkley começou a se queixar de dores no peito. Quando finalmente se sentaram em uma lanchonete, Brinkley tinha dificuldade de respirar.

Houve pânico geral. Outros fregueses aproximaram-se para dar conselhos, e os funcionários da lanchonete, com o assentimento de Perry, queriam chamar os paramédicos. A única pessoa no salão que não demonstrava medo era o próprio Brinkley. Apesar da dor e da falta de oxigênio, ele ria só de pensar na chegada de uma ambulância. “Esqueçam os médicos”, disse ele. “Já morri uma vez e gostei”.

Exemplos como este, de pessoas que estão à beira da morte e não demonstram medo, são indícios de que a experiência de encontrar-se com a Luz pode atenuar a ansiedade em relação à morte, concluiu Morse.

A partir desta pesquisa que ora relatamos, traremos alguns trechos da entrevista com Edite, que perdeu completamente o medo da morte, a partir de uma experiência “incomum”, também conhecida, popularmente, como “experiência extra-sensorial”. Na época, Edite apenas a chamava de “experiência de morte”, mas, com o passar dos anos, viu através da mídia, o quanto a referida experiência, já era conhecida e estudada internacionalmente, denominando-se “experiência de quase morte”, ou EQM.

A parte mais essencial dessas “viagens” ou experiências de quase-morte (EQM), por serem relevantes para nossa pesquisa, é aquela em que todos os pesquisados, invariavelmente, relatam que ao saírem do seu próprio corpo, defrontaram-se com uma “incandescente luz”, da qual emana uma vibração de profundo amor. Alguns relatam que junto à “pura luz” eles se sentiram completamente protegidos e amados incondicionalmente. Outros porém, nos seus relatos, não enfatizaram o impacto que lhes causou, de início, o encontro com o “ser de luz”, mas falaram enfaticamente de um momento em que eles foram, telepaticamente, convidados a revisar suas vidas através de uma “espécie de tela panorâmica”, onde viam toda a sua vida, desde a mais tenra infância, sendo repassada sob o olhar atento e amoroso do “ser luminoso” ou simplesmente na “presença da luz”.

O que consideramos significativo, é que em todos os relatos dos vários pesquisadores, não havia nenhum sentimento das pessoas, de estarem sendo “julgadas”. As pequenas falhas, os grandes erros eram vistos, pelos próprios pesquisandos, dentro de uma atmosfera de cálida tranquilidade ou uma espécie de aconchego, o que os fazia se sentirem profundamente aceitos e amparados por “aquela luz”.

No entanto, como a EQM é algo que acontece em geral, no limiar da chamada morte biológica ou cerebral, quando se inicia a falência das células nervosas pela falta de oxigenação do cérebro, a constatação da inexistência de atividade elétrica, metabólica e circulatória do cérebro tornam o quadro irreversível e o registro da EQM impossível. Essa impossibilidade seria um dos fatores limitantes da compreensão científica da vivência. Ficam as classes médicas, psi e as religiosas à mercê do que se considera apenas meras hipóteses sobre algo que não se pode negar, que é fato

comprovado e alvo de várias pesquisas nos EUA e Europa. Estas relações encontradas entre as EQMs e as transformações construtivas nas personalidades daqueles que a vivenciaram, é um outro tema de interesse e de extrema relevância para nossa pesquisa, pois consideramos neste trabalho de dissertação, que a EQM, implica “Crise”, por conta do impacto que viveu o indivíduo ao se perceber diante do confronto com o que ele supôs ser uma situação real de morte (de sua própria morte). Este, em geral, retorna para o seu dia-a-dia com outros propósitos para sua vida, “volta”, por assim dizer, “transformado” no sentido de nortear sua conduta por valores bem diferentes daqueles em que se baseava até então. Há um consenso que esses valores são considerados de nível superior, ou seja, indicativos de um maior amadurecimento, pelo menos em nossa cultura.

Segundo Raymond Moody, existe um elemento comum a todas as EQMs (experiências de quase-morte): elas têm poder de transformar as pessoas. “Em meus vinte anos de intenso contato com as pessoas que passaram por uma EQM, ainda não encontrei ninguém que não tivesse sofrido uma transformação profunda e positiva, como resultado dela”. (MOODY, 1989, p. 35)

Todos os médicos e estudiosos com quem o Dr. Moody conversou e que já entrevistaram pessoas que passaram por uma EQM, chegaram à mesma conclusão: elas tornaram-se pessoas “melhores”, por causa de suas experiências. “Melhores” no sentido de que se sentem mais “próximas” do ideal que imaginaram para si mesma. Algumas delas relatam que depois da EQM se perceberam mais satisfeitas consigo mesmas, bem como com suas relações interpessoais.

Muitos deles explicam que mudaram de atitudes e comportamento, talvez por conta da paz que ultimamente vêm sentindo, considerando também que estão sentindo uma sensação nítida de que encontrarão, no futuro, mais vida depois da sua passagem para outra vida, ou seja, desta existência aqui na Terra. Outros, atribuem que a sua predominante e visível sensação de bem-estar, certamente se justifica pelo contato que tiveram com um “Ser superior” que produziu neles um maior e mais profundo esclarecimento.

Uma das pesquisas mais interessantes sobre o poder transformador de uma EQM foi realizada por Charles Flynn, um sociólogo da Universidade de Miami, em

Ohio. Ele examinou os resultados de vinte e um questionários aplicados por Kenneth Ring, o conhecido pesquisador e sistematizador das situações de EQM, para tentar descobrir, especificamente, as mudanças ocorridas nas pessoas.

Flynn verificou que, acima de tudo, as pessoas que passaram por EQMs, demonstram uma preocupação bem maior com os outros, do que antes da experiência. Bem como, passaram a acreditar na continuidade da vida, depois dessa existência e, conseqüentemente, a temer cada vez menos a morte.

Pesquisas como estas nos dão fortes indícios de que uma EQM, apesar de chocante, pode ser considerada uma experiência positiva. Raymond Moody nos diz textualmente:

minha inteira prática psiquiátrica é devotada ao entendimento de pacientes que tiveram uma EQM. Embora suas experiências lhe tenham trazido uma série de problemas, que a maioria de nós certamente jamais enfrentará, todos eles mudaram para melhor. Como se pode depreender do estudo dos casos relatados, uma EQM estimula o crescimento pessoal de cada um. (MOODY, 1989, p. 36)

Um dos mais impressionante exemplos que o referido psiquiatra nos dá, a respeito do “crescimento pessoal”, nos vem através de Nick, um dos seus pesquisandos. Segundo Dr. Moody, Nick era um trapaceiro e um criminoso consumado, que fizera de tudo, desde arrambar casas até traficar drogas. O crime proporcionou-lhe uma boa vida. Possuía belos carros, roupas elegantes, casas novas e nenhum problema de consciência para atormentá-lo. Então, um dia sua vida mudou. Ele estava jogando golfe, quando caiu uma tempestade súbita. Antes que pudesse deixar o campo, foi atingido por um raio e quase morreu (vivenciou uma EQM).

Flutuou por algum tempo sobre o seu próprio corpo e depois viu-se atravessando, velozmente, um túnel escuro, na direção de um fecho de luz. Deparou-se com um brilhante cenário campestre, onde foi saudado por parentes e outras pessoas, já falecidas.

Encontrou-se com um “ser de luz”, a quem descreveu, hesitantemente, como sendo Deus, que de maneira afável, levou-o a proceder a uma recapitulação de sua

vida. Reviveu toda a sua vida, não apenas vendo suas ações em três dimensões, mas também vendo e sentindo os efeitos que tiveram sobre os outros.

Essa experiência transformou Nick. Mais tarde, enquanto se recuperava no hospital, sentiu todo o efeito dessa revisão de sua vida. Ele contou ao Dr. Moody que no contato com o ser de luz, ele ficava completamente exposto, ao amor puro daquele Ser. Percebeu que, quando realmente morresse, iria ter de fazer uma nova recapitulação de sua vida, um processo que seria bastante incômodo, caso mostrasse que nada aprendera com a primeira experiência. “Agora”, disse Nick, “eu sempre vivo minha vida, lembrando-me de que algum dia terei de submeter-me a uma outra revisão de todos os meus atos”.

Moody afirma em seus escritos que outros colegas pesquisadores os quais entrevistaram pessoas que passaram por uma EQM confirmaram e continuam reafirmando os efeitos positivos posteriores da experiência. Alguns deles até mesmo mencionaram a “luminosa serenidade”, que parece emanar de muitas dessas pessoas. É como se elas tivesse vislumbrado o futuro e saíssem daquelas experiências de “EQM”^{*1}

Raymond Moody identificou oito tipos de mudanças possíveis de acontecer com uma pessoa que tenha passado por uma EQM^{*2}. Estas mudanças segundo ele, realmente aconteceram com todos aqueles a quem entrevistou. “É a combinação desses fatores que engendra a luminosa serenidade, encontrada em muitos deles”. (MOODY, 1989, p.37)

Da série de mudanças identificadas pelo Dr. Moody, duas nos interessam mais por conta dos objetivos desta pesquisa que ora relatamos. São elas: “a diminuição ou perda do medo da morte” e “a dimensão espiritual mais ampliada e mais desenvolvida”.

Reportemo-nos novamente a Edite, por nos ter declarado, através da sua

*1 com a sensação plena de que há um sentido maior para a existência.

*2 Sendo elas: a descoberta da importância fundamental do amor e uma maior valorização da vida, sensação de interconexão com o universo, interesse maior e mais profundo pelo conhecimento, sensação de responsabilidade interior, um profundo sentido de “urgência”, a dimensão espiritual mais ampliada e mais desenvolvida, a síndrome da reentrada e, aquela que consideramos a mais pertinente para o nosso trabalho: a diminuição ou perda do medo da morte (completar com Leloup e outros autores e fechar)

entrevista, que perdeu completamente o medo da morte, simplesmente porque “morte não existe”, diz-nos ela que viveu uma EQM no momento da cirurgia de cesárea de uma de suas filhas. E enquanto a equipe médica envidava todos os esforços para trazê-la de volta, ela se percebia “saindo daquele ambiente, passando pelo teto e indo para a atmosfera terrestre”. Edite refere que sentiu “como se fossem duas mãos... bem leves... que me seguravam e bem delicadamente me puxavam para cima [...] e aquela força, aquele poder foi me transportando para um lugar que eu não sabia onde era” e ao ir sendo transportada, foi sendo invadida por uma felicidade que não era deste mundo... era tão grande, tão grande aquela sensação de felicidade” que ela sentiu como se seu corpo não fosse agüentar. Então ela nos conta que acha que chegou no seu limite, e então relaxou. Foi quando ouviu uma voz que lhe dizia: “Edite, isto é a morte” e ela percebeu, imediatamente, que estava viva, bem viva. Apenas vivenciava uma “experiência de morte”. Quando Edite compreendeu que ela estava bem e que aquilo era apenas uma experiência de morte, pensou:

Meu Deus, como eu era boba! Eu tinha tanto medo da morte! E morte é vida! Foi a grande descoberta! Morte é vida, numa dimensão que eu nunca poderia imaginar... Morte é apenas passagem, é como se eu estivesse em um quarto e passasse para outro quarto e aí eu dizia, meu Deus, a morte não existe. E comecei a louvar a Deus por aquela revelação maravilhosa [...] que jamais imaginara. (Entrevista Edite)

Edite hoje é uma pessoa completamente sem medo da morte e capaz de se confrontar com ela com a maior tranquilidade, visto que depois desta experiência, já perdeu uma filha, e tempos depois o seu esposo. Vive hoje com muita tranquilidade e relata que sente apenas uma saudade suave. Sua relação com o divino é vivenciada de um modo simples e profundo:

Hoje como adulta e idosa eu tenho um grande amigo ao meu lado com o qual converso várias vezes ao dia [...] Para ser sincera, não considero essencial frequentar nenhum templo religioso, pois Jesus está comigo, sinto realmente a presença d’Ele... é como se Ele estivesse aqui, como qualquer um de nós, a diferença é a intimidade

e a confiança que sinto nesta relação com Ele, que é de muito tempo, desde menina. (Entrevista Edite)

Não foi apenas Edite que referiu ter perdido o medo da morte, a partir de suas próprias vicências “especiais”. Também Rebeca sentiu as suas experiências “incomuns” ou extrasensoriais como fazendo parte do seu cotidiano. Porém refere que sente uma certa ansiedade por essas experiências não se enquadrarem bem no seu contexto de vida, tanto é que buscou seu pároco para receber alguma orientação, no que não foi correspondida.

6 REVISITANDO AS ENTREVISTAS – UM OLHAR METODOLÓGICO

Neste capítulo iremos apresentar a análise do material obtido a partir das entrevistas desta pesquisa.

6.1 CASO LISETE

Nome: Lisete*

Sexo: Feminino

Idade: 75 anos

Nível de Instrução: Fundamental

Atividade Profissional: Do Lar

Estado civil: Separada

Religião: Católica praticante

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Algo natural

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa.

*² Ao longo deste trabalho as falas dos entrevistados foram delimitadas em unidades de significado e analisadas; para facilitar este processo, identificamos os trechos das falas com o número correspondente à divisão que foi feita no primeiro momento deste processo de análise. Neste caso específico (F. 6) corresponde a fala número 06 quando analisamos a entrevista. Esta leitura deverá ser considerada ao longo das outras entrevistas.

➤ [...] O que é que eu acho da morte? Eu antigamente sentia uma coisa muito ruim, mas agora eu não tenho... estou disposta a morrer a qualquer momento... não fico constrangida de falar de morte... acho uma coisa muito normal [...] (F.6²)

Transferência de endereço

- [...] acho que é uma transferência... a gente... não vai ficar morando aqui toda vida [...] (F.6)
- É... de uma transferência de endereço. (F.8)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Impotência / Submissão / Dependência

- [...] não estou sabendo... quem sabe é Deus, a gente depende dele em tudo (...) (F. 19)
- Possivelmente, se a gente ficar pacientemente, com humildade recebendo o sofrimento que nos vai ser reservado, aí agente poderá um dia chegar a ter o direito de estar ao lado de Deus e de Jesus... e de todos os santos... mas não é todo mundo... precisa receber o sofrimento com conformação e sem revolta, senão nunca vai chegar lá... (F. 25)
- [...] Sim, eu mesma não sei o que vou receber como sofrimento... (F. 27)
- [...] eu não sei direito, mas sei que lá, vou encontrar ainda muito sofrimento porque se a gente é pecador, de acordo com o pecado, a gente recebe mais ou menos sofrimento (tosse nervosa, por alguns instantes... chorando, nariz escorrendo... lágrimas descendo) e tudo é de acordo com a vontade de Deus... que eu não sei qual é... (F. 29)

Desamparo

➤ [...] É um local onde a gente vai sofrer... talvez de solidão... não sei... (aumentou o choro... aquele choro que parecia vir do mais íntimo dela mesma. Pareceu para mim o choro de alguém que está condenado à morte e que não tem como escapar... uma enorme desproteção)... (F. 39)

Medo/Pavor

➤ [...] Estou tremendo de tanto chorar porque tenho receio de ser, por conta das minhas faltas, impedida de me encontrar com os meus pais ou de nunca poder ver os meus filhos e netos aqui na terra. Isso me causa tanto sofrimento que eu nem sei como vou suportar... Só Deus mesmo, com sua graça... pode tornar isso suportável... (e o choro aumentou). (F.55)

Culpa

➤ [...] Tenho a impressão que não vou sofrer as penas, o castigo do inferno... mas não tenho certeza não... mas, acho que vou ter que passar por muito sofrimento para minha própria purificação [...] (F. 51)

➤ [...] talvez tenha outro tipo de castigo, de sofrimento para pessoas que pecam, mas não sejam totalmente ruins. Tenho a impressão que eu teria um castigo diferente, de solidão talvez... ou talvez de desejar falar com as pessoas que eu amo e não poder (a essas alturas D. Lisete cai em prantos, e sua fisionomia reflete uma tristeza imensa, as lágrimas rolam pela face e o nariz escorrendo... limpa-se... curva-se e desobstrui o nariz na barra de sua própria saia). (F. 53)

➤ [...] É que eu não me acho merecedora de ir, quando morrer, direto para junto de Deus... eu não tenho pecados graves de atos... não sei se você estudou isso, mas a igreja ensina que se peca por pensamentos, palavras, atitudes e omissão... e é justamente a omissão que eu considero que talvez seja a minha maior falta para com Deus [...] (F. 59)

➤ Não... não sinto medo não... eu acho até que é uma graça que Deus está me dando, eu não sentir medo da morte... a não ser que ela venha com muito sofrimento (e começou novamente a chorar copiosamente). (F. 73)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

Aceitação dos três elementos da escatologia cristã-católica, mas incerteza e conflito em relação aos elementos constituintes dessas dimensões e a dinâmica subjacente ao processo de purificação

Céu

- Eu acredito que todos nós vamos continuar vivendo lá sem sofrimento [...] (F. 14)
- Eu tenho idéia que a gente chegando lá, vai ser muito bem recebido e encaminhado... (F. 21)
- [...] eu acredito que a gente não tem privilégio de chegar logo diante de Deus não... acho que a gente vai talvez ser recebido por anjos que vão nos orientar e... e... depois passar para outra fase melhor... outra fase melhor... depois para outra fase melhor... até talvez pode ter direito a ficar se comunicando diretamente com Deus... com Jesus Cristo... (F. 23)

Purgatório

- [...] mas, eu também tenho a impressão de que a gente vai, também, ter uma fase de sofrimento... (F. 14)
- A gente não tem idéia, ninguém sabe por quanto tempo é e não tem idéia se o sofrimento é pouco ou se é por muito tempo... ou se é de horas apenas... ou se vai ser de horas de sofrimento e horas de coisas boas... não estou sabendo... quem sabe é Deus, a gente depende dele em tudo... mas estou achando que para quem é pecador, conforme os seus pecados... a gente tem que sofrer um período... mas tem alívios, e também, quem sabe sofrer nesta vida, lá vai saber sofrer também e quem não saber sofrer nessa vida... poderá até ter a sua situação piorada... (F. 19)

- Possivelmente, se a gente ficar pacientemente, com humildade recebendo o sofrimento que nos vai ser reservado, aí agente poderá um dia chegar a ter o direito de estar ao lado de Deus e de Jesus... e de todos os santos... mas não é todo mundo... precisa receber o sofrimento com conformação e sem revolta, senão nunca vai chegar lá... (F. 25)
- É um local onde a gente vai sofrer... talvez de solidão... não sei... (F. 39)
- Não sei não... eu não acredito muito que lá haja o fogo, fogo mesmo, como a igreja admitia e ensinava... mas se houver fogo do inferno mesmo... se existir é para as pessoas se purificarem... (F. 41)
- Por isso eu acho que vou sofrer um bocado do lado de lá, para minha purificação... (F. 71)
- É... (com voz sumida) acho que Ele vai me fazer passar por algum tipo de sofrimento... Mas vai depender muito de mim o tempo que eu vou passar sofrendo...
- Se eu receber tudo com calma sem me revoltar, eu posso até ter a graça de me livrar logo... (F. 75)

Inferno

- [...] mas se houver fogo do inferno mesmo... se existir é para as pessoas se purificarem... (F.41)
- É... eu acho que há possibilidade de existir um inferno com fogo concretamente... mas, pode ser que nem haja este inferno, daqueles que ensinaram a gente, ou quem sabe, seria um inferno diferente? Porque inferno mesmo, dizem que é eterno... (F.43)
- Talvez só dure o tempo da gente reconhecer as falhas e pedir “Jesus... lembra-te de mim... lembra-te que eu estou sofrendo... misericórdia Senhor”... Quem sabe se esse fogo é realmente eterno? Duraria só até a pessoa implorar por Jesus... Quem sabe? (F. 45)

- [...] pelo que aprendi não se pode escapar do fogo do inferno não... Talvez o inferno seja para aquelas pessoas realmente más, perversas, que sentem prazer em fazer o mal e que até renegam ajuda de Deus ou dos anjos [...] (F. 47)
- [...]O bom mesmo é se a gente morresse e fosse diretinho para Jesus, mas isso não é tão fácil assim [...] (F.75)
- Às vezes penso que “do lado de lá”, mesmo antes de termos o direito de estarmos ao lado de Deus, já vamos nos deparar com uma natureza maravilhosa... Parecida com as que temos aqui, mas muitíssimo mais bonita: jardins... flores... Campinas... coisas lindas! Quem não admira a natureza? (F.79)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Um Ser Misericordioso

- Acho que Deus é misericordioso... (F. 71)

Um Ser muito exigente

- [...] mas Ele é muito exigente também, minha filha! Ele quer que a gente ponha ele em primeiro lugar em tudo! [...] (F. 71)

Um Ser que pune

- [...] É um local onde a gente vai sofrer... talvez de solidão [...] (F. 39)
- [...] talvez tenha outro tipo de castigo, de sofrimento para pessoas que pecam, mas não sejam totalmente ruins. Tenho a impressão que eu teria um castigo diferente, de solidão talvez... ou talvez de desejar falar com as pessoas que eu amo e não poder (a essas alturas D. Lisete cai em prantos, e sua fisionomia reflete uma tristeza imensa, as lágrimas rolam pela face e o nariz escorrendo... limpa-se... curva-se e desobstrui o nariz na barra de sua própria saia). (F.53)

- Estou tremendo de tanto chorar porque tenho receio de ser, por conta das minhas faltas, impedida de me encontrar com os meus pais ou de nunca poder ver os meus filhos e netos aqui na terra. Isso me causa tanto sofrimento que eu nem sei como vou suportar... Só Deus mesmo, com sua graça... pode tornar isso suportável... (e o choro aumentou). (F. 55)
- É que eu não me acho merecedora de ir, quando morrer, direto para junto de Deus... eu não tenho pecados graves de atos... não sei se você estudou isso, mas a igreja ensina que se peca por pensamentos, palavras, atitudes e omissão... e é justamente a omissão que eu considero que talvez seja a minha maior falta para com Deus e por isso serei castigada mas, acho que é para minha purificação. (F. 59)
- Por não fazer nada por ninguém... muito pouco... muito pouco... e isso vai ser cobrado. Não sei se você já viu uma passagem da bíblia que Jesus na hora do julgamento vai perguntar quem deu de comer aos famintos, água aos que estavam com sede... quem deu uma túnica a quem estava com frio, não é isso? E eu não faço quase nada por ninguém, por exemplo, para não ter que ficar pedindo dinheiro aos meus filhos, guardo um pouco do minguado dinheirinho que ganho... Mas sei que deveria distribuí-lo com os necessitados aí fora e que são muitos! (F. 61)
- Serei castigada por não fazer caridade e também por outras coisas... coisas de menina... de moça... (F. 67)
- Acho que Deus é misericordioso, mas Ele é muito exigente também, minha filha! Ele quer que agente ponha Ele em primeiro lugar em tudo! Por isso eu acho que vou sofrer um bocado do lado de lá, para minha purificação... (F. 71)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

- Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item.

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da Crise

- Puramente católica

Fator desencadeador da crise

- Consciência da proximidade do fim de sua vida terrena.

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Dúvidas em relação a escatologia: Interesse de compreender e dificuldade em discriminar purgatório e inferno

- [...] Sim, eu mesma não sei o que vou receber como sofrimento... (F. 27)
- [...] e acho que não terei direito de ir diretamente para Deus, talvez... seja recebida por anjos... não sei. (F. 37)
- Não sei não... eu não acredito muito que lá (no purgatório) haja o fogo, fogo mesmo, como a igreja admitia e ensinava... mas se houver fogo do inferno mesmo... se existir é para as pessoas se purificarem... (F. 41)
- [...] eu acho que vou sofrer um bocado do lado de lá, para minha purificação... (F. 71)
- É... eu acho que há possibilidade de existir um inferno com fogo concretamente... mas, pode ser que nem haja este inferno, daqueles que ensinaram a gente, ou quem sabe, seria um inferno diferente? Porque inferno mesmo, dizem que é eterno... (F.43)
- Talvez só dure o tempo da gente reconhecer as falhas e pedir “Jesus... lembra-te de mim... lembra-te que eu estou sofrendo... misericórdia Senhor”... Quem sabe se esse fogo é realmente eterno? Duraria só até a pessoa implorar por Jesus... Quem sabe? (F. 45)
- [...] pelo que aprendi não se pode escapar do fogo do inferno não... Talvez o inferno seja para aquelas pessoas realmente más, perversas, que sentem prazer em fazer o mal e que até renegam ajuda de Deus ou dos anjos [...] (F. 47)

Reafirma a sua identidade católica:

➤ [...] É... eu já lhe disse que procuro ser o mais fiel possível a minha religião católica... (F. 37)

A partir do depoimento de uma filha:

D. Lisete vem cada vez mais reafirmando sua identidade católica, não só verbalmente, mas a partir de uma prática efetiva, onde as orações tomam uma dimensão quase totalizante em sua vida, modificando também alguns dos seus hábitos em busca de uma coerência maior entre seus valores religiosos e sua prática no cotidiano (ver em “observação” após a última fala desta entrevista)

Síntese Interpretativa

Lisete, ao aprofundar seu depoimento sobre a morte, vivencia uma forte e visível emoção de sofrimento, seu corpo falava bem mais do que as palavras. Certamente se trata de uma vivência perpassada por sentimentos de tristeza, muita dor, solidão e desamparo, gerados sobretudo pelo medo do que ela imagina viverá no purgatório.

Lisete não se percebe merecedora de, após a sua morte, ter um lugar junto a Deus, ela não imagina ter direito de desfrutar da paz e bem aventurança idealizada. Ela imagina que será julgada e punida por suas falhas, que poderá sofrer o castigo de intensa solidão, como por exemplo, desejar se comunicar com aqueles que ama e talvez não lhe ser permitido. Assim seria o seu “purgatório”: um sofrimento intenso e purificador por estar apartada de Deus, como também das pessoas que ama, até um dia, quando sofrer tudo que lhe foi imposto, com muita resignação, poderá enfim alcançar níveis superiores, onde lhe seria concedido o direito de conviver com os outros entes amados e, principalmente, ficar cada vez mais próxima da presença de Deus. Dos pecados que ela tem consciência, o mais agudo é o da omissão. É este o

que ela supõe mais ter cometido na sua vida: não ter a disposição de renunciar ao conforto do seu lar para fazer visitas e ajudar aos mais necessitados. Quando ela se referiu ao sofrimento que certamente vai “purgar” na “outra dimensão”, sua voz e seu semblante denotaram uma tristeza tão profunda e uma dor tão pungente, que só há uma palavra que supomos representar todo sofrimento que percebemos nessa vivência: desamparo.

De acordo com informações de sua filha, confirmadas por Lisete, num encontro casual, ela vem modificando seu comportamento, no sentido de reafirmar mais claramente sua identidade católica. Agora ela praticamente só assiste “Canção Nova” (canal de televisão católico), lê livros católicos e religião tornou-se o conteúdo principal de suas conversas.

O que parece sugerir que falar sobre os sentimentos em relação ao pós-morte, reavivou nela muitos dos seus medos, o que pode, como mecanismo de defesa, estar mobilizando recursos “internos” que a estimulam a usar estratégias de enfrentamento, ou seja, tomando atitudes mais próximas do que ela imagina ser a vontade de Deus. Ela garante, já no presente, uma certa tranqüilidade e paz de espírito (de consciência), como também depois da morte um lugar mais próximo a Deus.

Quadro 1 – Entrevista Lisete

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Algo natural; • Transferência de endereço; • Certeza que viverá grande sofrimento; • Incerteza ao tipo de sofrimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Impotência • Submissão • Dependência • Desamparo • Medo / Pavor • Culpa 	<ul style="list-style-type: none"> • Certeza dos elementos da escatologia (purgatório, céu e inferno) • Incerteza e conflito em relação aos elementos constituintes e a dinâmica dessas dimensões.
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Um Ser Misericordioso • Um Ser muito exigente • Um Ser que pune 	<ul style="list-style-type: none"> • Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item. 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Católica praticante <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Consciência de sua própria finitude <p><u>Transformações durante ou após a crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Dúvidas em relação a escatologia: interesse de compreender e dificuldade em discriminar • Reafirma a sua identidade católica, tornando-se mais fervorosa e seletiva.

6.2 CASO ALCIDES

Nome: Alcides*

Sexo: Masculino

Idade: 88 anos

Nível de Instrução: Primário incompleto

Atividade Profissional: Aposentado

Estado Civil: Casado

Religião: Católica

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Algo terrível a ser enfrentado

➤ A pior vida do mundo é melhor do que morrer [...] (F. 16)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Impotência / Dependência

➤ Morte... é uma coisa que nunca agente vai saber quando é o dia, não é? Quando é a hora... *Só Deus sabe a hora dele mandar buscar agente só ele e mais ninguém...* Às vezes fico assim... Assim pensando: pode ser hoje... a Deus sempre mais vida! “*A pior vida do mundo é melhor do que morrer*” (repetiu três vezes em tom enfático) [...]

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

/ [...] Deus vem para levar agente ai eu tenho que ir mesmo, mas lhe digo, *só vou à pulso, só vou amarrado, porque é o jeito mesmo* [...] (F. 16/38)

Tristeza

➤ [...] ninguém se encontra com pai, mãe, com filho, não há essas amizades os filhos não abraçam os pais não [...] / Do lado de lá, eu não vou encontrar com meus filhos nem com minha mãe [...] (F.22/24)

Pavor

➤ [...] Deus vem para levar agente ai eu tenho que ir mesmo, mas lhe digo, *só vou à pulso, só vou amarrado, porque é o jeito mesmo* [...] (F. 38)

Culpa

➤ [...] Eu penso que posso ter algum castigo porque eu fui muito farrista... mulherengo... nunca matei ninguém, nunca fiz mal mas já enganei muitas moças, já fiz muita moça chorar [...] (F.36)

➤ [...] fico triste, pensativo mas quando a gente é moço, a gente nunca pensa nas conseqüências... a gente faz tanta besteira [...] (F.40)

Profunda solidão

➤ [...] É... parece que do lado de lá, ninguém se encontra com ninguém... ninguém se encontra com pai, mãe, com filho, não há essas amizades os filhos não abraçam os pais não [...] / Do lado de lá, eu não vou encontrar com meus filhos nem com minha mãe [...] é tudo bem diferente... nem vai se reconhecer... (F.22/24)

➤ [...] eu sei que vou sofrer algum castigo [...] (F. 40)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

Perspectiva de ausência de relações afetivas - vivência de solidão –

- Lá ninguém se encontra com ninguém... ninguém se encontra com pai, mãe, com filho, não há essas amizade os filhos não abraçam os pais não... Eles dizem que não se encontram não ... (F. 22)
- Não vou encontrar com meus filhos nem com minha mãe... porque hoje sou homem mas com a reencarnação posso nascer feminino... pode ser tudo trocado, ai no mundo espiritual tudo é diferente agente já renasce diferente... e por isso não dá para se encontrar... é tudo bem diferente... nem vai se reconhecer... (F. 24)
- Mas o mundo espiritual é assim pai não se encontra com filho com filha... mas nunca vai ser igual, espírito agente não vê, não ouve a voz, ninguém vê... veja que Jesus apareceu aos apóstolos invisível e Tomé nem acreditou... (F.28).

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Deus como detentor do poder e dos mistérios da existência

- Só Deus sabe a hora dEle mandar buscar a gente, só Ele e mais ninguém [...] (F.2)
- [...] os segredos de Deus ninguém sabe [...] (F.20)
- É vontade de Deus né? São mistérios... ninguém sabe como é (...)(F.26)
- Deus vem para levar agente... se eu tenho que ir mesmo, eu lhe digo, só vou à pulso, só vou se for amarrado, porque é o jeito mesmo [...] (F.40)

Deus como Ser punidor

- [...] mas não acredito no inferno... Penso que vou ter algum castigo porque eu fui muito farrista... mulherengo... nunca matei ninguém, nunca fiz mal mas já enganei muitas moças, já fiz muita moça chorar... (F. 36)

- [...] vou prestar conta disso pois sei que deixei muitas moças chorando... Enganava elas... Posso... Por isso vou sofrer algum castigo, não é? (F. 40)
- Deus vem para levar agente ai eu tenho que ir mesmo, mas lhe digo, *só vou à pulso, só vou se for amarrado, porque é o jeito mesmo.* [...] Pelo meu gosto mesmo eu vivia 100, 200, 300, 600 anos... (F. 4)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Comunicação Após a Morte (CAM)

- Eu mesmo tenho os meus santos pretos, tem um terreiro que eu vou, gosto de lá e o espírito que eles “arriavam” lá dizia que a pior vida do mundo é melhor do que morrer e dizia outras coisas diferentes do que os padres dizem... a gente fica pensativo... mas só Deus é quem sabe a verdade... só Ele. (F.18)
- Eles (os espíritos) dizem que a gente não se encontra não... existe o mundo espiritual... tem a cidade da Jurema Sagrada e tem a cidade dos mortos... Mas lá não tem esses encontros com gente daqui e gente de lá não. Tudo fica esperando as ordens de Deus. (F. 22)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da Crise

- Católico (freqüenta também centros de umbanda)

Fator desencadeador da crise

- Consciência da proximidade do fim de sua vida terrena.

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Questiona a escatologia católica (não aceita o inferno eterno, como castigo)

➤ [...] Eu fico muitas vezes pensando e não posso acreditar que um pai ponha seu filho no inferno. Nenhum pai faria isso, porque o nosso Pai do Céu colocaria? Não acredito nessas coisas não. Nem acredito em diabo. Ninguém nunca viu o diabo, viu? [...] (F.34)

➤ [...] mas não acredito no inferno [...] (F.36)

Aceita a idéia de reencarnação

➤ [...] hoje sou homem, mas com a reencarnação posso nascer feminino... pode ser tudo trocado, ai no mundo espiritual tudo é diferente agente já renasce diferente [...] (F.24)

Freqüenta terreiro de umbanda

➤ [...] eu freqüento pouco o centro... mas é por conta das minhas pernas que não dão mais para andar de noite, mas às vezes eu vou ver o “toque”... gosto de ver o toque dos santos [...] (F.28)

Reafirma a sua identidade católica, apesar do evidente sincretismo religioso que caracteriza a sua prática cristã.

➤ [...] eu nasci e me criei na Católica, meus tios eram padres, são sacristãos, todos eram católicos e eu não saio da minha lei... sou católico... vou morrer católico... (F.28)

Síntese Interpretativa

Para o senhor Alcides, o sentido central de sua vida, é a afetividade que o liga as pessoas que o cercam; ele demonstra valorizar muitíssimo o carinho que dá e que

recebe dos seus familiares, bem como a atmosfera lúdica e afetiva que vivencia na convivência com seus animais (domésticos) de estimação.

Captávamos melhor seus sentimentos quando nos mantínhamos atentos a entonação de sua voz. Ele era um homem de poucas palavras, mas sua afetividade era intensa e facilmente perceptível. Sua entonação de voz quando falava que por ele “não iria nunca... só 600 anos” era uma demonstração evidente do seu gosto e amor pela vida, porém, sua voz cheia de ânimo, tornava-se triste quando ele expressava que “não sabemos a hora nem o dia da ‘nossa ida’... Tudo depende de Deus”. No nosso entendimento, essa última expressão revela mais que medo, expressa o pavor que ele sente diante do que a morte representa na sua vida.

De acordo com as suas fantasias em relação ao pós-morte, ele continuará vivo, mas com uma forma bem diferente, não consegue identificar como seria, mas segundo os terreiros religiosos que frequenta, supõe que perderá os aspectos físicos e afetivos que o caracterizam nesta vida e que determinam as relações que ele matem aqui na Terra. Mais profunda é sua tristeza, quando ele imagina que o processo de reencarnação o impedirá de reconhecer e ser reconhecido por suas pessoas queridas.

Alcides falou que vez enquanto fica a imaginar sobre sua vida como um todo e sente-se culpado, merecendo ser punido. A entonação de sua voz, em certas falas, denota uma tristeza mesclada de culpa e medo. Seus lábios e mãos trêmulas expressavam um profundo desamparo.

Com relação a identidade religiosa de Alcides, percebemos que apesar de frequentar terreiros de umbanda, ele reafirma enfaticamente sua identidade católica quando diz que “morrerei na minha lei”, o que caracteriza, no nosso entendimento, que ele vivencia um processo de sincretismo religioso.

Quadro 2 – Entrevista Alcides

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Algo terrível a ser enfrentado 	<ul style="list-style-type: none"> • Dependência • Impotência • Tristeza • Pavor • Culpa • Profunda solidão 	<ul style="list-style-type: none"> • Certeza que sofrerá punição • Medo da imensa solidão
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Detentor do poder e dos mistérios da existência • Ser que pune 	<ul style="list-style-type: none"> • CAM - Conversa com entidades espirituais nos terreiros provocam medo acerca do pós-morte. 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Puramente Católico <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Consciência da proximidade do fim de sua vida terrena <p><u>Transformações a partir da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Questiona a escatologia • Aceita a idéia de reencarnação • Frequenta terreiro de umbanda • Reafirma a sua identidade católica

6.3 CASO DOLORES

Nome: Dolores*

Sexo: Feminino

Idade: 59 anos

Nível de Instrução: Superior

Atividade Profissional: Do Lar

Estado Civil: Viúva

Religião: Católica

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Avalanche que provoca desmoronamento / terremoto / vento destruidor

- [...] eu sentia como se estivesse acontecendo mesmo uma avalanche... tudo desmoronando, caindo por cima de mim [...] (F.5)
- [...] eu me sentia como se um terremoto, ou um vento destruidor tivesse passado e deslocado tudo, quebrado tudo destruindo tudo [...] (F.19)
- [...] eu embaixo e tudo rolando e caindo em cima de mim... só ficando os cacos... e eu em meio aos escombros... olhando aqueles caquinhos e sabendo que teria que reconstruir tudo de novo, aproveitando aqueles mesmos cacos... que horror! Nem gosto de pensar... (F.3)

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

Cair num abismo / num poço onde tudo é escuridão

- [...] caí num buraco... num poço escuro, via como se suspensa só por um fio... (F.5)
- [...] eu acho que caí mesmo fui para fundo do poço e estava sem saber como sair dali eu só pedia ajuda a Jesus... (F. 7)

Ruptura Solidão Profunda

- Morte é isso, é ruptura, é solidão braba! [...] (F.27)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Desamparo

- [...] senti como se tivesse sem chão... quase caindo em um buraco, um poço onde tudo era escuridão [...] (F. 1)
- [...] às vezes punha as mãos na cabeça me protegendo... (F. 5)
- [...] eu orava desesperadamente pedindo amparo e proteção... andava com um livrinho de orações no bolso de um casaco que e não o largava nunca, pois sentia muito frio... (F.7)

Pavor

- [...] foi aí que eu vi o quanto não sou nada e o pavor tomou conta de mim [...] (F.11)

Solidão

- É... solidão total, sabe? [...] (F.27)

Sensação de ter sido traída pela vida e por Deus

➤ Senti-me traída... sabe traída? Enganada, iludida [...] / [...] “traída pela vida?” foi o que eu pensei logo... depois chegou como se eu me sentisse traída por Deus [...] (F.23/43)

Desvalorização pessoal

➤ Viúvas não têm valor [...] / [...] as viúvas perdem status, perdem o valor... muda tudo! (F.27/29)

Profunda Raiva

➤ Estou sentindo uma sensação de raiva, raiva mortal que me deixa explodindo [...] (F.37)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

➤ Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item.

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Protetor

➤ [...] graças a Deus, acho que foi Ele que me deu forças [...] / [...] foi Deus quem me deu a força necessária para eu sobreviver aquilo tudo [...] (F.7/43)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

➤ Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item.

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da Crise

- Católica (religiosidade herdada)

Fator desencadeador da crise

- Morte do esposo

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

- Católica extremamente fervorosa

Identidade religiosa em crise (dificuldade de confronto com os seus sentimentos e contradições)

- [...] como se eu me sentisse traída por Deus... mas isso é inconcebível... não dá nem pra se pensar [...] (F.43)

Síntese interpretativa

Dolores, no momento da entrevista, vivia um quase completo desamparo, revivendo uma sensação de que tudo “poderia (novamente) desmoronar em sua vida”. Foi este um dos sentimentos vividos há 5 anos como consequência da perda do seu esposo que faleceu quase subitamente.

Dolores, naquela ocasião ora sentia “como se sua vida estivesse por um fio”, ora vivenciava a sensação clara de que estava “soterrada em meio aos escombros”,

após um trágico desmoronamento que destruiu a sua vida, e também os seus belos planos.

A sua fragilidade era imensa e repercutia em todos os quadrantes da sua vida pessoal, inclusive interferindo na sua religiosidade. Ela, que até então, vivia de uma forma bem “distanciada”, passou a colocar Deus como o centro de sua vida: “orava desesperadamente pedindo amparo e proteção”

Ainda quando vivia agudamente a sua crise, Dolores se sentia como que em meio a um “furação”, um vento forte devastador. Dolores reconfigurou sua identidade religiosa ao eleger Deus como o seu único protetor, passando todos o seu tempo a “implorar a Deus, forças”, como um autômato, tamanho o seu desamparo, tão pungente que a levou a ver Jesus como tábua de salvação, tanto é que “só andava com o livrinho de orações no bolso de um casaco que não largava nunca, pois sentia muito frio... pois aquele livrinho de salmos, eu engolia o que nele estava escrito, como se engole tranquilizantes”.

Não podemos deixar de perceber Dolores no seu contexto socioeconômico, bem como o seu estilo de viver à moda antiga com muitas das limitações de uma mulher profundamente enraizada nos valores de uma época onde a mulher dependia emocional e economicamente do esposo. Assim vivia Dolores, amedrontada, baixa auto-estima, dependendo quase que completamente do marido, até para se afirmar profissionalmente. Daí a doença grave e a condição terminal do seu esposo, ter significado para ela, uma verdadeira “avalanche”, um “vento destruidor” que destruiu os seus planos, inclusive os profissionais (Dolores estava concluindo o curso de Direito, depois de décadas na condição de apenas “mulher do lar”, e seu sonho dourado era exercer a nova condição de profissional ao lado de seu esposo advogado aposentado, num lindo escritório, recém-decorado pelo próprio casal. Por isso pode-se compreender o seu extremo desamparo, bem como o sentimento de ter sido traída pela vida e por Deus.

Quadro 3 – Entrevista Dolores

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Avalanche • Desmoronamento • Terremoto • Vento destruidor • Cair num abismo / num poço onde tudo é escuridão • Ruptura • Solidão Profunda 	<ul style="list-style-type: none"> • Desamparo • Pavor • Solidão • Sensação de ter sido traída pela vida e por Deus • Desvalorização pessoal • Profunda Raiva 	<ul style="list-style-type: none"> • Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item.
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Ser Protetor 	<ul style="list-style-type: none"> • Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item. 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Catolicismo “herdado” <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Doença e morte do esposo <p><u>Transformações a partir da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Católica extremamente fervorosa • Identidade religiosa em crise (dificuldade de confronto com seus sentimentos de decepção e raiva em relação a Deus)

6.4 CASO LUZIA

Nome: Luzia *

Sexo: Feminino

Idade: 60 anos

Nível de Instrução: Médio Completo

Atividade profissional: Função de confiança em uma empresa privada

Estado Civil: Viúva

Religião: Católica

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Situação de profunda dor

➤ Eu acho que foi maior dor que se pode passar na vida, Vania! Você ver seu filho morto, ainda estirado no chão, numa poça de sangue praticamente na porta de casa e morto sem motivo! (F.12)

Vivência de profunda união, “presença” e felicidade

➤ [...] O Natal chegava e nós estávamos muito assustados: como seria nosso Natal? Sem meu esposo? Sem meu filho? Como será a entrada de um Ano Novo, quando naquele anos tínhamos sofrido tantas perdas? E viver aquele Natal tão desejado por nós e idealizado pelo meu amado marido... na nova casa? Como seria? Como

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

receber os inúmeros amigos, gente tão boa conosco? Como não recebê-los? Decidimos orar, rezar em conjunto e pedir força [...] (F.34)

➤ E como por encanto, uma atmosfera de amor se estabeleceu e o nosso Natal transcorreu num clima de calma e solidariedade... mais que isto, não se escandalize Vania, o nosso Natal foi um Natal alegre! Feliz! Parece mentira! Acredite por favor! [...] (F.34)

➤ Não sentimos saudade não. Eu e as minhas filhas (depois perguntei a elas) e ficou claro que o que sentimos foi o tempo inteiro a presença deles ali conosco. Acho que por isto nós não sentimos saudade alguma! Nós nunca nos sentimos tão aconchegados e alegres como naquele Natal. Nós sentíamos que eles, o meu marido e meu filho, estavam ali, e sentíamos também que as bênçãos divinas caíam abundantemente sobre nós. Vania! Foi comentado por muitos dos que foram a nossa casa naquela noite que aquele foi um lindo, um inesquecível Natal! (F.36)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Profunda dor

➤ Eu acho que foi maior dor que se pode passar na vida, Vania! Você ver seu filho morto, ainda estirado no chão, numa poça de sangue praticamente na porta de casa e morto sem motivo! (F.12)

➤ [...] que dor horrível ver um filho morto, no chão coberto por um lençol... (F.16)

➤ [...] foram longos dias de intensa dor [...] (F.16)

➤ [...] Eu chorei aquele choro alto com aquela dor que sai do peito parecendo que nos apunhalaram com uma faca cortante [...] (F.28)

➤ [...] Gritei pelo vizinho e levamos, mas já no caminho ele (meu marido) faleceu nos meus braços. Nada mais havia a ser feito. Fiquei tonta... o meu amado ali nos meus braços inerte... o que dizer para as meninas? Como voltar para casa sem meu marido? Como ficar naquela nova casa sem meu filho, sem meu marido? A gente fica tonta, a gente pensa que não vai agüentar mas “Aquele lá de Cima” dá a força

necessária, o amparo, a calma para seguirmos em frente. E o Pai do Céu abre os caminhos quando a gente pede, implora ajuda. E eu implorei. (F. 34)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

As questões escatológicas não são alvo de reflexão.

➤ Olhe, essas questões de “inferno” e “purgatório”, nós, aqui em casa e também lá na igreja, quase não falamos... acho que não falamos mesmo. Nós, do movimento “renovação carismática”, nos preocupamos em, talvez semelhantemente aos primeiros cristãos, estar junto ao próximo do modo mais completo, verdadeiro e amoroso possível, amparando, orientando, orando com aquele que está necessitado de ajuda... é cuidar amorosamente, daqueles que estão precisando, incluindo os aspectos materiais e de ordem prática do dia-a-dia... o ponto de referência da nossa vida é Cristo, entendeu? (F. 44)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Ser misericordioso e protetor

➤ Não é brincadeira não... a gente perder em 6 meses, um filho maravilhoso, amoroso, de apenas 18 anos e 6 meses e depois um marido que era um verdadeiro amigo, um companheiro de todas as horas... Não é moleza não! Pense! Só Deus para segurar na nossa mão e nos dá força! A força e a fé em Deus, Vania, é fruto da graça e misericórdia “d’Aquele lá de cima”. (F.10)

➤ [...] Dizem que eu levantei as mãos para o alto e disse gritando “meu Deus, meu Jesus, minha boa Mãe Maria, eu que tenho ajudado a tantos, sei que chegou a minha hora... agora preciso de vós! Não me abandonem. Eu sei que estou prestes a ver o que nunca queria ver! Ajuda-me ó Deus, meu Jesus, minha mãe... segurem na minha mão e me levem! Preciso de forças” [...] (F.16)

➤ [...] interessante é que, como ele era muito querido no bairro e entre os jovens, [...] eu me deparava com as pessoas se desesperando... uns desmaiavam... uns gritavam... aquele chororô... e eu a mãe, a mais dolorida, me via consolando um,

abraçando outro... Eu chorava, claro! Mas, com uma força que eu acho que não era só á minha, entende? Ali eu estava amparada, tenho certeza, por Jesus, por Nossa Senhora, por Anjos e ai eu podia amparar e cuidar do meu marido tão arrasado, tão desesperado e das meninas [...] (F.16)

➤ [...] Claro que chorei. E quanto! Por horas à fio... Mas, sempre me sentia conduzida, amparada, entende? Era uma sensação muito forte! (F.26)

➤ [...] acho que esta foi a única vez que quase me entreguei ao desespero, mas a misericórdia divina cobre todos os sofrimentos, suaviza, acalma, fortalece. Daí a importância da oração [...] (F.28)

➤ [...] Como voltar para casa sem meu marido? Como ficar naquela nova casa sem meu filho, sem meu marido? A gente fica tonta, a gente pensa que não vai agüentar mas “Aquele lá de Cima” dá a força necessária, o amparo, a calma para seguirmos em frente. E o Pai do Céu abre os caminhos quando a gente pede, implora ajuda. E eu implorei. (F. 34)

Ser detentor do poder e dos mistérios da existência

➤ [...] eu chorei por horas e também lembro que perguntava: “Ó Deus por que? Por que eu tive que passar por isto? Por que você que diz nos amar tanto, nos permite tanto sofrimento? Por que logo o meu filho? Tão bom... tão amoroso... enquanto os assassinos ficaram.... por que meu filho se foi logo agora no início de um trabalho tão bonito que ele planejou com os teus jovens? Por que?” Lembro que ao ouvir as minhas próprias palavras, ajoelhei-me chorando e disse “Meus Deus, perdoa-me eu nada sei dos teus planos! Quem sou eu para compreender o sentido dessa nossa existência e de tantos sofrimentos? (F.28)

Ser de amor incondicional (presente em todos os momentos, inclusive nos momentos de celebração e alegria)

- [...] A gente fica tonta, a gente pensa que não vai agüentar mas “Aquele lá de Cima” dá a força necessária, o amparo, a calma para seguirmos em frente. E o Pai do Céu abre os caminhos quando a gente pede, implora ajuda. E eu implorei. (F. 34)
- [...] não se escandalize Vania, o nosso Natal foi um Natal alegre! Feliz! Parece mentira! Acredite por favor! [...] (F.34)
- [...] Nós nunca nos sentimos tão aconchegados e alegres como naquele Natal. Nós sentíamos que eles, o meu marido e meu filho, estavam ali, e sentíamos também que as bênçãos divinas caíam abundantemente sobre nós. Vania! Foi comentado por muitos dos que foram a nossa casa naquela noite que aquele foi um lindo, um inesquecível Natal! (F.36)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Forte sentimento de presença dos familiares falecidos

- [...] Nós nunca nos sentimos tão aconchegados e alegres como naquele Natal. Nós sentíamos que eles, o meu marido e meu filho, estavam ali, e sentíamos também que as bênçãos divinas caíam abundantemente sobre nós. Vania! Foi comentado por muitos dos que foram a nossa casa naquela noite que aquele foi um lindo, um inesquecível Natal! (F.36)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da Crise

- Católica praticante

Fator desencadeador da crise

- Falecimento do seu filho e do seu esposo

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

- Reafirma sua identidade religiosa como sendo católica, porém bem mais atuante e com uma fé e diálogo íntimo com Deus.

Síntese Interpretativa

Luzia passou por duas situações, talvez as mais difíceis que um ser humano possa sofrer em sua vida: a perda de um filho de 18 anos em condições trágicas e, logo em seguida, a perda do esposo muito amado. Circunstâncias como estas, muitas vezes, abalam a fé e a religiosidade das pessoas mais envolvidas afetivamente porém, no caso específico de Luzia deu-se o contrário.

Luzia, ao contrário da grande maioria daqueles que se denominam católicos, era uma pessoa que colocava a religião no centro de sua vida, inclusive sua prática religiosa refletia-se nas suas atitudes junto aos seus familiares. Seu filho, por exemplos, o que faleceu assassinado, na época do ocorrido segundo conversa informal com a entrevistada, estava desenvolvendo um trabalho junto aos jovens de sua paróquia, e nas missas dominicais, ele e seu grupo, participavam das celebrações espargindo alegria e encontro com belas músicas, que era cantadas por todos.

Ela, inclusive, diz ter consciência que o seu modo vivencial de expressar sua religiosidade, foi e continua sendo, um fator decisivo de aumentar a cada dia a sua fé e confiança em Deus. Além do mais ela, há muitos anos, conta com o apoio de um grupo da igreja onde freqüenta, um grupo que se preocupa essencialmente vivenciar na prática a solidariedade, o amor e a partilha. Foi deste referido movimento, mas

também suas três filhas, receberam na época da crise, todo apoio, quer de ordem material como emocional e espiritual.

Para Luzia, esse apoio espiritual, foi o grande diferencial, que a ajudou a suportar todas as dificuldades nos seus momentos mais difíceis. Este funciona essencialmente com vibrações amorosas através da oração e segundo Luzia, não só ela, mas também suas filhas, se sentiam fortalecidas e completamente confiantes e seguros no seu dia-a-dia.

Luzia, que já era uma pessoa de fé, declarou que a sua experiência de dor pelas perdas a amadureceu muito mais como pessoa, nas suas relações, e como pessoa comprometida com sua fé. Ela, que naquela época, era apenas uma participante comum do movimento de “renovação carismática” de sua paróquia, hoje tem uma função de muita importância na região metropolitana do Recife, cargo este que não recebeu por desejar-lo conscientemente, mas pelas incontáveis palestras das quais participou com objetivo de ajudar, com seu depoimentos, as pessoas que estão num momento de extremo sofrimento, e ela declarou também que a intensidade da fé e o amor a Deus é algo que pode se elevar e amadurecer a partir de uma prática consciente e de um contato constante, profundo e íntimo com o Criador.

As questões que não ficaram claras para mim, como pesquisadora, são as relacionadas a escatologia cristã católica, que é um tema não claro para própria entrevistanda. Dá-nos a impressão que Luzia reconfigurou sua identidade religiosa em muitos aspectos, deixando porém, o que é natural, pontos intocados. Pontos inclusive que, no meu entender tem íntima ligação com os seus posicionamentos acerca da imagem de Deus e do imaginário sobre o pós-morte. tanto é que ela demonstrou de um modo verbal e não verbal o impacto que lhe causou descobrir que não conseguia identificar com clareza as diferenças e “funções” do inferno e do purgatório, aspectos básicos da doutrina católica, mas para os quais ela não encontrava respostas, simplesmente por nunca ter refletido a respeito. O que nos faz supor que a religiosidade de Luzia baseia-se preponderantemente em experiências emocionais, onde a atitude reflexiva não ter papel relevante.

Quadro 4 – Entrevista Luzia

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Situação de profunda dor; • Oportunidade de se vivenciar união e solidariedade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Profunda dor 	<ul style="list-style-type: none"> • As questões escatológicas não são alvo de reflexão
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Ser misericordioso e protetor; • Ser detentor do poder e dos mistérios da existência; • Ser de amor incondicional (presente em todos os momentos, inclusive nos momentos de celebração e alegria). 	<ul style="list-style-type: none"> • Forte sentimento de presença de Deus no cotidiano. • Forte sentimento de presença dos familiares falecidos. 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Católica praticante <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Falecimento do seu filho e do seu esposo <p><u>Transformações a partir da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Reafirma sua identidade religiosa • Fé mais profunda e íntima. • Fé compartilhada

6.5 CASO EDITE

Nome: Edite*

Sexo: Feminino

Idade: 67 anos

Nível de Instrução: Superior

Atividade Profissional: Pedagoga e Advogada

Estado Civil: Viúva

Religião: Católica

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Primeiro momento:

Morte: Algo Pavoroso

- [...] “mãe não me deixe morrer pelo amor de Deus, não me deixe morrer... tenho uma vida pela frente” (Relato da súplica de um tio, em seus últimos momentos da existência e que causou um forte impacto a Edite, nossa entrevistada) (F. 4)
 - Meu coração de menina sofreu um impacto e lá no meu íntimo eu pensei: como deve ser horrível morrer, que horror! (F. 4)
 - E o *pavor* tomou conta de mim... (F. 4)
-

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

Segundo Momento:

Portal de passagem para uma dimensão de felicidade plena

➤ [...] eu senti como se fossem duas mãos... bem leves... que me seguravam e bem delicadamente me puxavam para cima... percebi que sai para fora daquela sala pelo teto como se eu não fosse nada... e aí aquela força, aquele poder foi me transportando para um lugar que eu não sabia o que era... nem onde era... mas era muito escuro, sabe? *Mas ao mesmo tempo que eu ia sendo transportada eu fui sendo invalidada por uma felicidade que não era deste mundo... era tão grande, tão grande aquela sensação de felicidade que eu tive a impressão que meu corpo não ia agüentar... Pois assim era eu! A felicidade era tão grande que eu ia explodir... Aí pensei: “Meu Deus”! Como eu era boba! Eu tinha medo da morte! E morte é vida! Foi a grande descoberta! Morte é vida numa dimensão que eu nunca poderia imaginar... Morte é apenas passagem, é como se eu estivesse num quarto e passasse para um outro quarto. Entendeu?Aí eu dizia: “Meu Deus a morte não existe! A morte não existe”, aí eu começava a louvar a Deus por aquela maravilha que ninguém sabia (F.8)*

➤ [...] Eu me espantava... Era algo impressionante e maravilhoso o que se passava comigo... era como uma torrente, borbulhando e eu cantando, eu mesma não sabia que podia sentir aquilo tudo, que eu amava a Deus daquele jeito. Aí, cantar se tornou pouco e eu passei a dançar... e me via dançando, bailando, rodopiando... de felicidade porque a morte não existia, porque a morte não existia! Porque a morte era só uma passagem para uma vida melhor! E esse pavor que eu sentia e que todo mundo quase sente não tinha sentido eu bailava, parecia uma louca, tonta de tanta felicidade... (F. 8)

➤ [...] Quem não viveu a experiência que eu vivi não poderia entender... (F.8)

➤ [...] uma alegria tão imensa que se tornava quase insuportável. (F. 12)

➤ [...] senti também uma dor dilacerante, a maior que já senti em toda minha vida, quando percebi que não havia morrido e teria que voltar e me separar daquela felicidade indescritível, incomensurável... (F. 12)

Morte: possibilidade de amadurecimento espiritual

➤ [...] uma perda assim traz conseqüências inevitáveis e ele (meu marido) que era avesso às minhas idéias passou a aceitá-las melhor, a conversar comigo sobre alguns aspectos das minhas crenças e da maneira de eu encarar a morte e a vida além desta... A morte de nossa filha, tenho certeza, ajudou muito ao meu esposo, a amadurecer espiritualmente. Ajudou a todos nós. [...] (F.24)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Primeiro momento:

Pavor

➤ [...] quando eu era bem pequena, acho que com uns sete anos [...] recebi a visita de uma tia [...] e soube de um tio que havia morrido muito jovem, agarrando-se a minha avó paterna, berrando, implorando “mãe não me deixe morrer, pelo amor de Deus, não me deixe morrer... tenho uma vida pela frente” etc. quando aquela tia recém chegada descreveu aquela cena, passada há anos, [...] meu coração de menina sofreu um impacto e lá no meu íntimo eu pensei “como deve ser horrível morrer, que horror!” E o pavor tomou conta de mim... (F.4)

Angústia a partir dos conflitos por conta de crenças contraditórias

➤ [...] Muitas coisas foram ditas... mas você sabe que aquelas idéias me faziam muito mal?... Eu não me agradava de nada que ouvia. (F. 12)

➤ [...] eu ficava a pensar em tudo que me falavam mas dentro de mim... eu dizia: “Meu Jesus... preciso saber onde está a minha filha... quero saber isso de você, Jesus...” (F. 12)

Profunda tristeza

➤ [...] Naquela época em que perdi minha filha, eu chorava sem parar... havia dias que eu adormecia de tão cansada de chorar... passava quatro a seis horas chorando direto... eu não tinha vontade nem de me alimentar e achava muito ruim receber visitas [...] (F.12)

Profunda solidão

➤ [...] A experiência de quase morte... me provocou também muito sofrimento pois ninguém naquela época falava sobre esse tipo de experiência e eu me retrai muito para não ser alvo de muitas críticas... também perdi um pouco do entusiasmo de freqüentar a igreja e isso me desarrumou um pouco. (F. 6)

➤ [...] eu me sentia muito só... teria sido tão bom ter podido falar abertamente, sobre tudo de maravilhoso que vivi! Mas, nem podia em casa, nem na família, nem entre amigos e nem na igreja! Hoje, felizmente, parece que já há uma certa abertura (não sei se está acontecendo entre os padres... porque, ultimamente, tenho ido menos a igreja...) mas, felizmente, esses assuntos de “experiências extra-sensoriais”, e principalmente essas semelhantes a minha, já têm aparecido muito na mídia... (F.16)

Segundo momento:

Conforto

➤ [...] É confortante vermos que o que vivi, mesmo com alguns aspectos diferentes, já estão acontecendo com uma certa freqüência... Na mídia tenho visto entrevistas e debates sobre isso e sinto já um certo confortável... um pouco mais à vontade para falar com os meus filhos sobre isso. Antes não falava de forma alguma inclusive porque não tinha apoio de meu marido... (F. 16)

➤ [...] Eu me senti bem mais confortável... uma tranquilidade de fazer gosto! Pois a partir da certeza de que minha filha estava maravilhosamente bem, eu passei a receber melhor as pessoas e elas se admiravam com a minha transformação e com

a minha conformação, e eu já me sentia mais confortável em contar as minhas duas experiências... (F. 20)

➤ [...] experiências que me pareciam tão estranhas e me confundiam tanto... (F. 12)

Profunda tranqüilidade

➤ [...] Até que um dia, à noite, quando eu já estava cansada de chorar, eu me percebi me aquietando... algo agradável surgindo, uma calma, um silêncio dentro de mim mesma... era algo muito profundo... e em meio a uma imensa, inefável tranqüilidade, ouvi uma voz que dizia “Edite, aquela felicidade que você experimentou quando do nascimento da sua filha, é a mesma felicidade que sua filha goza junto a mim *agora*”. (F. 12)

➤ [...] Estas lembranças recalçadas e agora vivas dentro de mim me deram uma tranqüilidade imensa para enfrentar os revezes da vida. Meu marido já está do “lado de lá”... Ele se foi o ano passado... (F. 22)

➤ [...] Foi morte súbita, mas eu só sinto saudade... uma saudade calma, entende? Como eu lhe disse, a certeza de minha filha estar bem, a ligação que fiz da minha situação de quase morte, com a minha “experiência com Deus”... realmente mudou totalmente minha insegurança. Estou segura e até o meu esposo, também mudou muito suas idéias sobre a morte e o “depois da morte”. (F. 24).

Felicidade indescritível

➤ Senti [...] uma dor dilacerante, a maior que já senti em toda minha vida, quando percebi que como não havia morrido, teria que voltar e me separar daquela felicidade indescritível e incomensurável. (F.8)

➤ Eu me espantava... com o que se passava comigo... era como uma torrente, borbulhando e eu cantando, eu mesma não sabia que podia sentir aquilo tudo, que eu amava a Deus daquele jeito. Aí, cantar se tornou pouco e eu passei a dançar... e me via dançando, bailando, rodopiando... de felicidade porque a morte não existia. (F. 8)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

Primeiro Momento

Conflito em relação ao destino escatológico da filha

- [...] e haja visitas, cada um trazendo seu conforto e suas idéias, cada um ajudava de acordo com seus valores [...] eu ouvia as idéias de cada visita, mas nenhuma daquelas idéias me agradava... (F. 12)
- [...] outros diziam que ela deveria estar em outra galáxia... (F. 12)
- [...] alguns de minha religião, a católica, me lembravam que só depois do juízo final, nós ressuscitaríamos e aí, sim, nos reencontraríamos. (F. 12)
- [...] alguns me diziam que, como minha filha que morreu ainda era uma menina, possivelmente ela teria que reencarnar... quem sabe... não seria bem próxima a mim, como numa netinha... (F. 12)
- [...] Muitas coisas foram ditas... mas você sabe que aquelas idéias me faziam muito mal?... Eu não me agradava de nada que ouvia. (F. 12)
- [...] eu ficava a pensar em tudo que me falavam mas dentro de mim... eu dizia: “Meu Jesus... preciso saber onde está a minha filha... quero saber isso de você, Jesus...” (F. 12)

Segundo Momento

Clareza acerca do destino escatológico da filha

- [...] Até que um dia, à noite, quando eu já estava cansada de chorar, eu me percebi me aquietando... algo agradável surgindo, uma calma, um silêncio dentro de mim mesma... era algo muito profundo... e em meio a uma imensa, inefável tranqüilidade, ouvi uma voz que dizia “Edite, aquela felicidade que você experimentou quando do nascimento da sua filha, é a mesma felicidade que sua filha goza *junto a mim agora*”. (F. 12)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Amigo e protetor

➤ [...] Jesus era meu amiguinho de todas as horas e eu passei a conversar com Ele: “Jesus... morrer deve ser muito ruim, viu? Olha minha tia como está chorando”. Mas de acordo com a intimidade com que eu me relacionava com meu amigo Jesus, eu já vivia mentalmente de mãozinhas dadas com Ele e assim fui “sobrevivendo” ao medo... (F. 4)

➤ [...] Até que um dia, à noite, quando eu já estava cansada de chorar, eu me percebi me aquietando... algo agradável surgindo, uma calma, um silêncio dentro de mim mesma... era algo muito profundo, inefável... então ouvi uma voz que dizia “Edite, aquela felicidade que você experimentou quando do nascimento da sua filha, é a mesma felicidade que sua filha goza junto a mim *agora*”. [...] Eu havia recalcado aquela “experiência de quase-morte” que eu vivi e que [...] foi uma experiência do infinito amor de Deus [...] (F. 8)

➤ [...] “Jesus, eu preciso de uma resposta tua... onde está a minha filha?...” E assim permaneci por muito tempo, dormindo, orando e esperando, pois eu sabia que um dia Jesus, o meu amiguinho de criança, responderia de algum modo a minha indagação. [...] (F. 12)

Detentor do poder e dos mistérios da existência

➤ [...] antes de atravessar o teto daquela sala de cirurgia em meio as minhas tentativas ansiosas de comunicar ao meu médico que eu estava bem... eu senti como se fossem duas mãos [...] bem leves... que me seguravam e bem delicadamente me puxavam para cima... percebi que saí para fora daquela sala pelo teto *como se eu não fosse nada*... e aí aquela força, aquele *poder* foi me transportando para um lugar que eu não sabia o que era... nem onde era.... fui sendo invadida por uma felicidade que não era deste mundo... tão grande aquela sensação de felicidade que eu tive a impressão que meu corpo não ia agüentar... que eu ia explodir... acho que cheguei no limite e relaxei... aí na hora que eu relaxei, eu escutei um voz que falou me chamando pelo nome “Edite isto é a morte”. Naquela hora eu

pensei que era Deus falando comigo. E eu disse assim: Deus, isso é a morte? Fiz a pergunta, mas ninguém respondeu e naquele silêncio eu entendi que... eu não estava morrendo, mas eu estava passando por uma “experiência de morte” [...] Aí eu dizia: “Meu Deus, a morte não existe!!! (F. 8)

➤ [...] *Deus nos dá* um corpo espiritual, com qual vivemos hoje, este a gente perde, é de origem terrena, aqui fica, quando a gente morre, mas há um outro corpo que pode ser até de constituição diferente e que pode ser também considerado corpo, que nos possibilita sentir e nos comunicar do jeito que eu senti naquela experiência de morte da qual lhe falei... Sei não... será que é isto mesmo? Só Deus sabe! São os seus mistérios... mas, dentro da minha compreensão, que mais que intelectual, foi vivencial [...] eu sinto e sei pela experiência, que há um outro corpo, pois eu vivi... (F.12)

Ser digno de louvores e gratidão

➤ [...] Aí eu automaticamente comecei a louvar a Deus por aquela revelação maravilhosa que ninguém sabia e que eu também jamais imaginara! (F. 8)

➤ [...] eu adoro louvar a Deus cantando e acho que cantar na igreja com os nossos irmãos fica bem mais bonito... (F. 31)

Ser de infinito amor

➤ [...] Ah... pois não é que eu descobri que havia esquecido? [...] Eu havia recalado aquela “experiência de quase-morte” que eu vivi e que também foi uma experiência do infinito amor de Deus... (F. 12)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Experiência Fora do Corpo (EFC)

➤ [...] de repente eu muito espantada me percebi lá em cima, no teto da sala de cirurgia, vendo todos os movimentos do meu médico e de toda a equipe tentando me

reanimar, eu estranhei de início... mas depois percebi com espanto que Dr. Carlos estava realmente nervoso e apreensivo... acho que eles estavam achando que eu estava correndo perigo de vida... os movimentos e a fisionomia deles denotavam a apreensão e por incrível que pareça eu estava me sentindo ótima, observando tudo com a calma de quem estava muitíssimo bem... mas por que tanta apreensão? Então me percebi descendo do teto “aterrissando” na sala e me dirigindo para onde a equipe se encontrava... bati no ombro direito do médico e também amigo Dr. Carlos tentando dizer a ele que ele não se preocupasse que eu estava me sentindo ótima... mas ele não me ouviu e nem me viu porque continuava ele e a equipe tentando reanimar aquela criatura, que era eu mesma, e que estava sendo o alvo dos cuidados médicos de toda a equipe... (F. 8)

Experiência Quase Morte (EQM)

➤ [...] de repente eu não mais me vi na sala... eu me vi saindo daquele ambiente passando pelo teto e indo para a atmosfera terrestre. Ah! Lembro-me agora que antes de atravessar o teto daquela sala de cirurgia em meio as minhas tentativas ansiosas de comunicar ao meu médico que eu estava bem... eu senti como se fossem duas mãos ... bem leves... que me seguravam e bem delicadamente me puxavam para cima... percebi que saí para fora daquela sala pelo teto como se eu não fosse nada... e aí aquela força, aquele poder foi me transportando para um lugar que eu não sabia o que era... nem onde era.... mas era muito escuro, sabe? Mas ao mesmo tempo que eu ia sendo transportada eu fui sendo invadida por uma felicidade que não era deste mundo... era tão grande, tão grande aquela sensação de felicidade que eu tive a impressão que meu corpo não ia agüentar... não ia agüentar... que eu ia explodir... sabe como uma bola que você enche, enche, enche, enche demais e ela explode? Pois assim era eu! A felicidade era tão grande que eu ia explodir... então... eu relaxei, sabe? Porque eu não agüentava e relaxei, aí na hora que eu relaxei, eu escutei uma pessoa que falou me chamando pelo nome “Edite isto é a morte”. Naquela hora eu pensei que era Deus falando comigo. E eu disse assim: Deus, isso é a morte? Fiz a pergunta, mas ninguém respondeu e naquele silêncio eu entendi que eu estava passando por uma experiência de morte. Eu não estava morrendo, mas eu estava passando por uma experiência de morte. Entendeu? Aí

quando eu compreendi isto, eu dei uma gaitada, não era uma risada não... era uma gaitada mesmo (gargalhada). Aí pensei: “Meu Deus”! Como eu era boba! Eu tinha medo da morte! E Morte é vida! Foi a grande descoberta! Morte é vida numa dimensão que eu nunca poderia imaginar... Morte é apenas passagem... (F. 8)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Identidade antes da crise

➤ Profundamente Católica

Fator desencadeador da crise

➤ Morte da filha

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Atitude de retraimento por medo das críticas a partir da EQM... uma experiência incomum e contraditória com certos princípios da igreja que pertence

➤ [...] E pela estranheza da situação, naquela época, pelo medo de me considerarem lunática ai eu me retrai muito para não ser alvo de muitas criticas... também perdi um pouco do entusiasmo de freqüentar a igreja pois era tão difícil eu intimamente discordar do que era pregado... dá um incômodo danado a gente ouvir coisas e aumenta mais ainda nossas dúvidas... confesso que essa situação me desarrumou um pouco. (F. 6)

Atitude de mudança na sua percepção religiosa

➤ [...] A experiência de quase morte [...] foi muito marcante... teve aspectos profundos que modificou muito a minha forma de ver as coisas, principalmente aspectos relacionados ao corpo doutrinário da minha religião. Mas me provocou

também muito sofrimento pois ninguém naquela época falava sobre esses tipos de experiências que hoje os estudiosos chamam de “paranormal”... “extra-sensorial”... “supramental” [...] (F. 6)

Católica, mas bem menos freqüentadora dos templos religiosos

➤ [...] A pesar de estar freqüentando bem menos a igreja, eu continuo católica, às vezes vou à missa, mesmo discordando, muitas vezes, da pregação dos padres. (F.16)

Visão mais crítica, desvelando muitos aspectos da ideologia subjacente ao discurso teológico, presentes na maioria das pregações dos sacerdotes

➤ [...] Conversando agora com você, é que estou percebendo o quanto eu senti raiva de ter sido enganada. E, mesmo agora parece que ainda há no meu tom de voz um certo ressentimento das mentiras ou dos ensinamentos distorcidos que nos foram passados pelos sacerdotes e freiras com quem convivi desde criança... talvez nem tanto por maldade... talvez muito mais por conta dos preconceitos, dos condicionamentos culturais até hoje mantidos porque é conveniente para as instituições religiosas... (F. 16)

Emergências de indagações geradoras de conflitos em relação à escatologia cristã

➤ [...] Muitas coisas foram ditas... mas você sabe que aquelas idéias me faziam muito mal? [...] Eu não me agradava de nada que ouvia. (F. 12)

➤ [...] eu ficava a pensar em tudo que me falavam mas dentro de mim... eu dizia: “Meu Jesus... preciso saber onde está a minha filha... quero saber isso de você, Jesus...” (F. 12)

➤ [...] Deus... não tem meias medidas! Então, entre morrer, ressuscitar, ter julgamento e ir para eternidade... não deve passar mais que algumas horas... esta história de ficar em “repouso” esperando o dia do juízo final, acho que não é verdade

não! Eu mesma... eu estava com meu corpo e vivi aspectos de eternidade! Acredite! [...] (F.14)

➤ [...] tenho que ser tolerante com essas discordâncias da minha religião... (F. 16)

➤ [...] Eu me sinto católica de coração, mas realmente não sei se os padres soubessem das minhas idéias me aceitariam também de coração em suas igrejas... (F. 31)

Experiência extra-sensorial: diálogo íntimo com Deus

➤ [...] eu dizia: “Meu Jesus... preciso saber onde está a minha filha... quero saber isso de você, Jesus...” [...] e em meio a uma imensa, inefável tranquilidade, ouvi uma voz que dizia “Edite, aquela felicidade que você experimentou quando do nascimento da sua filha, é a mesma felicidade que sua filha goza junto a mim *agora*”. [...] (F. 12)

Jesus Cristo como referência essencial de sua identidade religiosa

➤ [...] eu sinto Deus dentro de mim a cada momento, dentro desta casa [...] vivo eternamente conversando com o meu Jesus, [...] eu tenho um grande amigo ao meu lado com o qual converso várias vezes ao dia, do jeito que fazia quando era pequenina naquele colégio interno. [...] pra ser sincera apesar de sentir falta de algumas vivencias na igreja, não considero essencial freqüentar nenhum templo religioso... pois Jesus está aqui comigo... sinto a presença dEle... é como se ele estivesse aqui, como qualquer um de nós, a diferença é a intimidade e a confiança que sinto nessa relação com Ele que é de muito tempo... (F. 31)

Crença essencial: na misericórdia e no amor divino

➤ [...] você sem hesitação coloque que sou católica, mesmo não aprovando e discordando de alguns aspectos importantes, porém não essenciais porque no essencial nós concordamos: na misericórdia e no amor divino! O resto são meras

interpretações... verdadeiras ou distorcidas, não importa... somos humanos e filhos do mesmo Deus. (F. 31)

Síntese Interpretativa

Edite, desde muito criança, sentia um verdadeiro pavor em relação a morte. Era um sentimento muito forte que a acompanhou até o dia que ela viveu uma experiência muito especial, no momento do parto da sua terceira filha, quando estava sendo submetida a uma cesárea. Esta experiência (E.Q.M) representou um verdadeiro marco na vida de Edite e a partir daí seu medo se desfez completamente, dando lugar a uma certeza plena de que a morte é apenas um ponto de passagem para um outro tipo de vida, uma vida plena de felicidade.

Alguns anos após, Edite, passou pela profunda dor de perder tragicamente uma de suas filhas (a caçula), em um acidente que reverberou profundamente em seu íntimo fazendo emergir indagações existenciais, de natureza espiritual, repercutindo desse modo na sua identidade religiosa.

Edite passou a viver conflitos em relação ao destino escatológico da sua filha, experimentando dúvidas e sentimentos tão dilacerantes que a levaram ao desespero. Felizmente, no momento mais agudo de sua crise suas dúvidas transformaram-se em “certeza” e seu desespero em “paz infinita”.

Tais transformações aconteceram a partir de uma experiência, também “especial”, onde ela vivenciou uma sensação íntima e profunda de diálogo com Deus. Neste momento, Edite, foi capaz de relacionar esta sua vivência “mística” com a experiência de quase-morte (E.Q.M) que vivenciara há nove anos.

Estas duas experiências “incomuns”, que neste trabalho também chamamos de extra-sensoriais, foram decisivas na reconfiguração que se processou claramente na identidade religiosa de Edite, que evoluiu de um padrão herdado para um novo estilo pessoal de se relacionar com Deus. Sua religiosidade, a partir daí, amadurece

e sua fé reaviva-se a partir do diálogo íntimo, profundo e constante que refere manter com Deus no seu cotidiano.

Quadro 5 – Entrevista Edite

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<p><i>Primeiro momento</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Algo pavoroso <p><i>Segundo momento</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Portal de passagem para uma dimensão de felicidade plena; • Possibilidade de amadurecimento espiritual 	<p><i>Primeiro momento</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Pavor • Angústia a partir dos conflitos por conta de crenças contraditórias • Profunda tristeza • Profunda solidão <p><i>Segundo momento</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Conforto • Profunda tranquilidade • Felicidade indescritível 	<p><i>Primeiro momento</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Conflito em relação ao destino escatológico da filha <p><i>Segundo momento</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Clareza acerca do destino escatológico da filha
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Amigo e Protetor • Detentor do poder e dos mistérios da existência • Ser digno de louvores e gratidão • Ser de infinito amor 	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência Fora do Corpo (EFC) • Experiência Quase Morte (EQM) • Experiência de Êxtase • Experiência de ouvir Deus 	<p><u><i>Antes da Crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Católica Fervorosa <p><u><i>Fator Desencadeador da 1ª Crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Experiência Quase Morte <p><u><i>Mudanças a partir da 1ª crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Retraimento: medo de críticas • Retraimento da Igreja <p><u><i>Fator Desencadeador da 2ª Crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Morte da Filha <p><u><i>Mudanças a partir da 2ª Crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Angústia: “Como está minha filha?” • Visão crítica em relação à escatologia. • Fé herdada → Fé Íntima → Religiosidade pessoal

6.6 CASO REBECA

Nome: Rebeca*

Sexo: Feminino

Idade: 63 anos

Nível de Instrução: Nível Superior

Atividade Profissional: Médica

Estado Civil: Viúva

Religião: Católica

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Passagem para uma outra existência

- Olhe se eu não tivesse essa crença tão forte, esta confiança que depois da morte existe uma outra vida eu certamente teria me rebelado. Mas, tenho a certeza, uma confiança inabalável que vou me reencontrar com o meu filho. (F.08)
- A morte para mim não é morte, é vida. Aliás, eu perdi um filho há pouco tempo e no cartãozinho que fiz para distribuir na missa de sétimo dia eu coloquei isso “Meu filho... veja que a morte não é morte... que a morte é vida!” Escrevi, isto porque acredito que do lado de lá, quem morre vai viver na plenitude da glória de Deus. Tudo aqui é passagem... (F.2)

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Tristeza / Saudade

- Hoje eu sofro a *saudade*, vivo muito *triste*... (F. 8)
- Eu não tenho mais brigado, nem tentado barganhar com Deus não. Eu aceitei como uma decisão divina... Que talvez era chegado o momento dele... Mas a *tristeza*, a *saudade* não se apaga... Eu tenho tentado superar quem tem me dado força é a igreja, é o meu Deus (F. 20)

Revolta

- Quando a gente tem uma fé, uma fé ilimitada em Deus, a gente supera... não é que eu tenha superado a dor, nem a saudade, mas a *revolta* que tive em outros tempos, esta *revolta* graças a Deus eu não sinto mais.(F. 6)

Pavor

- Eu quando me vi em pé, olhando o meu próprio corpo, meu deu um *pavor*, eu entrei em *pânico* e fiquei dizendo “Meu Deus, eu morri? Eu quero voltar! *Eu não quero morrer!* (F. 14)
- Sentia pavor de morrer e pavor de quem já morreu. (F.16)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

Perspectiva de reencontro e restabelecimento das relações afetivas

- Eu tenho certeza absoluta que vamos ainda estar juntos. (F. 10)

Existe um intercâmbio entre esta vida e a Pós-Vida

- [...] senti meu filho deitando ao meu lado, foram muitas às vezes... ele era muito gordo e eu percebia até a pressão que ele fazia abaixando as molas do colchão..

mas eu não sentia medo... era meu filho e aquilo não me inquietava... apenas me intrigava... (F. 20)

➤ [...] Outras vezes, e foram muitas, ao levantar de madrugada para ir ao banheiro, na volta, indo a geladeira comer algo, percebia pessoas lá na cozinha... as vezes uma *garota*, sorrindo para mim, outras vezes uma *freira* e, incrível foi conseguir sacar que era dela que vinha aquele magnífico perfume [...] (F.20).

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Detentor do poder e dos mistérios da existência

➤ [...] eu aceitei (a morte do meu filho)... como uma **decisão divina**... que talvez era chegado o momento dele... (F. 8)

➤ Mas esta história de recriminar contra Deus, não. Depois que eu me senti inundada por aquela paz eu mudei e não *recriminei* mais. (F.6)

➤ Vania eu muitas vezes nem entendo direito mas me percebo agradecendo a Deus por ter acordado em meio à noite e ter me dirigido justamente para aquele leito... você entende? Eu sinto, claramente, que não foi por mero acaso eu acordar, espontaneamente, e me dirigir exatamente naquele momento para aquele determinado leito (onde a criança estava morrendo) funciona como *se eu fosse movida por um poder superior*, compreende? (F. 12)

Ser justo, bondoso, protetor e consolador

➤ Eu tenho a crença num Deus **justo, bondoso** e dentro desta perspectiva todo sofrimento que por aqui passamos tem um sentido. (F. 6)

➤ Houve uma época, há muitos anos, que eu estava numa situação terrível, uma situação crítica de ordem financeira, eu estava desesperada e *de repente eu senti a presença de Deus me envolvendo... era uma paz tão grande, tão infinita... era uma paz que não era deste mundo... era uma paz... uma paz que não havia palavras que eu pudesse descrever... e então aí eu senti que Deus, existia mesmo... e eu*

disse: "Meu Deus, Meu Deus você realmente existe!" E a partir dali eu passei a ter certeza da existência d'Ele! Eu sentia uma paz infinita! *Ele realmente é um Deus em que a gente pode se agarrar. Ele realmente consola.* Olhe às vezes eu sinto tão próximo a mim que tenho a impressão que posso pega-lo. Tem horas que eu sinto realmente a presença d'Ele, sabe? (F. 6)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Experiência culminante (segundo Maslow) ou mística (segundo religiosos)

➤ [...] de vez em quando, abro meu apartamento e sinto um cheiro magnífico de flores... Um cheiro inconfundível. Um dia desses minha cunhada estava comigo e também ficou admirada... Ela sentiu como eu senti e se admirou de como o meu apartamento estava inundado por uma fragrância tão maravilhosa, disse para ela que da primeira vez que eu senti aquele cheiro fui direto para a minha penteadeira verificar se a faxineira não havia derrubado alguns dos meus perfumes. Mas não, estava tudo no mesmo lugar... Muitas outras vezes senti o mesmo cheiro, agradável... Inebriante e aí eu não mais estranhava. (F. 20)

➤ [...] Outras vezes, e foram muitas, ao levantar de madrugada para ir ao banheiro, na volta, indo a geladeira comer algo, percebia pessoas lá na cozinha... Às vezes uma garota, sorrindo para mim, outras vezes um freira e, incrível consegui sacar que era dela que vinha aquele magnífico perfume [...] (F.20)

➤ [...] As vezes... várias... também senti meu filho deitando ao meu lado, foram muitas às vezes... Ele era muito gordo e eu percebia até a pressão que ele fazia abaixando as molas do colchão... Mas eu não sentia medo... Era meu filho e aquilo não me inquietava... Apenas me intrigava. (...) Se ele continua vivo, imagino que é como espírito e porque então sinto como se ele ao se deitar estivesse com o seu corpo antigo? Eu sentia claramente a pressão do corpo dele na cama quando ele se deitava ao meu lado [...] (F. 20)

➤ [...] Tenho algumas experiências em que antecedem a morte... como se fosse uma *intuição* em mim que me faz *prever*, algumas vezes, a morte de alguns dos meus pacientes *com bastante precisão.* [...] (F. 12)

- Por muitas vezes, eu por intuição estive junto do leito das crianças exatamente na hora de sua morte; sabe aquela coisa que faz a gente sair até do nosso descanso e se dirigir quase que automaticamente para um leito e ao chegar lá ouvir aquela criatura dizer, “tia pegue na minha mão... eu sinto que to indo agora... to sentindo que vou morrer tia...(F. 12)
- Com relação a morte do meu marido, algo intuitivo também me aconteceu, como o que me “avisando” do seu falecimento. Eu estava em casa e olhei para uma pessoa ao meu lado (uma médica amiga) e disse com convicção: “nesse momento tenho certeza meu marido acabou de morrer”, pois eu estava com sensações estranhas e com um “frio de morte”. Poucos instantes depois o telefone tocou e recebemos a notícia do seu falecimento. (F. 12)
- [...] a vida da gente de médica é muito estressante e eu costumava relaxar sempre que podia... Um dia, porém eu acho que entrei num nível mais profundo ai eu percebi que eu estava em pé, na minha sala, em frente a mim mesma, deitada no meu sofá. Eu quando me vi em pé, olhando o meu próprio corpo, meu deu um pavor, eu entrei em pânico e fiquei dizendo “Meu Deus, eu morri? Eu quero voltar! Eu não quero morrer! Eu tenho meus filhos para terminar de criar” etc. E naquele pavor eu insistia pedindo a Deus para voltar para meu corpo... De repente eu sentia que havia entrado de novo no meu corpo e foi um alívio. Eu não sei como isso se processou, tanto é que eu até hoje deixei de fazer relax, meditação... Coisas assim... A gente sabe que essas coisas acontecem, mas de repente assim, comigo, que medo! Foi real! (F. 14)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da crise

- Católica praticante, porém pouco confiante na amorosidade de Deus;
- Ímpetos de revolta com Deus.

Fator desencadeador da crise:

- Morte do filho e percepção extra-sensorial de sua presença.
- Experiência Profunda de uma paz infinita

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

- Sua percepção foi interpretada como mera ilusão pelo seu orientador espiritual de muitos anos;
- Necessita que sua experiência seja reconhecida e validada por um sacerdote da igreja católica;
- Receio de buscar explicações para suas “experiências especiais” fora do contexto da igreja católica;
- Reafirma sua identidade religiosa como católica;
- Fé reconfigurada: “fé íntima” (passa a ter uma fé baseada na convivência e no diálogo íntimo e pessoal com Deus).

Síntese Interpretativa

Rebeca é uma médica que norteia sua conduta nos princípios da religião católica. Não só frequenta regularmente a igreja, mas dela procura apoio e orientação para seu cotidiano.

A caminhada pessoal de Rebeca tem sido marcada por momentos de crise, crises tão fortes que desencadeiam sentimentos dolorosos e que abalam sua identidade religiosa. A primeira grande crise na vida da nossa entrevistanda, aconteceu, não por uma perda por morte, mas uma perda de natureza financeira e afetiva (separação do marido) ruptura tão drástica que gerou um sentimento de

desespero, que a levou inclusive a questionar a existência de Deus. Ela se sentia desamparada e em sua fragilidade, sentia revolta, recriminando o seu destino e “exigindo” de Deus uma explicação para sua tamanha infelicidade. Aquele que ler, em sua entrevista, as falas 6 e 8, pode ver com clareza a transformação construtiva que se processou na vida desta senhora, a partir de uma profunda vivência de natureza mística: ela encontrava-se “desesperada” e de repente sentiu a “presença” de Deus, a envolvendo de uma forma tão profunda e completa, que produzia nela, uma sensação de “paz infinita”... Uma “paz que não era desse mundo”... Uma paz tão profunda que não existiam palavras que a pudessem descrever. Foi aí que ela sentiu no âmago do seu ser “que Deus existia mesmo” e que independente de qualquer circunstância, por mais inesperada, violenta ou dolorosa que fosse, ela realmente a partir dali confiava na existência de um Deus que realmente a protegia e em que ela podia confiar. Um Deus que “realmente consola”, um Deus que ela “sente tão próximo” que tem a impressão que pode “tocá-lo”, um Deus “presença”!

O interessante é que os dados colhidos na história de Rebeca, leva-nos a crer que a primeira crise vivenciada por ela na qual se deu aquela inefável experiência de profunda “presença” de Deus em sua vida, serviu de alicerce, de sustentação, para lhe garantir o equilíbrio necessário para vivenciar com consciência e tranqüilidade os sofrimentos que lhe chegariam posteriormente com a morte abrupta do seu filho. A afirmação dela de que “se não tivesse essa crença tão forte, esta confiança inabalável que depois da morte existe uma outra vida”, ela realmente se rebelaria, nos deu sinais de que sua identidade religiosa vem sendo reconfigurada ao longo desses últimos anos, a partir das relações estabelecidas com o “outro”, com o “estranho”, com o “diferente”, que a interpela, que a afeta em níveis bem profundos!

Outro aspecto que nos remete à reflexão é o “apego”, a tendência natural de Rebeca a “agarrar-se” a sua identidade católica, mesmo não encontrando respostas satisfatórias às suas indagações pertinentes e legítimas, levadas por ela para o seu antigo e querido orientador espiritual. Rebeca, foi, por várias vezes, e, continua sendo afetada, por inúmeras experiências “incomuns” (também chamadas de extra-sensoriais e paranormais) que, de certo modo, vem “desarrumando” a configuração da sua identidade religiosa, causando-lhe inquietações, receios, ansiedades, pois alguns princípios, básicos da religião a qual pertence. Mas infelizmente, no nosso

entender Rebeca não tem encontrado o apoio que necessita no seu grupo de referência mais significativo, que é o da igreja a que se sente “pertencendo” e pelo qual nutre um sentimento de profunda gratidão pelo apoio, carinho e solidariedade que encontrou no momento mais crítico da sua vida: A morte do seu filho. Há de se convir também que nossa entrevistanda Rebeca é de origem católica, sendo assim, é evidente que seu processo de socialização (primária) aconteceu desde a mais tenra infância o que significa que são muitos os valores afetivos (de ordem emocional) fortemente enraizados, carecendo de uma “boa dose” de senso crítico ou de um “certo” nível saudável de “distanciamento”, capaz de possibilitar integração das nossas dimensões racional e emocional.

Quadro 6 – Entrevista Rebeca

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Passagem para uma outra existência 	<ul style="list-style-type: none"> • Saudade • Tristeza • Revolta • Pavor 	<ul style="list-style-type: none"> • Perspectiva de reencontro e restabelecimento das relações afetivas • Existe um intercâmbio entre esta vida e a pós-vida
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Detentor do poder e dos mistérios da existência; • Ser justo, bondoso, protetor e consolador; • Deus “presença”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivência íntima com Deus. • Sentiu a presença de Deus a envolvendo... sentiu-se cuidada, amada e protegida. • Percepção de pessoas já falecidas. • Percepção intuitiva aguçada – premonição. • Experiência Fora do Corpo (E.F.C.) involuntária. 	<p><u>1ª Crise existencial:</u> Desespero – Revolta</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Ou Deus não existia ou tinha me abandonado”. • Vivência íntima com Deus <p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Católica praticante <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Morte do filho e percepção de sua presença; <p><u>Transformações a partir da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Dúvidas (reaparecem) em relação ao sentido da vida, ao sofrimento e a proteção divina. • Integra a experiência íntima com Deus. • Dúvidas em relação ao pós-morte (escatologia). • Reafirma sua identidade religiosa de católica; • Fé reconfigurada: “fé íntima” (passa a ter uma fé baseada no diálogo “íntimo” e “pessoal” com Deus).

6. 7 CASO AMON

Nome: Amon*

Sexo: Feminino

Idade: 55 anos

Nível de Instrução: Superior

Nível Profissional: Professora de inglês, tradutora

Estado Civil: Divorciada

Religião: Católica-Espiritualista

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Fonte de inquietação e questionamentos

➤ [...] a morte e o sofrimento foram sempre motivos de inquietação e fonte de questionamentos para mim. Eu gosto de falar, gosto de pensar nestes temas e sobretudo gosto de estudar tudo o que existe sobre estes temas. [...] (F.6)

Instrumento para o nosso espírito evoluir

➤ [...] acho a morte algo natural, apenas uma passagem absolutamente necessária para se chegar a outro plano mais evoluído [...] (F.6)

➤ [...] tudo contribui para a nossa evolução, que a gente não está aqui por acaso que tanto a vida como a morte são absolutamente necessárias, que vida, morte e sofrimento são instrumentos para fazer nosso espírito evoluir [...] (F.28)

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

Fator desencadeador de um enorme e pungente sofrimento

➤ [...] porém, desde criança sofro tremendamente com a morte, mesmo que seja de animais. [...] (F.6)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Medo

➤ [...] Eu era super-medrosa. Tinha medo de alma, de assombração, de mortos... tinha medo da vida e da morte. (F.34)

Profunda Dor

➤ [...] Sofro de verdade quando matam gente, animais ou plantas, parece que parte de mim se vai também. [...] mesmo sabendo que tudo continua vivo, perder animais ou pessoas queridas, para mim é extremamente doloroso. Por que a gente não pode mais conviver [...] Eu sou muito de me apegar... pois olha, eu amo muito os animais e moro aqui nesta casa imensa e tenho atualmente alguns gatos, mas tenho uma foto de um dos gatos que eu criei e morreu, pendurada lá na geladeira; ainda me lembro dele com muita saudade... sou assim... por isso digo se não fossem essas visitas que faço a outras dimensões eu não sei o que seria de mim! (F.18/20/30)

➤ Se não fora estas “viagens” fora do meu próprio corpo, se não fora tudo o que leio e pesquiso eu não sei se agüentaria não. Então, para mim, mesmo sabendo tudo o que sei pela mente cognitiva ou sensitiva eu sofro e eu percebo que é muito doloroso perder, ver morrer... mesmo sabendo que tudo continua vivo [...] (F.20)

Insegurança

➤ Não sei o que seria de mim se não fossem esses meus estudos e essas minhas experiências [...] além de expandir mais minha consciência e conseqüentemente alargar os meus horizontes, aumenta o meu nível de segurança. (F.16)

Desamparo

➤ [...] Eu estava numa fase de fragilidade maior... de desamparo mesmo, muito ansiosa [...] (F.20)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

O ser humano continua vivo com uma outra estrutura corpórea

➤ Meu marido [...] havia falecido há poucos minutos, e agora estava ali com aquele corpo maravilhoso, sem cicatriz... cheio de vida! Era ele, o meu companheiro, num dos seus outros corpos... Não era mais o corpo físico dele, este corpo denso, todo marcado por cicatrizes... (F. 24)

➤ Eu estava numa fase de fragilidade maior... de desamparo mesmo, muito ansiosa, e recorria sempre para o meu pai, até que ele um dia me apareceu em sonhos, um sonho extremamente nítido e me disse com um tom que eu até achei muito severo: “não entendes que eu não tenho mais o meu corpo?” Eu ainda tentei abraçá-lo mas ele se afastou. (F.20)

➤[...] acredito na ajuda dos anjos... dos santos e também de pessoas simples da nossa família que já se foram, mas que por nos amarem, querem nos ajudar e vêm para isso nos visitar. (F.48)

➤ Acho muito engraçado conviver em vários planos... ou entrar em faixas de diferentes vibrações. Olha, Vania, quando eu estou calma e bem harmonizada eu vejo nessa casa e nessas ruas pessoas que pela forma de vestir sei que já não estão nos seus corpos de humanos (que já morreram, entendeu?) Gente de vestidos longos, chapéus antigos, mas também há outros conhecidos desta época atual. Geralmente eu nem faço a diferença. São pessoas e pronto! Eu convivo com elas, andando sem me preocupar quem é dessa ou de outras dimensões... mas, se eu prestar atenção dá para diferenciar aquelas que já são de outro plano..., entende? Pela energia dá para identificar. / Eu vivo essas situações, estudo e leio a respeito, mas ainda não entendo direito não... não sei explicar... vivemos em planos

paralelos? A gente ora vê, ora nem percebe... E há muita coisa nessa vida para nós aprendermos, não é? (F.40/42)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Ser superior, amoroso e protetor

➤ [...] acho a nossa casa o melhor local para homenagearmos ou pedirmos algo aos seres superiores do universo: Deus, Jesus, Maria, Anjos. Na minha opinião eles nos envolvem com amor sempre que nos aquietamos e pedimos ajuda [...] (F.46)

Cristo: modelo a ser seguido

➤ [...] valorizo muito profundamente os ensinamentos do Cristo. [...] (F.46)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Experiência Fora do Corpo (EFC)

➤ Eu saio naturalmente do meu corpo e me dá uma sensação de extrema leveza, relaxamento e plenitude. É uma experiência altamente prazerosa... só quem vivencia pode avaliar! [...] (F.10)

➤ tudo era luminosidade... uma coisa linda e maravilhosa de sentir... uma sensação de luz e compreensão total... dá uma sensação de “compreensão do todo” assim num certo sentido, uma sensação de sapiência e plenitude! Dá para entender, por que não dá para se sentir medo? Quando a gente ultrapassa aquele “túnel”, vive a sensação de plenitude e harmonia e não há lugar para medos... (F.12)

Percepção da visita de seu esposo recém-falecido

➤ Meu marido estava há uma semana na UTI, fez “ponte de safena”. Estava fazendo minha oração matinal, ainda no quarto, quando ele me apareceu sorrindo... abriu a

camisa, assim, mostrando o tórax, todo feliz e dizendo: “Olha, eu estou totalmente curado. Veja!” E mostrava o peito sem cicatriz... eu fiquei ali meio boba. [...] Ele havia falecido há poucos minutos, e agora estava ali com aquele corpo maravilhoso, sem cicatriz... cheio de vida! Era ele, o meu companheiro, num dos seus outros corpos... Não era mais o corpo físico dele, este corpo denso, todo marcado por cicatrizes... (F.24)

➤ [...] só sei que eu neguei, por defesa... não quis enxergar que meu companheiro havia vindo me ver e que a morte do seu corpo físico devia ter acabado de acontecer... neguei, mas fiquei com uma angústia, algo preso no coração... (F. 26)

Percepção do pai falecido

➤ [...] recorria sempre mentalmente para o meu pai, até que ele um dia me apareceu em sonhos, um sonho extremamente nítido e me disse com um tom que eu até achei muito severo: “não entendes que eu não tenho mais o meu corpo?” Eu ainda tentei abraçá-lo mas ele se afastou. (No entendimento da entrevistanda, esse aparecimento foi real.) (F.20)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da crise

➤ Tipicamente católica

Fator desencadeador

➤ Morte do pai

➤ Morte do esposo

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Busca constante de entendimento acerca do sentido da morte

➤ Não sei o que seria de mim se não fossem esses meus estudos e essas minhas experiências... Elas me ajudam muito a sofrer menos com as perdas dos meus entes queridos e me preparam para entender melhor o sentido da vida e da morte, além de expandir minha consciência, me fazendo entender mais, sempre mais sobre o cosmos, sobre a vida, sobre o sentido de tudo inclusive da morte... por isso me dispus com tanto gosto a colaborar com sua pesquisa! Por que acho que só assim nossa consciência evolui. Nós somos essencialmente consciência em estado de evolução e cada vez mais podemos nos expandir, evoluir, entendeu? Além de expandir mais minha consciência e conseqüentemente alargar os meus horizontes, aumenta o meu nível de segurança. (F.16)

Reconfiguração da identidade religiosa

➤ Eu não tenho religião nenhuma específica, e nem sinto necessidade de estar indo à igreja... nunca vou a templos religiosos... raramente só em cerimônias de aniversários, casamentos, enterros... oro e medito em casa; acho a nossa casa o melhor local para homenagearmos ou pedirmos algo aos seres superiores do universo: Deus, Jesus, Maria, Anjos. Na minha opinião eles nos envolvem com amor sempre que nos aquietamos e pedimos ajuda... claro que gosto das músicas, dos hinos das igrejas, das igrejas, mas raramente vou porque na minha opinião os rituais são muito cansativos... talvez porque a fora as músicas que são muito lindas, são muitos os conselhos e idéias que eu não concordo... talvez por isto eu vá tão pouco. (F.46)

Síntese Interpretativa

Amon se percebe, desde criança, uma pessoa muito sensível em relação a morte, sofrendo tremendamente até com a morte de animais, mesmo que eles não fossem de sua “estimação”. Ela afirma que o tema morte sempre foi alvo do seu interesse e assunto de suas conversas e supõe que a busca constante, de compreender o sentido da morte pode ser considerada uma característica de sua personalidade. Tanto é que, não satisfeita com as inúmeras leituras que realiza em torno do tema, arrisca-se a viver experiências por demais incomuns e “estranhas” para o nosso contexto social. Por exemplo, optou por fazer parte do Centro de Expansão e Evolução da Consciência (CEPEC) e lá não só participa de palestras e debates, como também vivências experiências do tipo EFC. Experiência Fora do Corpo, que podem ser “viagens” involuntárias ou conscientemente induzidas para fora do próprio corpo e até para fora do ambiente onde a pessoa se encontra.

Amon explica que estas “viagens”, que faz voluntariamente, são instrumentos para expansão da sua própria consciência e efetivamente a ajudam na sua evolução, como ser em “passagem” por este planeta. Segundo ela, ao alargar seus horizontes e descobrir e se confrontar com “novas realidades”, ela estaria elevando seu “nível de segurança” .

Seus depoimentos nos levam a crer que ela usa como estratégia de enfrentamento de seus receios, o mecanismo de estar sempre ousando expandir os seus limites através de experiências “incomuns”, ou “paranormais”. Ela, apesar do intenso sofrimento e extrema ansiedade, concebe a morte como um instrumento necessário para o nosso espírito evoluir.

Apesar de ser de origem católica, hoje, Amon, não tem clareza de como identificar sua religião, pois como “buscadora” que é, freqüenta (sem assiduidade) vários templos ou centros de caráter religioso, sempre buscando...

Amon afirma, categoricamente, que suas experiências de “expansão de consciência” e os estudos que vive empreendendo para compreender suas próprias vivências neste sentido, têm um valor que só mesmo ela pode avaliar. Ela que era

uma criança cheia de medos em relação a morte e aos mortos, hoje convive com bastante naturalidade com os “mortos-vivos” que fazem parte do seu círculo de relações. Amon parece transitar muito bem entre os dois mundos, como se o limite entre uma dimensão e outra da existência, para ela, quase sempre não existisse: ela vê, normalmente, vizinhos que já se foram (morreram) e até se comunica com uma grande naturalidade e inclusive se refere a uma comunicação que teve com o seu pai e o seu marido já falecidos, como dois marcos importantes para a ampliação dos seus horizontes e para o aumento do seu nível de confiança em Deus, como um Ser superior, amoroso e protetor e em Cristo como modelo a ser seguido.

Apesar de ainda se sentir muito sensível em relação as perdas, principalmente aquelas que tem a ver com a morte, conseguiu reconfigurar completamente as suas concepções em relação ao sentido da vida e ao sentido da morte. e, quanto, a religiosidade, ela reafirma de apesar de não ter nenhuma religião específica e de não sentir necessidade de freqüentar assiduamente os templos religiosos, considera-se uma pessoa muito religiosa, “religada”, considerando o seu lar o melhor local para celebrar a vida, homenagear os seres superiores do universo e se “religar” com Deus, Jesus, Maria e os anjos, que representam a sua referência religiosa.

Quadro 7 – Entrevista Amon

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Fator desencadeador de um enorme e pungente sofrimento. • Fonte de inquietação e questionamento. • Instrumento para o nosso espírito evoluir. 	<ul style="list-style-type: none"> • Medo • Profunda dor • Insegurança • Desamparo 	<ul style="list-style-type: none"> • O ser humano continua vivo com uma outra estrutura corpórea. • Possibilidade de intercomunicação entre os falecidos e os que aqui ficaram.
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Ser superior, amoroso e protetor; • Cristo: modelo a ser seguido 	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência Fora do Corpo (EFC) involuntária e planejada (viagem astral). • Percepção do pai falecido. • Percepção da visita de seu esposo recém-falecido. 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tipicamente católica <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Morte do pai e do esposo e percepção de suas presenças. <p><u>Transformações a partir da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Busca constante de entendimento acerca do sentido da morte. • Busca compreender a dinâmica do pós-morte (andarilha). • Reconfiguração da identidade religiosa

6.8 CASO LEÔNIA

Nome: Leônia*

Sexo: Feminino

Idade: 57 anos

Nível de Instrução: Nível Superior

Atividade Profissional: Pedagoga e Psicóloga

Estado Civil: Solteira

Religião: Cristã - Espiritualista

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações Relacionadas à Morte

Algo abominável

➤ [...] Eu simplesmente abomino a idéia de ter que um dia morrer. (F. 6)

Algo inconcebível e cruel

➤ [...] acho inconcebível, cruel, que alguém em pleno exercício de suas atividades, com todo gosto de viver, seja retirado deste plano, sem uma consulta previa... (F. 6)

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

2ª Unidade de Significado: Sensações / Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Revolta

➤ [...] uma ponta de revolta com esta situação de ver a minha existência, a minha vida, fora do meu controle... (F. 8)

Mágoa

➤[...] sinto que por trás desta revolta que eu sentia, é possível haja um sentimento de mágoa... (F. 8)

Apego

➤ [...] Tenho clareza que sou muito apegada afetivamente, com aqueles que convivi e que convivo, com todos que criei laços de amizade e de amor e vai custar muito, ir conscientemente, para uma situação de convivência com seres desconhecidos, mesmo que eles sejam divinos e maravilhosos. (F. 10)

➤ O que eu não aceito, eu acho, é o rompimento dos contatos afetivos, emocionais. São os planos sonhados juntos, se desfazendo... (F.18)

➤ Dói em mim, imaginar que sem meu corpo físico, eu tentarei me comunicar e expressar o meu amor e até orientar, por exemplo quando se tratar dos meus filhos e netos, e simplesmente não serei vista nem ouvida porque só uns poucos em nossa sociedade tem uma sensibilidade especial para isso. Nesse caso, ir para uma dimensão fora do planeta, mesmo que seja um lugar divino, é perder contato, é estar longe dos seres amados. Esta perspectiva para mim é dolorosa. (F.18)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

Crença na sobrevivência do espírito / alma

➤ [...] Lá no meu íntimo mesmo, eu não aceito a morte. Se bem que morte mesmo não existe porque o espírito sobrevive... (F. 18)

Crença na continuidade da vida, em uma dimensão fora do planeta

➤ [...] ir para uma dimensão fora do planeta é perder contato, é estar longe dos seres amados e isso dói. (F. 14)

➤ [...] Passei um bom tempo da minha vida desacreditando numa dimensão que não fosse a material. [...] Até que um dia eu tive plena consciência de que um tipo consciência ou energia especial estava se unindo a mim, por motivos até então desconhecidos para mim. (F. 22)

Crença na possibilidade de comunicação dos espíritos com o plano terreno

➤ Um dia eu não estava nem pensando numa amiga recém falecida, e de repente, recebi telepaticamente, uma pequena solicitação dela. [...] Atualmente, de vez em quando, [...] recebo “recadinhos”, pequenas mensagens de pessoas falecidas para seus parentes. (F.4)

➤ [...] Dói em mim, imaginar que sem meu corpo físico, eu tentarei me comunicar e expressar o meu amor e até orientar, por exemplo quando se tratar dos meus filhos e netos, e simplesmente não serei vista nem ouvida porque só uns poucos em nossa sociedade tem uma sensibilidade especial para isso... (F. 18)

➤ [...] Passei um bom tempo da minha vida desacreditando numa dimensão que não fosse a material. [...] Até que um dia eu tive plena consciência de que um tipo consciência ou energia especial estava se unindo a mim, por motivos até então desconhecidos para mim. (F. 22)

➤ [...] hoje eu acredito que pode haver comunicação entre os vivos de cá e os vivos de lá e vice-versa. Hoje eu sei por experiência própria que orientações conselhos e

ajudas vêm “via fax” do além para nós, e para todos aqueles que estiverem antenados... (F. 24)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Detentor do poder e dos mistérios da existência

- [...] acho inconcebível, cruel, que alguém em pleno exercício de suas atividades, com todo gosto de viver, seja retirado deste plano, sem uma consulta prévia, para ver se era realmente seu desejo partir. (F. 6)
- [...] sentia até uma ponta de revolta com esta situação de ver a minha existência, a minha vida, fora do meu controle, pois a qualquer momento, meus planos poderiam ser interrompidos pela vontade de um ser superior. (F. 8)

Ser misericordioso e protetor

- O [...] Deus em que acredito e sinto sua proteção pairando sobre nós, é um Deus de misericórdia infinita e que estende as mãos para todos... (F. 28)

Ser “presença”

- [...] Hoje tenho certeza absoluta que a dimensão divina perpassa o meu cotidiano assim como o cotidiano de todos nós. A diferença é que hoje eu percebo, sinto, sei enquanto que a maioria ainda continua como eu era antes, a margem da realidade extra-física... (F. 22)
- [...] portanto o Deus que eu me comunico é um Deus da vida e do cotidiano. É um Deus presença e que me fala muitas vezes através de seres que sei estão debaixo de sua proteção. (F. 30)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Comunicação espontânea com seres já falecidos

➤ ... Decididamente foi o fato de eu receber uma comunicação que eu atribuo a ter vindo de outra dimensão. Isso foi um fato que se repetiu mas sempre que acontece, ainda me mobiliza muito, é como se fosse ainda um pouco de novidade... (F. 32)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da crise

➤ Completamente cética

Fator desencadeador da crise:

Experiência extra-sensorial: CAM (comunicação após a morte)

➤ Um dia eu não estava nem pensando numa amiga recém falecida, e de repente, recebi telepaticamente, uma pequena solicitação dela. [...] Atualmente, de vez em quando, [...] recebo “recadinhos”, pequenas mensagens de pessoas falecidas para seus parentes. (F.4)

➤ [...] Hoje eu não sou católica como era na época de criança e adolescente, nem cética o quanto fui desde a minha época de faculdade até quando a primeira experiência especial ou “extra-sensorial” me sucedeu... hoje também não sou espírita como muitos pensavam que eu fosse me tornar por conta das minhas vivências de comunicação com os já falecidos e das minhas leituras acerca do mundo extra-físico. (F. 22)

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Atitude de distanciamento

➤ [...] Hoje eu não sou católica como era na época de criança e adolescente, nem cética o quanto fui desde a minha época de faculdade até quando a primeira experiência especial ou “extra-sensorial” me sucedeu... (F. 22)

Pouco freqüentadora dos templos religiosos

➤ [...] Freqüentar mesmo, não freqüento regularmente nenhuma, mas freqüento eventualmente a católica e a espírita. Não sinto muita necessidade de ir a cultos, mas sinto necessidade de orar várias vezes ao dia para me fortalecer e para me conectar pois muitas vezes tenho idéias e sinto concretamente certas coisas que me ajudam muito a me direcionar na vida, inclusive recebendo orientações sobre assuntos ou situações em que estou confusa, portanto o Deus que eu me comunico é um Deus da vida e do cotidiano. (F. 30)

Visão mais crítica, apresentando posições diferentes acerca da escatologia

➤ Em relação ao inferno penso completamente diferente. O meu Deus, em que acredito e sinto sua proteção pairando sobre nós, é um Deus de misericórdia infinita e que estende as mãos para todos. Inferno eterno nunca, nunca! Durará o tempo do arrependimento. Para mim, todo aquele que estiver ardendo no remorso e na dor da culpa, tomar consciência de que há um Deus Pai/Mãe a lhe estender a mão e que só depende dele livra-se do orgulho da culpa e dos condicionamentos antigos, o inferno se desfaz... Esse é o Deus que hoje tenho certeza governa o mundo. Mas, infelizmente, não é o que foi repassado para nós na época da minha juventude e ainda é hoje, em muitas igrejas onde a idéia é provocar mudanças nas pessoas através do medo e da culpa. (F 28)

Experiência íntima com o sagrado

➤ [...] mas sinto necessidade de orar várias vezes ao dia para me fortalecer e para me conectar pois muitas vezes tenho idéias e sinto concretamente certas coisas que me ajudam muito a me direcionar na vida, inclusive recebendo orientações sobre

assuntos ou situações em que estou confusa, portanto o Deus que eu me comunico é um Deus da vida e do cotidiano... (F. 30)

Crença essencial: na misericórdia e no amor divino

➤ [...] o meu Deus em que acredito e sinto sua proteção pairando sobre nós, é um Deus de misericórdia infinita e que estende as mãos para todos. [...] Esse é o Deus que hoje tenho certeza governa o mundo. (F. 28)

Síntese Interpretativa

O depoimento de Leônia revela um aspecto de sua própria personalidade, admitido por ela: uma pessoa dividida e envolvida em muitas contradições, pesando os prós e os contras das situações que lhe são apresentadas. De origem católica tradicional ela se recente dos ensinamentos contraditórios e pouco verdadeiros que foram lhe passados pelas pessoas significativas, em relação à religião. Só veio a despertar para as incoerências e contradições dos ensinamentos recebidos no final de sua adolescência, o que culminou com a entrada na universidade onde segundo seus depoimentos recebeu forte influência dos filósofos estudados naquela época, que reforçavam uma postura cética e materialista em relação a existência. Até que um dia, foi apanhada de surpresa por experiências vividas e impossíveis de serem negadas. O que representou um forte impacto em sua vida. Saiu da condição materialista convicta para a situação incômoda e insegura de peregrina, andarilha indo em busca de respostas para compreender as indagações inúmeras e ensurdecedoras que emergiam do seu íntimo. Pessoa destemida, “buscadora da verdade, custasse o que custasse”, passou a ler e a frequentar vários templos e seitas religiosas, o que parece fortaleceu sua fé em um Deus misericordioso e protetor, de natureza ecumênica e pessoal, que pode ser invocado em qualquer lugar independente de templos religiosos. Sua fé, segundo suas próprias palavras, é de

caráter íntimo e pessoal com Deus, o que a leva a manter um diálogo contante, com Ele em busca de fortalecimento e orientação para o seu dia-a-dia.

Com relação a morte ela, no nosso entender, demonstra ambivalência pois apesar de não sentir medo quando recebe comunicações espontâneas (em sua casa ou em outros ambientes), sente medo e acha abominável morrer porque implicar em ter que se separar talvez definitivamente de pessoas queridas. Ela admite que é muito dolorido e triste a idéia que ela um dia venha a tentar se comunicar com um alguém especialmente querido e perceber que esta pessoa não está captando suas mensagens.

No nosso entendimento, Leônia é uma pessoa que supervaloriza os laços afetivos e familiares. Apesar de carente afetivamente, demonstra muita vontade de viver o mais plena e autenticamente possível, tanto é que parece sempre disposta a “desvendar as verdades, custe o que custar” e para isso muitas vezes teve que “romper com o estabelecido”, causando desconforto e mágoa em alguns dos seus familiares que não estavam preparados para conviver com os riscos e a ousadia, mesmo que saudável, daqueles que são mais corajosos no processo de viver.

Percebemos que Leônia é essencialmente ecumênica e quando ela se assume como “cristã-espiritualista”, possivelmente foi por ser a denominação que lhe pareceu mais abrangente e capaz de acolher quase todos os segmentos religiosos, menos aqueles que ela considera pouco saudáveis, porque fazem parte de sistemas fechados que, “freqüentemente, excluem o ‘diferente’”.

Quadro 8 – Entrevista Leônia

<u><i>Percepções ou Representações acerca da Morte</i></u>	<u><i>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</i></u>	<u><i>Crenças em Relação ao Pós-Morte</i></u>
<ul style="list-style-type: none"> • Algo abominável • Algo inconcebível e cruel 	<ul style="list-style-type: none"> • Mágoa • Revolta • Apego 	<ul style="list-style-type: none"> • Crença na sobrevivência do espírito / alma • Crença na continuidade da vida, em uma dimensão fora do planeta • Crença na possibilidade de comunicação entre os espíritos dos falecidos com as pessoas do planeta
<u><i>Percepções ou Representações acerca de Deus</i></u>	<u><i>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</i></u>	<u><i>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</i></u>
<ul style="list-style-type: none"> • Detentor do poder e dos mistérios da existência; • Ser misericordioso e protetor • Ser “Presença”. 	<ul style="list-style-type: none"> • CAM - Comunicação Após a Morte 	<p><u><i>Antes da Crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Cética <p><u><i>Fator Desencadeador da Crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • CAM <p><u><i>Transformações a partir da crise</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Crença e religião com divina. • Freqüência assídua a centros espíritas. • Frequentando, raramente, templos religiosos, inclusive espíritas. • Fé íntima e estilo pessoal de viver a sua religiosidade. • Percebe-se como cristã-espírita.

6.9 CASO BELITA

Nome: Belita*

Sexo: Feminino

Idade: 75 anos

Nível de Instrução: Nível Superior (Mestrado)

Atividade Profissional: Psicóloga

Estado Civil: Solteira

Religião: “nenhuma institucionalizada”

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Não representa o final da existência

➤ [...] A existência humana não é finalizada pela morte. Nada acaba, mesmo! Eu não entendo mesmo porque é que o pessoal não se deu conta da profundidade do que Lavoisier já dizia há tanto tempo... reduziram a idéia dele só para a biologia! Meu Deus! Nada se perde... nada morre... tudo se transforma! (F. 34)

Transição para um outro nível de consciência

➤ [...] acho que vou poder admitir que a vida em mim vá se esvaindo... acho que esta consciência que já tenho, vai me ajudar a deixar acontecer a minha própria “transição” [...] dessa matéria densa e me perceber como pura luz... (F.38/36)

* Outros dados que melhor esclarecem sobre sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Alívio

➤ [...] a morte dos meus parentes queridos, para mim, significou mais alívio que dor [...] (F.6)

Vazio

➤ [...] Ficou o *vazio* da presença [...] (F.8)

➤ [...] Eu senti [...] um *vazio*, uma saudade tão imensa que eu nunca imaginei que iria sentir... doía... doía muito e eu perdi até o gosto de passar pelos lugares onde antes passeávamos, era muito doloroso passar por aqueles jardins, por aqueles recantos e lembrar das nossas conversas e, sobretudo, da ternura e do cuidado com que ele me cercava em quase todos os momentos... Mas mesmo naquela situação em que eu estava, sozinha num lugar distante, eu posso lhe garantir que *não me desesperei, não me revoltei*. (F. 26)

➤ [...]É, estou falando de uma dor imensa... fortíssima... uma saudade... *um vazío*... mas sem desespero. (F. 28)

Saudade

➤ [...] eu senti uma imensa saudade, senti a falta, nos primeiros meses era como se a vida estivesse ficado sem cor, mas aos poucos foi voltando ao normal, o que pesou mesmo foi a angústia, uma angústia dilacerante por vê-los sofrer daquela forma [...] (F.6)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

A vida continua em outra dimensão

➤ [...] tenho absoluta certeza que a vida continua e que meus pais não estão mais sofrendo as dores relacionadas ao seu corpo mais denso, o físico. (F. 8)

Libertação do sofrimento

- [...] meus pais não estão mais sofrendo as dores relacionadas ao seu corpo mais denso, o físico. (F. 8)
- [...] Quando você descobre novos aspectos da realidade que antes para você era incompreensível ou até que você desconhecia, então é uma alegria! Você vibra! Você fica feliz... acontece uma verdadeira libertação dos limites impostos pelo corpo material. Agora, imagine você se libertando dessa matéria densa e se perceber como pura luz... não vai ser uma coisa maravilhosa? [...] (F.36)

Ampliação da Consciência

- [...] Quando você descobre novos aspectos da realidade que antes para você era incompreensível ou até que você desconhecia [...] acontece uma verdadeira libertação dos limites impostos pelo seu corpo material. Agora, imagine você se libertando dessa matéria densa e se perceber como pura luz [...] (F.36)
- [...] Ampliando a consciência, muda conseqüentemente, a nossa forma de ver e sentir a vida e conseqüentemente, a morte, que simplesmente na perspectiva quântica, não existe! (F.36)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Primeiro Momento

Deus terror: que vigia e pune

- [...] um Deus “terror”, que vigiava e estava pronto a punir mesmo pelas pequenas faltas... existiam muitos ensinamentos de um caráter tirânico que corroíam minha alma ou meu psiquismo... eu precisei... provocar essa ruptura com a religião (mesmo sem disso ter consciência) até para poder refletir sobre os meus valores pessoais e os religiosos... (F. 20)

Segundo Momento

Deus amor incondicional

➤ [...] hoje, graças a Deus, vivo em profunda comunhão com Ele, um Deus que é, sobretudo, amor incondicional, que nos acolhe, que nos ampara independente das circunstâncias. (F. 20)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

➤ Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item.

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Identidade religiosa antes da Crise

➤ Evangélica

Fator desencadeador da crise

➤ Morte do pai num contexto de *dor dilacerante*

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Raiva de Deus

➤ [...] eu vi meu pai morrer de câncer, um dia eu ouvi e vi meu pai, já fraquinho, o corpo definhadozinho, lá ajoelhado no seu quarto, ao lado da cama implorando a Deus que aliviasse o seu sofrimento... ele dizia (ele não percebeu a minha presença, mas eu ouvi a sua prece, pela porta entreaberta) ele dizia à Deus que não estava pedindo para não morrer... ele estava pedindo só para aliviar suas dores que eram simplesmente terríveis... mas esse pedido dele não foi atendido... suas dores continuaram lancinantes... e a dor dele, os seus gemidos dilaceravam minha alma.

Então eu pensei: bom, se na Bíblia está escrito que “o que pedires ao meu Pai, em meu nome, recebereis”... então... que história é essa? Vi meu pai morrer de uma forma tremendamente dolorosa (metástase no fígado e outros órgãos... foi tremendo... foi horrível... nem é bom lembrar...) então eu fiquei realmente com muita raiva de Deus (disse isso com um meio sorriso encabulado)... (F. 14)

Reafirmação e amadurecimento da fé

➤ [...] Hoje posso te garantir que sou uma pessoa muito mais religiosa do que eu era naquela época, há dezenas de anos atrás, quando freqüentava religiosamente os cultos da congregação a qual freqüentava. (F. 02)

➤ [...] Religiosa no sentido mais etimológico da palavra, onde religião significa religação com o divino, com o uno, com o todo, com o imponderável que a gente busca compreender mas... essa busca que eu venho empreendendo, eu tenho feito com liberdade de questionar, de alterar... dentro de uma atmosfera de *relativa certeza*... fico admirada de como eu agüentei até uma idade bem amadurecida estar bitolada aos valores da minha religião, pois eram rígidos demais, muito semelhante as regras de um quartel, ou pior, de um campo de concentração... (F. 20)

➤ [...] Então hoje eu vivo entrando em contato com tudo o que me chega, através de leituras, palestras, conversações, etc. Tentando “depurar” e tirar dali o que eu, através das minhas reflexões e intuições, percebo como mais importantes... Eu me “abri” a outras realidades e, com isso, alarguei meus horizontes. (F. 16)

➤ [...] a física quântica [...] tem nos ajudado a ampliar nossas consciências no sentido de nós começarmos a ver mais longe... é um descortinar de horizontes nunca antes imaginado, entendeu? A física quântica, por exemplo, está comprovando cada mais que somos todos um, que não há separatividade... que tudo está interligado, como um sistema de rede onde os múltiplos pontos estão intimamente conectados... então... de acordo com esta nova visão, não existe tempo e espaço da forma como até então imaginávamos. Vemos também o quanto ainda o mundo é percebido por nós dentro de um parâmetro de densidade... a matéria nos parece como densa... mas na verdade, a realidade pode ser vista como algo muito mais sutil

e, nós seres humanos, também não somos apenas o que aparentamos ser... há um mundo subatômico... há um mundo de elétrons a ser admitido por nós... Também nas relações do nosso dia-a-dia... veja só, está comprovado cientificamente que os elétrons têm em seu núcleo um tipo de *luz imperecível*... (F.30)

➤ [...] segundo Wilber, um bioquímico estudioso da física quântica, a consciência é um fenômeno quântico, portanto, a nossa *consciência independe de* tempo, de espaço e limitação e estaria mais ou menos limitada, dependendo de nosso nível de evolução, entende? Vida portanto seria consciência em evolução... um processo contínuo.... ininterrupto... (F. 32)

Síntese Interpretativa

Para Belita, a morte não representa o final da existência do ser humano. Desde criança foi socializada recebendo os valores típicos de uma família de religião evangélica, cresceu e se tornou adulta vivenciando de forma comprometida, os valores do seu contexto familiar. Frequentava, religiosamente, a sua igreja e se comportava de forma coerente com os valores vigentes. Até que um dia, deparou-se com o seu pai implorando fervorosa e humildemente à Deus que suavizasse as suas dores lancinantes. Segundo Belita, Deus não se comportou de forma coerente com o que lhe é atribuído na bíblica: “o que pedires ao meu Pai, em meu nome, recebereis”. Tal fato representou uma ruptura drástica na identidade religiosa de Belita, que afastou-se completamente da igreja e passou a sentir raiva e decepção em relação a Deus – tornou-se avêssa a todo e qualquer rito ou cerimônia religiosa.

Passaram-se os anos, a meia-idade chegou e com ela os questionamentos sobre o sentido da existência, a fase que Carl Jung identificou como momento existencial mais propício para o ser humano desenvolver o seu potencial para a transcendência. Belita então, diante do vazio existencial de sua vida, passa a reavaliar seus antigos valores religiosos e reformula a sua religiosidade, passando a

viver “ de uma forma muito pessoal, muito peculiar, seguindo uma escuta mais interiorizada” de si mesma. (F. 14)

Belita, rompendo com a sua religião herdada e “dogmática”, foi reconfigurando sua religiosidade e hoje vive “entrando em contato com tudo o que [...] chega através de leituras, palestras, conversações. Ela tenta “depurar” e viver a partir de suas próprias reflexões, segundo seu próprio depoimento, ela se abriu para outras realidades, e, com isso, alargou seus horizontes.

Dentro do seu novo estilo de vivenciar sua religiosidade, o Deus “terror”, transformou-se em um Ser que é “amor incondicional” e com isto, suas concepções em relação a vida e a morte, sofreram modificações radicais. Belita não teme absolutamente a morte e de acordo com seu depoimento, ela afirma isso a partir de “vivências” e não por conta de uma postura meramente filosófica. Percebe a morte como um processo natural, uma transição necessária para um outro nível de consciência e percebe o homem com um ser em constante evolução, mesmo que esteja em outros planos ou dimensões da Vida, que vai muito além da existência humana.

Quadro 9 – Entrevista Belita

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Não representa o final da existência • Transição para um outro nível de consciência 	<ul style="list-style-type: none"> • Alívio • Vazio • Saudade 	<ul style="list-style-type: none"> • A vida continua em outra dimensão • Libertação do sofrimento • Ampliação da consciência
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Deus Terror: que vigia e pune • Deus amor incondicional 	<ul style="list-style-type: none"> • Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item. 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Evangélica <p><u>Fator Desencadeador da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Morte do pai num contexto de dor dilacerante <p><u>Transformações a partir da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Raiva de Deus. • Religação com Deus, a partir de uma nova concepção de Deus e do sentido da vida. • Reafirmação e amadurecimento da fé. • No seu lar vivencia oração e meditação em grupo.

6.10 CASO ANA

Nome: Ana *

Sexo: Feminino

Idade: 54 anos

Nível Instrução: Superior

Atividade Profissional: Aposentada

Estado Civil: Divorciada

Religião: Espírita

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Acontecimento que deixa a vida de cabeça para baixo

➤ [...] Não é fácil falar de uma situação que revirou minha vida de cabeça para baixo... (F. 02)

Passagem para a verdadeira vida

➤ [...] Que aqui na maioria dos momentos nos advém sofrimentos que têm como finalidade nos preparar para a verdadeira vida, que esta existência terrena é curta e transitória... (F. 22)

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

Um fardo quase insuportável

- [...] Só Jesus, com sua infinita doçura e misericórdia... pode salvar da loucura ou do desespero pessoas que passaram pelo que eu e minhas filhas passamos! (F. 22)
- Para mim a morte das minhas filhas representou muita dor, muito sofrimento, [...] um fardo quase insuportável. (F. 05)

Situação geradora de profunda aprendizagem

- [...] Mas, graças a Deus sou espírita e creio com convicção de que nada que nos acontece é por acaso. Minhas filhas, eu e toda minha família, porque até os outros filhos, os saudáveis, também muito sofreram com isto, mas todos e cada um de nós precisávamos passar por aquelas *lições duras*, extremamente dolorosas, entendeu? [...] (F.4)
- [...] é uma situação de aprendizagem difícil, mas absolutamente necessária... que a gente não deve se apegar demasiadamente a nada que conseguimos aqui neste plano pois pode nos escapar como areia entre nossos dedos [...] (F.22)
- [...] a doutrina espírita nos prepara para estas situações, fornecendo as explicações para todo esse mal alucinante que nos cerca [...] (F. 22)
- [...] Líamos também a parte filosófica da doutrina espírita e refletíamos sobre muitas passagens do Livro dos Espíritos... que nos ajudava a compreender o sentido de tudo aquilo que passávamos e íamos enfrentar na situação após a morte... era uma aprendizagem que incluía o nosso intelecto e também as nossas emoções... uma dolorosa mas rica aprendizagem! (F. 06)

Libertação

- [...] libertação de tudo o que parecia a elas incompreensível, difícil de entender... por exemplo como poderiam elas tão jovens entenderem que naquele mesmo momento em que elas se encontravam chorando de dor, presas a uma máquina, tomando soro, e sangue, milhares de juvenzinhos da mesma idade, se divertiam

tomando coca-cola e sorvete, felizes e descontraídos nas lanchonetes dos Shoppings? É possível se pensar num Deus que não sente compaixão por seus filhos? É possível se pensar num Pai que permite uma vida privilegiada para uns e desgraçada para outros? (F. 06)

Crise desencadeadora de amadurecimento

- [...] me sinto fortalecida e que as lágrimas e o embargo na minha voz são sinais apenas que sou humana e que, onde hoje há cicatrizes, havia ferida sangrando. Hoje me sinto sarada, percebo-me muito bem [...] (F.26)
- [...] me sinto uma pessoa alegre... feliz... mesmo com estas cicatrizes; eu até me pego admirada [...] quando vejo o brilho do meu próprio olhar, no espelho. (F. 26)
- [...] Dou graças à vida, dou graças ao nosso Deus pela profunda aprendizagem e pelo infinito amor que foi derramado por Ele e pelo seu filho Jesus, através desses espíritos, verdadeiros amigos espirituais que com a permissão divina se aproximam de nós para nos abençoar, fortalecer, orientar. Deus seja louvado [...] (F.26)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Impotência absoluta

- [...] a gente se percebia com um sentimento de impotência absoluta... lutarmos com todas as forças, envidando os maiores esforços para conseguirmos os órgãos (e você deve imaginar a fila... e as dificuldades...) e nós conseguimos! cada batalha vencida era aquela emoção pelo que conseguimos... mas depois tudo escapou pois nossas filhas rejeitaram os órgãos transplantados. (F. 22)
- [...] O meu sofrimento foi maior... Uma sensação de impotência, de frustração... (F. 12)

Dor quase insuportável

- Para mim a morte das minhas filhas representou muita dor, muito sofrimento, um sofrimento... um fardo quase insuportável. (F.06)

Gratidão

- [...] eu nunca pensei que poderia de novo me sentir feliz, leve, de bem com a vida. Perdi minhas duas filhas, sofri dores agudas em ver o sofrimento físico e emocional delas, perdi também meu esposo, mas hoje chega me admiro de perceber que tudo está voltando aos seus lugares... me sinto uma pessoa alegre... feliz... mesmo com estas cicatrizes. Dou graças à vida, dou graças ao nosso Deus pela profunda aprendizagem e pelo infinito amor...(F. 26)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

Crença na reencarnação

- [...] as piores dores, os mais agudos sofrimentos advém não por um castigo de Deus, nosso Pai que nos ama infinitamente, tudo... são colheitas que somos forçados a fazer das sementes que plantamos anteriormente como conseqüências de nossas próprias imperfeições [...] (F.22)
- [...] E eu, que na outra existência também era mãe delas, fechava os olhos a tudo... deixei que as coisas corressem e não usei dos meus próprios recursos para dar um basta... então, fui absolutamente conivente...resultado, nesta existência cá estou eu, não sofrendo na carne, porque eu concretamente não plantei, mas como mãe, conivente que fui, tive que voltar e desta vez estar ao lado delas mas, como uma verdadeira mãe, apoiando, orientando e sofrendo com elas... (F. 22)

Crença na comunicação dos espíritos

- [...] hoje eu recebo mensagens! Mensagens lindas! Tenho um baú lá em casa repleto de mensagens delas. (F. 22)

- [...] Eu recebia mensagens belíssimas de irmãos já desencarnados (mortos), algumas até desvendando alguns véus do nosso passado [...] (F. 22)
- [...] Do centro espírita chegavam também mensagens de espíritos, [...] eu as comentava com as minhas filhas...nada era evitado [...] (F.08)
- [...] através desses espíritos, verdadeiros amigos espirituais que com a permissão divina se aproximam de nós para nos abençoar, fortalecer, orientar.(F.26)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Ser de infinita doçura e misericórdia

- [...] Só Jesus, com sua infinita doçura e misericórdia, Vania, pode salvar da loucura ou do desespero pessoas que passaram pelo que eu e minhas filhas passamos! (F. 22)

Ser justo

- [...] tudo que sofremos aqui são colheitas que somos forçados a fazer das sementes que plantamos anteriormente. Deus é infinitamente amoroso, mas também é justo e sabe que muitas vezes a aprendizagem só acontecerá através do sofrimento.(F. 22)

Detentor do poder e dos mistérios da existência

- [...] “Seja feita a Vossa Vontade, Senhor!” porque só Ele sabe o que é realmente necessário para nós, para nossa evolução espiritual. [...] (F.22)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

Mensagens de outras dimensões através de espíritos

➤ [...] Eu recebia mensagens belíssimas de irmãos já desencarnados (mortos), algumas até desvendando alguns véus do nosso passado onde pudemos ver que não éramos “pobres vítimas” de um destino cego... (F. 22)

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

Antes da Crise

➤ Católica

Fator desencadeador da crise

➤ Doença grave e conseqüente morte de suas duas filhas num contexto de sofrimento dilacerante.

Reconfigurando a identidade: transformações durante ou após a crise

Fazia Indagações acerca do amor e da justiça divina buscando respostas em outro contexto religioso.

➤ [...] como poderiam elas tão jovens entenderem que naquele mesmo momento em que elas se encontravam chorando de dor, presas a uma máquina, tomando soro, e sangue, milhares de jovenzinhos da mesma idade, se divertiam tomando coca-cola e sorvete, felizes e descontraídos nas lanchonetes dos Shoppings? [...] (F.06)

➤ [...] É possível se pensar num Deus que não sente compaixão por seus filhos? É possível se pensar num Pai que permite uma vida privilegiada para uns e desgraçada para outros? [...] (F.06)

➤ [...] Diariamente abríamos o Evangelho segundo Espiritismo e encontrávamos respostas que acalmavam não só os corações delas, mas o meu também. [...] (F.06)

Frequêntadora de um centro espírita

➤ As mensagens que recebia no centro espírita em que freqüento e trabalho, me ajudaram muito a entregar cada dia mais a minha vida e a dos meus filhos nas mãos de Deus. [...] (F.22)

Sensitiva: exercitando a mediunidade

➤ Eu recebia mensagens belíssimas de irmãos já desencarnados (mortos), algumas até desvendando alguns véus do nosso passado [...] (F.22)

Estudiosa da doutrina espírita kardecista

➤ [...] Diariamente abríamos o Evangelho segundo Espiritismo e encontrávamos respostas que acalmavam não só os corações delas, mas o meu também. Líamos também a parte filosófica da doutrina espírita e refletíamos sobre muitas passagens do Livro dos Espíritos, o que representava uma rica aprendizagem que também pela via da razão que nos ajudava a compreender o sentido de tudo aquilo que passávamos e íamos enfrentar na situação após a morte. [...] (F.06)

Quadro 10 – Entrevista Ana

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Acontecimento que deixa a vida de cabeça para baixo • Passagem para a verdadeira vida • Um fardo quase insuportável • Situação geradora de profunda aprendizagem • Libertação • Crise desencadeadora de amadurecimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Impotência absoluta • Dor quase insuportável • Gratidão 	<ul style="list-style-type: none"> • Crença na reencarnação • Crença na comunicação dos espíritos
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Ser de infinita doçura e misericórdia • Ser justo • Detentor do poder e dos mistérios da existência 	<p>Exp. “incomum” ou extra-sensorial</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recebe mensagens de outras dimensões através de espíritos 	<p><u>Antes da Crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Católica <p><u>Fator desencadeador da crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Doença grave e conseqüente morte de suas duas filhas num contexto de sofrimento dilacerante. <p><u>Transformações durante ou após a crise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Fazia Indagações acerca do amor e da justiça divina buscando respostas em outro contexto religioso; • Frequentadora de um centro espírita; • Estudiosa da doutrina espírita kardecista; Sensitiva: exercitando a mediunidade.

6.11 CASO PAULO**6.12 CASO RUTH**

Nome: Paulo*

Sexo: Masculino

Idade: 90 anos

Nível de Instrução: Curso superior em teologia

Atividade Profissional: Aposentado

Estado Civil: Casado

Religião: Evangélica

Nome: Ruth*

Sexo: Feminino

Idade: 75 anos

Nível de Instrução: Nível médio

Atividade Profissional: Do Lar

Estado Civil: Casada

Religião: Evangélica

* Outros dados que melhor esclarecem sobre o sujeito, poderão ser encontrados na síntese interpretativa, ao final deste item.

Delimitação e Descrição Fenomenológica das Unidades de Significado

1ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca da Morte

Portal de passagem para a verdadeira vida

- [...] Isso aqui é passageiro... Ir ao encontro de Jesus, é o que de melhor pode nos acontecer. (F.3)
- [...] O importante é que ele está melhor do que todos nós, está junto ao Pai. (F.15)

2ª Unidade de Significado: Sentimentos Relacionados à Morte / Pós-Morte

Confiança plena e tranquilidade

- [...] Para mim, tanto faz morrer no fogo, na água ou em casa. [...] (F.10)
- Tenho fé [...] e não vou me preocupar com a situação. [...] (F.12)

3ª Unidade de Significado: Crenças em Relação ao Pós-Morte

A morte como última possibilidade da evolução do indivíduo

- [...] até a morte é o momento da decisão. O que tiver de ser feito terá que ser feito ainda aqui na vida terrena. (F.19)

Possibilidade (implícita) de julgamento

- [...] O que tiver de ser feito terá que ser feito ainda aqui na vida terrena. Deus é misericordioso, mas é também justo. (F.19)

4ª Unidade de Significado: Percepções ou Representações acerca de Deus

Pai e protetor

- Na hora da nossa ida, Jesus estará conosco. Tenho fé nisso e não vou me preocupar com a situação. Ele estará no comando. (F.12)

Misericordioso

- Deus é misericordioso [...] (F.19)

Justo

- [...] Deus é sobretudo justo. (F. 19)

Detentor de poder e dos mistérios da existência

- Só desci porque eles ligaram umas três ou quatro vezes lá da portaria... Acredito que se eles estavam insistindo, é porque era também vontade do Pai que nós descêssemos. (F.10)
- Ele (Jesus) estará no comando. (F.12)

5ª Unidade de Significado: Situações Incomuns Relacionadas à Morte

- Não obtivemos dados suficientes para identificação.

6ª Unidade de Significado: Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte

- Identidade religiosa reafirmada ante a possibilidade de morte concreta (incêndio no prédio onde residia).

Síntese Interpretativa de Paulo

Paulo, nascido em família evangélica, ex-ministro de sua igreja, aposentado, demonstrou coerência em relação a questão “medo da morte” e suas crenças de natureza religiosa, quando um dia, diante do perigo de morte iminente (incêndio no edifício em que mora), comportou-se com admirável calma e absoluta ausência de ansiedade: “Tanto faz morrer no fogo, na água ou em casa”.

Manifestou também coerência em relação a concepção que tem de Deus com um “Ser misericordioso e protetor”, quando explicou o motivo de sua tranquilidade no momento do perigo, com as seguintes palavras: “na hora do nossa ‘ida’, Jesus estará conosco... Ele estará no comando”.

Síntese Interpretativa de Ruth

Senhora, de fisionomia, delicada e suave, Ruth mostrou força, coragem e uma fé em Deus admirável, quando com uma extrema tranquilidade enfrentou a possibilidade de morte real, descendo para o jardim do seu prédio, em um momento de incêndio tão calma como se estivesse apenas indo “receber” um pouco dos raios de sol, numa manhã que quase se tornou tragédia.

No segundo encontro que tivemos com Ruth, sua fé foi reafirmada pela tranquilidade demonstrada enquanto falava sobre o falecimento do seu amado esposo. A naturalidade visível no modo como se expressava ao falar da saudade do seu companheiro, reafirmava a sua fé em Deus e a sua crença que a outra vida é realmente a “verdadeira vida” e que o desenlace do seu esposo, não representou impacto nem dor, apenas uma tranqüila saudade.

Vale salientar que o segundo encontro que tivemos com ela aconteceu poucos dias antes do seu falecimento. Não sabíamos que ela estava gravemente enferma, e ela não tocou no assunto. (Ver entrevista 12, apêndice B)

Quadro 11 – Entrevista Paulo e Ruth

<u>Percepções ou Representações acerca da Morte</u>	<u>Sentimentos Relacionados à Morte/ Pós-Morte</u>	<u>Crenças em Relação ao Pós-Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Portal de passagem para a verdadeira vida 	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança plena e tranquilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • A morte como última possibilidade da evolução do indivíduo.
<u>Percepções ou Representações acerca de Deus</u>	<u>Situações Incomuns Relacionadas à Morte</u>	<u>Identidade Religiosa e Reconfigurações a partir da Crise ante a Morte</u>
<ul style="list-style-type: none"> • Pai e Protetor • Misericordioso • Detentor de poder e dos mistérios da existência • Sobretudo justo 	<ul style="list-style-type: none"> • Não surgiu nenhuma situação relevante que possa ser descrita neste item. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identidade religiosa reafirmada ante a crise em relação a morte.

7 ACERCA DA IDENTIDADE RELIGIOSA DOS ENTREVISTADOS

O termo *identidade* é considerado um dos mais controvertidos e polissêmicos dentro da área das Ciências Sociais. Segundo Silva, falar de identidade é falar de diferença, pois ambas se encontram numa relação de estreita dependência, apesar da forma como afirmamos, como expressamos a identidade tende a esconder essa relação.

Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de “humanos”. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que somos humanos. (SILVA, 2000, p. 79)

Pode-se então dizer que o estudo da identidade é o estudo da alteridade, da diferença e também da relação. É perante o outro que a identidade se afirma, é perante a presença do diferente que alguém toma consciência de sua própria identidade.

Se considerarmos a afirmação “sou evangélico”, na verdade temos que admitir também que tal afirmação faz parte de uma extensa cadeia de negações, de expressões negativas de identidades, de diferenças. Por trás da afirmação “sou evangélico” pode-se ler: “não sou católico”, “não sou espírita”, “não sou budista”, “não sou catimbozeiro”...

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham a característica de serem o resultado de uma criação cultural. Significando dizer que não são elementos da natureza, nem elementos essências. São produzidas num contexto de relações culturais e sociais, são uma criação linguística e, portanto, não podem ser compreendidas a não ser como parte dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido.

Silva afirma que a identidade, tal como a diferença é uma relação social e está sujeita a vetores de força e a relações de poder. Elas são impostas, “não convivem harmoniosamente, lado a lado em um campo sem hierarquias; elas são disputadas”. E implicam necessariamente num processo de inclusão e exclusão. Dentro desta perspectiva a tendência da identidade é para fixação. Mas a fixação é uma tendência e ao mesmo tempo uma impossibilidade” (SILVA, 2000, p.81 e 84).

A identidade e a diferença, como já dissemos, não são entidades preexistentes nem são elementos passivos da cultura:

têm que ser constantemente criadas e recriadas [...] A identidade tão pouco é homogênia, definitiva, acabada [...] é uma construção, um efeito, um processo de produção [...] é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada [...] a identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2000, p.97)

A cultura, sem dúvida alguma, é um forte modelador das identidades sociais e individuais, sempre que nos torna possível optar, entre as várias identidades possíveis por um modo específico de subjetividade. A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e novas identidades. Na dinâmica social, as identidades são contestadas gerando crise.

“Identidade” e “crise de identidade” são palavras e idéias bastante utilizadas na atualidade e são vistas pelos estudiosos sociais como características das sociedades contemporâneas.

Quase todo mundo fala agora sobre “identidade”. A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (MERCER *apud* RODRIGUES, 2003)

O mundo atual está em crise. Tudo indica que vivemos em meio a uma crise de identidade nos diversos setores da sociedade. Diferenças, divergências, contradições gritantes constituem um verdadeiro desafio para o homem

contemporâneo. E a ciência tenta entender a natureza dos conflitos buscando soluções viáveis e urgentes.

Segundo Mardones, estamos “em um mundo em que tudo deve ser submetido a uma reflexão, incluída a própria identidade, que, de ser uma identidade mais ou menos dada por suposto, herdada [...] passa a ser uma identidade reflexiva que deve surgir conscientemente” (MARDONES, 1996, p. 111)

As instituições religiosas também estão vivendo um momento de profunda crise, em todo o mundo. Como era de se esperar, aqui no Brasil, os cristãos, mais especificamente, os católicos, parecem estar vivendo uma crise de maior intensidade diante da multiplicidade de caminhos religiosos num mundo em globalização.

O ponto que nos interessa, a partir desse horizonte de múltiplas possibilidades que se descortinam, é reconhecer que crise é oportunidade de amadurecimento, em todos os níveis, inclusive no espiritual ou religioso. E o ser humano, a partir dos seus conflitos existenciais, ao refletir e se confrontar com as contradições, tende a buscar respostas para suas indagações.

Dentro de um contexto onde emergem novos paradigmas, o homem se confronta com múltiplas possibilidades de respostas e conseqüentemente, uma multiplicidade de novos caminhos, a partir de novas interpretações que podem preservar sua crença religiosa, ou não.

Dentro desta perspectiva, atribuir novos significados, tomar caminhos diversos dos apontados oficialmente pela instituição religiosa a que pertencem são tendências que apontam para um processo de adaptação chamado por alguns estudiosos sociais de metamorfose. Porém, como já foi citado, a cultura é um forte modelador de identidades sociais e se sabe que esse processo de modelação simbólica, acontece desde a mais tenra infância, no momento em que o ser humano está extremamente dependente, em todos os sentidos.

Considerando que os laços afetivos, tecidos entre os familiares, influenciam decisivamente a dimensão emocional do homem, presume-se que todos os ensinamentos verbais, não-verbais, “certos” ou “errados”, passados clara ou inconscientemente, vão constituir a subjetividade do ser humano.

Felizmente, conta-se com o dinamismo inerente a cada ser e também, com o conhecimento de que o ser humano é um ser de relações. Neste contexto, o “outro” surge, o “diferente” acontece e desafia, funcionando como elemento transformador.

Mas, quando o “diferente” surge, nem todos estão no “ponto”, preparados para se deixarem “tocar” em profundidade pela “alteridade” que convida, insiste, “intima” o ser humano a não se enclausurar no estabelecido. O novo, o diferente, a alteridade, são desafios, mais que isso: são caminhos para que o processo de amadurecimento aconteça.

“Crescer” não é processo fácil, implica em confrontos, em conflitos, supõe crise. E é nessa perspectiva que neste trabalho de pesquisa, a nossa condição de seres “finitos”, gera crise.

O tipo de crise, o “quantum” de crise, a forma de vivê-la, é cultural, porém, consideramos neste trabalho, que o confronto com a morte quase sempre é um fator gerador de crise, não no sentido comum na perspectiva da nossa cultura, onde a morte representa desagregação e desorganização nas dimensões sócio, psíquica e emocional das pessoas, mas no sentido de que a morte, por implicar perda, gera a necessidade imediata de reorganização, variando de natureza e nível, dependendo do contexto sócio-cultural e religioso daqueles que estão passando pela referida crise.

A morte, dentro dessa perspectiva de crise, independente dos sentimentos que desperta, é uma oportunidade para que o ser humano reflita e faça indagações acerca do sentido de sua existência. Porém, a “resistência” é um mecanismo sempre presente em nossas vidas. O ser humano tende sempre a “resistir” ao novo e por isso, não raras às vezes, ele tende a optar pela estabilidade e com isso, quase sempre retarda o seu processo de “crescimento”.

Assim, acontece com todos nós e, conseqüentemente, com os sujeitos desta pesquisa. Rebeca, por exemplo, médica, viúva e mãe, hoje sem filhos, vive envolvida por dúvidas, fazendo-se indagações acerca de valores religiosos que ela internalizou como verdades. Decidiu procurar o seu pároco, orientador espiritual de muitos anos. Dirigindo-se a ele, Rebeca não foi apenas expressar a sua dor pela perda do seu filho, levou também em sua bagagem existencial, experiências incomuns, do tipo extra-sensoriais, que muito a inquietam e para as quais tem receio de ir buscar

explicações fora da igreja e da religião de sua pertença. Dele não obtendo, porém, respostas convincentes. Ele se mostrou disponível e acolhedor, mas possivelmente, diante do “novo”, confrontando-se com experiências, para ele, “estranhas”, sentiu-se ameaçado e interpretou as vivências de Rebeca de um modo que despertou nela, sentimentos de não ter sido absolutamente compreendida e, conseqüentemente, defendeu-se, desenvolvendo uma atitude de retraimento.

Rebeca, com essa atitude de retraimento, parece desconhecer o que nos diz Vigil:

cada vez mais se impõe a consciência de que hoje já não é possível viver isolados em nossa própria religião, como numa bolha que nos livrasse de qualquer influência de outra religião. Pelo contrário, como declara a sociedade India de Teologia, “numa sociedade pluralista a religião autêntica implica necessariamente na relação com as outras religiões. (VIGIL, 2006, p. 286)

De modo bem diferente, pensam Amon e Leônia, nossas entrevistadas, que são verdadeiras “andarilhas”, em busca da verdade, tanto é que por terem assimilado dos valores e práticas religiosas orientais, sentiram uma certa dificuldade em definir-se em termos de religião, só depois de refletirem e conversarem dentro da própria entrevista sobre suas divergências em relação a Igreja Católica (religião de origem), é que se atribuíram uma denominação engendrada no momento da pesquisa. Para elas, “as grandes religiões não são rivais, mas sim se complementam, como as notas de uma divina sinfonia, cada uma representando um papel importante no grande drama na evolução humana [...]” (TOWNSHEND *apud* VIGIL, 2006, p. 287)

Num movimento diferente, mas com pontos semelhantes, vive Belita, uma outra entrevistada. Ela emergiu de sua crise identitária em relação a religião, representando nitidamente um processo de metamorfose que abrangeu, naturalmente, muitos outros aspectos de sua vida pessoal e profissional:

Hoje eu me percebo uma pessoa mais religiosa que antes. Religiosa no sentido mais etimológico da palavra, onde religião significa religação com o divino, com o uno, com o todo, com o imponderável que a gente busca compreender mais... [...] Minha religião é a partir do meu interior. [...] essa busca que eu venho empreendendo, eu tenho feito com liberdade de questionar, de alterar; hoje eu vivo e quero continuar vivendo dentro de uma atmosfera de *relativa*

certeza... quero hoje pensar de um jeito e amanhã me dar o direito de questionar... de mudar aquela mesma certeza... por estar imbuída de que se trata de uma *certeza aparente* e provisória... [...] agora, nesse momento... pensando melhor neste passado fico admirada de como eu agüentei até uma idade bem amadurecida estar bitolada aos valores da minha religião, pois eram rígidos demais, muito semelhante as regras de um quartel, ou pior, de um campo de concentração... [...] existiam muitos ensinamentos de um caráter tirânico que corroíam minha alma ou meu psiquismo e eu precisei deste corte, de provocar essa ruptura com a religião (mesmo sem disso ter consciência) até para poder refletir sobre os meus valores pessoais e até os religiosos... foi bom! [...] me fizeram dar uma verdadeira guinada... 180° em minha vida [...] Acho que não suportaria pertencer a nenhuma religião institucional porque as religiões tendem a nos aprisionar numa visão limitada demais! Por isso, pratico meditação pelo menos duas vezes na semana e freqüento “religiosamente” um grupo, onde partilhamos idéias e sentimentos a respeito de tudo o que lemos acerca do sentido da vida. A meditação é um meio de me comunicar com Deus de forma mais pessoal e profunda, sem os limites das religiões. [...] Hoje, graças a Deus, vivo em profunda comunhão com Ele. Um Deus que é sobretudo amor incondicional, que nos acolhe, que nos ampara independente das circunstâncias e das religiões. [...] O Deus dos meus pais era um Deus triste e, às vezes, tirano. [...] O Deus que eu amo [...] é um Deus que já visita minha casa. [...] com O qual eu já vivo em permanente diálogo. (Entrevista Belita)

A partir das nossas reflexões acerca de Belita, percebemos o quanto a sua vivência tem sintonia com a posição do estudioso social Ciampa (1998), quando afirma que identidade é metamorfose, implicando necessariamente em um constante processo de transformação evolutiva, possibilitando a construção de novos significados para a vivência de sua religiosidade, também chamada por ela de espiritualidade.

A identidade configura um processo dialético, que amplia o conhecimento da personalidade humana, como também permite um processo de transformação: recriar-se. Ou seja, possibilita que cada ser humano amplie sua consciência de si mesmo, definindo sua própria identidade, tendo condições de recriá-la. (CIAMPA, 1998, p.44)

O processo denominado por Ciampa de “identidade-metamorfose”, pode ser considerado indício que um novo estilo social está emergindo em nossa sociedade, onde o ser humano já se permite, apoiado pelo próprio contexto cultural, a visualizar

novas e múltiplas interpretações da realidade objetiva, proporcionando a si mesmo e a sociedade, a construção de novos valores e significados subjetivos acerca da realidade, possibilitando deste modo a reconfiguração da identidade.

Isso nos faz lembrar uma das mais importantes características da mais recente teoria da identidade social, que é a “auto-atribuição”. Segundo Rodrigues, quem contribuiu com este termo, de modo radicalmente transformador, foi Barth que, ao romper com a idéia de identidade vinculada à cultura e, principalmente, ao fator biológico, concebe os grupos étnicos como um tipo de “*organização social* cujo traço fundamental é a *característica da auto-atribuição ou a da atribuição por outros a uma categoria étnica*”. (RODRIGUES, 2003, p. 33)

Como já referimos acima, Leônia e Amon, possivelmente por não terem conhecido os posicionamentos de Barth e Rodrigues, acima referidos, sentiram-se constrangidas quando não souberam responder com clareza a que tipo de religião pertenciam. Suas fisionomias e seus sorrisos acanhados, nitidamente demonstravam que para elas não ter identidade definida, era algo um tanto quanto vergonhoso, no mínimo constrangedor.

A autoatribuição, a definição de si mesmo como pertencendo ou não a um grupo, como sendo uma das mais importantes características da moderna teoria da identidade social.

Segundo Rodrigues (2003), as pessoas religiosas que percebem incompatibilidade entre os valores da sua religião e suas necessidades e desejos pessoais diante da vida, tendem a buscar novos caminhos e interpretações da sua crença e

“Migram” dentro da própria religião, como quem muda de cidade em busca de melhores condições de vida sem, contudo, mudar de país. Ou seja, dando novos significados à orientação religiosa, é possível elaborar uma identidade religiosa alternativa para vivenciar sua espiritualidade. (RODRIGUES, 2003, p.44)

Portanto, ao construírem uma alternativa para experimentar, numa perspectiva prática, sua “nova” identidade religiosa, dentro da antiga forma de fazê-lo, estariam construindo socialmente uma nova realidade a cerca da identidade religiosa e, com

isso, modificam valores e crenças, adaptando a ética pessoal à modernidade, ainda que baseando-se no mesmo livro sagrado e doutrina religiosa de antes. É assim que vive 25% (vinte e cinco por cento) da amostra, dentro de uma nova visão, um novo paradigma, onde “o humano é sempre ‘uma porta abrindo-se em mais saídas’. O humano é vir-a-ser humano”. (CIAMPA, 1998)

Se alguns dos entrevistados, optaram por viver a sua dimensão religiosa a partir de um novo paradigma, Edite e Rebeca apenas dão passos tímidos, neste sentido. No nosso entender, numa visão interpretativa e conseqüentemente passível de erro, Edite, apesar das grandes divergências com a sua religião de origem, ao reafirmar sua identidade como católica, o faz mais por motivos afetivos, que por comungar com os valores e as práticas de sua religião, posto que a própria Edite admite que freqüenta, apenas raramente, por não agüentar as “babozeiras” ditas pela maioria dos sacerdotes.

Alcides, Lisete, Paulo e Ruth, coincidentemente os sujeitos de idade mais avançada, movimentam-se nos tempos de pós-modernidade, ainda dentro de um estilo onde identidade era sinal de estabilidade. Fixam-se em concepções, dogmas e ensinamentos de uma igreja conservadora, daí repassarem para aqueles com quem convivem. Quanto a eles, parecem tranqüilos em relação ao que está reservado para depois, após a sua morte. Lisete e Alcides, católicos, ainda conseguem expressar, mesmo hesitantemente, seus medos e algumas indagações existenciais, em relação as crenças religiosas de natureza escatológica. Já Paulo e Ruth, por serem tradicionalmente evangélicos, fecham-se, encastelam-se e respondem as indagações a respeito de como percebem a morte e como a finitude repercute em suas vidas, de um modo quase que automático, com sentenças e expressões, “baseadas”, quase que literalmente, nos textos e sermões bíblicos.

Considerando a história de Dolores, o seu percurso e estilo de se movimentar existencialmente, faz-nos supor que a sua identidade religiosa (católica), baseia-se numa fé do tipo “herdada”. A doença e a morte do esposo, representou uma crise de natureza psicoespiritual, pois, foi justamente nesta fase, que ela passou a viver as primeiras indagações a respeito do sentido da vida e do sentido da morte, aproximando-se da igreja e orando fervorosamente por necessidade de se acalmar, “rezando o terço” e lendo um “livrinho de salmos”, “como se engole tranqüilizantes”.

Luzia e Ana, a cada momento de suas conversas e atitudes, denotam a preocupação de reafirmar as suas identidades religiosas. Luzia, católica praticante, pertencendo ao movimento carismático, percebe que a dor profunda que vivenciou com as perdas do seu filho e esposo amados, muito a amadureceu em sua fé. Tanto é que isso se reflete, segundo ela, nos trabalhos que desempenha junto a diversos grupos religiosos, no estado de Pernambuco. Ana, espírita por convicção, médium bem conceituada no contexto onde vive, reforça cada vez mais a sua identidade, a partir de leituras, palestras e trabalhos de cura que desenvolve e retroalimentam sua identidade religiosa.

Revisitando as entrevistas dos sujeitos, pode-se perceber que 67% (sessenta e sete por cento) dos entrevistados vive de forma mais aprisionada as suas identidades religiosas, preocupados em seguir as normas da “religião institucional”, enquanto que 33% (trinta e três por cento) vive como “peregrinos”, caminhando por entre os meandros das diferentes propostas religiosas que compõem o campo religioso, não tendo problemas em passar de uma para outra, ou mesmo de fazer sua própria composição religiosa, com elementos de uma e outra proposta. Aliás, como nos diz Bingemer (2002) e Vigil (2006), reconfigurar as antigas identidades religiosas a partir da multiplicidade de elementos e apelos das várias religiões, já pode ser considerada uma atitude comum na sociedade contemporânea.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda caminhada se faz por etapas. Neste momento, uma etapa decisiva no nosso percurso acadêmico se encerra. Porém, não completamente, pois as questões que nortearam este trabalho de pesquisa, são apenas parcialmente respondidas e, também geram algumas outras que se encontram em aberto e podem representarem fonte de inspiração para outras pesquisas.

Conviver com a morte, mesmo que na perspectiva intelectual, não é tarefa fácil. Como seres de dimensões múltiplas, é impossível ficar imune aos apelos emocionais que surgem a partir das incursões feitas caminhos desconhecidos.

Tratar do tema “morte”, numa perspectiva psico-sócio-espiritual, é ainda mais complexo, pois só metodologicamente podemos dividir o que, numa perspectiva sistêmica, é uno e funciona de modo integrado: o ser humano.

Os objetivos, ao longo deste trabalho, foram identificar pensamentos e sentimentos nos adultos que se confrontam com a situação de morte, visando compreender como esta crise interfere em suas identidades religiosas, bem como averiguar se há entre os sentimentos manifestos, elementos que sugerem medos claros ou latentes em relação à morte, e se haveria alguma correlação entre os possíveis medos em relação à morte com a visão escatológica de suas religiões de pertença.

Como já se disse ao longo deste trabalho, “crise” aqui foi vista como oportunidade de ressignificação de valores e conseqüente amadurecimento. É neste sentido que se supõe que a morte representa, na maioria das situações, um fator de reconfiguração na vida das pessoas e, portanto, em suas identidades religiosas.

Através do método fenomenológico, identificou-se e se dividiu em unidades de significado os conteúdos das entrevistas e assim, já nesta primeira etapa da nossa análise, pôde-se ver que em dez, dos doze entrevistados, a situação de confronto com a morte os leva a refletir, de modo crítico, acerca dos seus valores religiosos ou existenciais. Num segundo momento da análise, percebe-se que alguns deles buscam respostas para as indagações que os inquietam e, quando não

encontram acolhimento ou respostas que os tranqüilizam, buscam outros modos de se defender da dor e da ansiedade que os corroem internamente. Uns se “defendem” retraindo-se, distanciando-se ou rompendo completamente com os laços afetivos que os ligam às instituições religiosas ou pessoas representativas de suas religiões de origem. Outros, num movimento contrário, aproximam-se e intensificam as suas relações com suas instituições ou grupos religiosos, numa provável tentativa de apaziguar a dor ou amenizar o desespero que sentem. Tais atitudes levam a reconfigurações de vários níveis, variando entre o quase imperceptível, e um nível perfeitamente identificável.

Através das análises realizadas, também é possível identificar um movimento digno de nota, no sentido de que abrangeu uma parte significativa da amostragem, pois 25% (vinte e cinco por cento) dos nossos entrevistados, apesar de raramente freqüentarem templos religiosos, declaram que através da meditação fazem do seu lar um lugar sagrado e passam de um tipo de fé herdada, para um tipo de fé pessoal, uma fé que eles, coincidentemente, denominam de “fé íntima”, refletida em seu cotidiano: meditação, orações e diálogo íntimo com Deus. Estes resultados confirmam que, pelo menos nesta situação de pesquisa, a crise ante morte propicia reconfigurações na identidade religiosa dos adultos.

Há ainda outro dado relevante: é evidenciado uma correlação entre o medo da morte e as práticas evangelizadoras em torno da escatologia. 50% (cinquenta por cento) dos entrevistados demonstram claramente que, atualmente ou numa época remota, medo ou pavor em relação à morte, estavam presentes em suas vidas e eles mesmos manifestaram, através de seus depoimentos, a ligação existente entre esses medos e o modo como foram e ainda são socializados, tanto na família, quanto nas outras instituições sociais. Considerando que os sujeitos desta pesquisa estão na faixa etária entre cinquenta e noventa anos, é possível inferir que são pessoas cuja socialização primária aconteceu nos meados do século XX, significando que receberam maciçamente a influência de uma ideologia repressora e inculcadora de medo e culpa, que se reflete nos sentimentos ambivalentes que nutrem em relação a morte. Reportando-se aos depoimentos de Leônia, Alcides e Lisete, evidencia-se que eles nutrem um sentimento de medo tão profundo em

relação a situação imaginária do pós-morte, que a percebem, mais como um “crepúsculo”, do que um “amanhecer”.

Refletindo acerca dos resultados desta pesquisa, percebeu-se também que há uma concordância com os teólogos Renold Blank e Joseph Comblin, quando através de suas obras, demonstram preocupação com o nível de aceitação ou de rejeição do ser humano, em nosso contexto atual, no que diz respeito ao destino do homem depois da vida. De fato, ao longo da pesquisa de Blank, fica evidente que ele deseja transmitir uma mensagem de esperança sobre a morte. O que, no nosso entender, faz sentido, pois também nessa pesquisa que realizamos, constata-se que há um medo subjacente permeando o imaginário e a subjetividade de muitos adultos, em nossa cultura, principalmente entre aqueles que estão numa faixa etária superior a cinquenta anos, posto que é, geralmente, nesta fase que, culturalmente, tornamo-nos sensíveis e despertamo-nos para a consciência da proximidade do nosso destino inevitável: a morte.

Aprende-se muito no contato com os entrevistados. Seus depoimentos revelam uma necessidade de uma ligação mais profunda e autêntica com o sagrado. Alguns, superando condicionamentos que embotam a consciência, conseguem transcender os limites culturais e religiosos e imprimem um caráter pessoal à sua religiosidade, ou seja, à sua forma de se relacionar com o divino, no seu cotidiano. Outros porém, menos ousados, não conseguem superar as circunstâncias da qual fazem parte e navegam nos mares da culpabilidade e do medo.

Lembramo-nos das palavras de Edite, uma das entrevistadas, que reafirma sua identidade católica, ao reconhecer o carinho e a gratidão que sente por tudo que viveu de bom na sua religião – como esquecer os momentos bons vividos, desde pequenina, nos colégios internos por onde passou? – Lembra com saudades das missas com seus belos cânticos e da reverência comovida com que participava da “comunhão”... “Divergências sempre hão de existir... acontece nas melhores famílias...” Mas como agüentar “o besteirol” da maioria dos sermões? “Cabe à Igreja Católica, enquanto instituição, sair da torre de marfim em que se enclausurou e se abrir para as novas situações que talvez o próprio Deus esteja permitindo acontecer”. O que foi dito por Edite, talvez se possa atribuir a muitas instituições religiosas, bem como aos educadores, que, “enclausurados em suas torres de

marfim”, cristalizam seus conceitos e percepções, não assumindo o papel de mediadores, impedindo deste modo, que “novos ventos” ajudem na construção de novas mentalidades.

Para esta mestranda, particularmente, foi muito significativo produzir esta pesquisa, que apesar de pouco abrangente, forneceu resultados dignos de reflexão e que talvez representem um incentivo para que se continue trabalhando, academicamente, a partir deste tema, que poderá ser enriquecido, com pesquisas futuras, com outros vieses.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M.M. A investigação do humano: um debate. in **Estudo de psicologia**. Campinas (SP), v. 11, n. 3, 1994, p. 73-77.

_____. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. in **Estudo de psicologia**. Campinas (SP), v. 13, n. 1, 1996. p. 5-10.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ASSAGIOLI, R. **Psicossíntese**. São Paulo: Cultrix, 1982.

BERTOLUCCI, E. **Psicologia do sagrado: psicoterapia transpessoal**. Brusque: Agora, 1991.

BINGEMER, M. C. **Escatologia cristã**. São Paulo: Vozes, 1996.

BINGEMER, M.C.L. **Faces e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado**. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.

BLANK, R. J. **Esperança que vence o temor: o medo religioso dos cristãos e sua superação**. São Paulo: Paulinas, 1995.

BOFF, L. **Vida para além da morte**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A nossa ressurreição na morte.** Petrópolis: Vozes, 1996.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BROMBERG, M.H. et al . **Vida e morte: laços da existência.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

CAPRA, F. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **A sabedoria Incomum.** São Paulo: Cultrix, 1988.

CHANEY, E. **O Mistério da morte.** São Paulo: Cultrix, 1988.

CHAVES, A. P. S. **Experiência de pais na relação com filho autista: um estudo qualitativo.** Campinas: PUC-Campinas, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortês, 1995.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

COMBLIN, J. **Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação.** São Paulo: Paulus, 1996

CRESPI, F. **A experiência religiosa na pós-modernidade.** São Paulo: EDUSC, 2005.

D'ASSUMPÇÃO, E. A. **Os que partem os que ficam**. Petrópolis: Vozes, 1990

FADIMAN, J; FRAGER, R; **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1979.

FIORES, S; GOFFI, F. **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1993

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. São Paulo: Pineiro, 1993.

FRANKL, V. **Um sentido para a vida**. São Paulo: Santuária, 1989.

GIMENES, M.G. **Passagem: um desafio ao amor**. São Paulo: Portallis, 2001.

GOLDEBERG, B. **Uma tranqüila transição: A arte da morte consciente e da libertação da alma**. 4 ed. São Paulo: Pensamento, 2004.

GOSWAMI, A. **A física da alma**. São Paulo: Aleph, 2005.

GREY, M. **Voltando da morte**. Porto Alegre: Kuarupe, 1997.

GROF C. & S. **A Tempestuosa busca do ser**. São Paulo: Cultrix, 1990.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HENNEZEL, M. & LELOUP, J.Y. **A Arte de morrer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

JAFFÉ, A; FREY-ROHN. L; FRANZ, M.L. **A morte à luz da psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1980.

JUNG, C. G. **Escritos diversos** (Obras Completas vol. XVII pág. 118) In: BRENNAN, Anne - BREWI, Janice. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____, **Memórias, sonhos e reflexões**. São Paulo: Nova Fronteira, 1978.

KASTEMBAUM, R; AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Concisa, 1983.

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **A roda da vida**: memórias do viver e do morrer. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

_____. **Morte**: estágio final da evolução. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **O túnel e a luz**: Reflexões essenciais sobre a vida e a morte. Campinas: Verus, 2003.

_____. **Sobre a morte e morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

KUSHNER, H. S. **Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas**. São Paulo: Nobel, 1988.

LA BROSSE, O; HENRY, A. M; ROUILLARD, P. **Dicionário de termos da fé**. São Paulo: Santuário. 1989.

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Estampa, 1981.

LELOUP, J. Y. **Além da luz e da sombra**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O espírito na saúde**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LIBÂNIO, J. B. **Teologia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1987.

MOODY, R. **Vida depois da vida**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

_____. **Reflexões sobre a vida depois da vida**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1977.

_____. **A luz do além: novas revelações pelo autor de vida depois da vida**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

_____. **O poder transformador das experiências de quase-morte**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MORSE, M. & PERRY, P. **Transformados pela luz**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1997.

_____. **Visões do espírito: como as pessoas vêem a vida e a morte**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.

REIS, J.J. **A morte é uma festa**. São Paulo: Companhia de letras, 1998.

REVISTA CIÊNCIAS & VIDA PSIQUE. **Volta da morte**, Editora: Jussara Goyano.

RING, K. **Lições da luz**. São Paulo: Summus, 2001.

_____. **Efeitos comuns da EQM** - O que a luz nos ensina, São Paulo: Summus, 2001.

ROGO, D. S. **Além da realidade**: o papel que as dimensões anexas representam em menorvidas. São Paulo: Ibrasa, 1994.

_____. **Volta à Vida**: Experiências no limiar da morte. São Paulo: Ibrasa, 1994.

SALDANHA, V. **A Psicoterapia transpessoal**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1999.

_____. **Apostila do Curso de Formação de Especialização em Psicologia Transpessoal**, São Paulo: Alubrat, 2001.

SILVA, T.T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn, W. – Petrópolis: Vozes, 2000.

SOMMERMAN, A. **Inter ou transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2006.

TILLICH, P. **A coragem de ser**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

VIGIL, J.M. **Teologia do pluralismo**: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

WALSH & MCGOLDRICK. **Morte na família**: sobrevivendo às perdas. Porto Alegre, Artes médicas, 1998.

WALSH, R. N & VAUGHAN, F. **Além do Ego**: Dimensões Transpessoais em Psicologia. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1997.

WEIL, P. **A Morte da Morte**. São Paulo: Gente, 1995.

_____. **As fronteiras da evolução e da morte**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

WILBER, K. **O projeto atman**: uma visão transpessoal do desenvolvimento humano. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Psicologia integral**: consciência, espírito, psicologia, terapia. São Paulo: Cultrix, 2000.

WOOLGER, R. **As várias vidas da alma**. São Paulo: Cultrix, 1987.

APÊNDICE

PERGUNTAS NORTEADORAS DA PESQUISA

a) *Como você percebe a morte?*

b) *Como a sua vivência relacionada a morte interferiu ou vem interferindo na sua identidade religiosa?*